



GEOVANI IRUAM DELFINO CANDIDO

**REFLEXÕES SOBRE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E INTERCULTURALIDADE
DE INTERCAMBISTAS DA UFLA**

**LAVRAS-MG
2025**

GEOVANI IRUAM DELFINO CANDIDO

**REFLEXÕES SOBRE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E INTERCULTURALIDADE
DE INTERCAMBISTAS DA UFLA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Tania Regina de Souza Romero
Orientadora

**LAVRAS-MG
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Candido, Geovani Iruam Delfino.
Reflexões sobre construção identitária e
interculturalidade de intercambistas da UFLA. / Geovani Iruam
Delfino Candido. - 2025.
153 p. : il.

Orientador(a): Tania Regina de Souza Romero.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade
Federal de Lavras, 2025.
Bibliografia.

1. Intercâmbio. 2. Pesquisa Narrativa. 3. Identidade. 4.
Interculturalidade. 5. Avaliatividade. I. Romero, Tania Regina
de Souza. II. Título.

GEOVANI IRUAM DELFINO CANDIDO

**REFLEXÕES SOBRE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E INTERCULTURALIDADE
DE INTERCAMBISTAS DA UFLA**

**REFLECTIONS ON IDENTITY CONSTRUCTION AND INTERCULTURALITY OF
UFLA EXCHANGE STUDENTS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 25 de fevereiro de 2025
Dra. Renata Archanjo (UFRN)
Dra. Helena Maria Ferreira (UFLA)

Profa. Dra. Tania Regina de Souza Romero
Orientadora

**LAVRAS-MG
2025**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder forças e sabedoria para superar todos os desafios ao longo desta jornada. Sem sua presença constante em minha vida, não teria sido possível chegar até aqui e desenvolver um tema complexo e desafiador. Agradeço a mim pelo esforço, inteligência e bom senso para lidar com momentos de muitas dificuldades.

Quero expressar minha profunda gratidão aos meus queridos amigos Leonardo Braz, Kleissiely de Castro, Mirella Carvalho, Enzo Marola, Gabriel Mendes, Michaela Alves, Vitória Prado, Ana Flávia Barcelos e Guilherme Melo pela amizade sincera.

Aos meus pais, Geovani Andriolo e Maria José, e ao meu irmão, Maximiliano Candido, serei sempre grato. Vocês foram pilares fundamentais, sempre me incentivando e acreditando em meu potencial.

O ano de 2024 foi particularmente desafiador para mim, pois precisei realizar uma cirurgia no início do ano, minha mãe rompeu os tendões dos dois braços e tudo tem sido bem difícil. Conciliar a recuperação e a dificuldade de minha mãe com as atividades domésticas, adjunto de minhas responsabilidades como professor de ensino fundamental 1, 2 e Ensino Médio no colégio Losango de Nepomuceno/MG, não tem sido fácil. É uma tarefa árdua e sacrificante na maioria das vezes.

Com muito afeto, gostaria também de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora Tania Romero. Sua orientação e expertise no tema de intercâmbios foram cruciais para o desenvolvimento da dissertação, sem seu apoio e suas correções eu jamais teria conseguido chegar até aqui. Apesar das dificuldades que tive, sei que fiz o meu melhor nas condições que tinha, e isso exigiu muita paciência dela. Contudo, graças a ela, serei a primeira pessoa de cinco gerações familiares a conseguir um título de mestre. Além disso, suas contribuições significativas abrem portas para minha narrativa de vida pessoal, profissional e construção identitária inestimavelmente. É uma das poucas pessoas que transformou minha visão de vida com atitudes e não com palavras. Que suas mãos sempre iluminem as pessoas que venha a orientar na vida profissional e pessoal.

Por fim, agradeço aos colaboradores que aceitaram fazer cada entrevista e que contribuíram para a construção desta dissertação. A vocês, meu sincero e eterno agradecimento.

*Y un día después de la tormenta.
Cuando menos piensas, sale el Sol.*
(Shakira).

RESUMO

A última década trouxe uma significativa intensificação no estudo da internacionalização, mas poucos trabalhos trazem uma visão humanizada sobre intercâmbios nas universidades brasileiras (Stallivieri, 2017; Reis; Romero, 2021; Santos, 2021). Os intercâmbios estão relacionados ao desenvolvimento cultural e socioeconômico, porque ressignificam a função da educação em diversas esferas sociais (Landim, 2022). Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é conhecer e refletir sobre as percepções de alguns intercambistas no que tange à construção identitária e aos processos de interculturalidade. Tendo isso em vista, a pesquisa responde às seguintes perguntas: (1) quais foram as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas?; (2) quais foram as aprendizagens mais relevantes?; e (3) quais foram as percepções dos intercambistas sobre suas construções identitárias resultantes do intercâmbio? A fundamentação teórica baseia-se na pesquisa narrativa (Pavlenko, 2007; Barcelos, 2020), na construção identitária (Hall, 2000, 2006; Block, 2007) e na interculturalidade (Weissmann, 2018; Byram; Gribkova; Starkey, 2002). O *corpus* composto pela transcrição de entrevistas foi analisado com base na Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF (Fuzer; Cabral, 2014) e no Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), evidenciando valores culturais e transformações identitárias por meio de interpretações, à luz das competências interculturais de cada intercambista. O trabalho ressalta o papel da pesquisa narrativa, da construção identitária e da interculturalidade sobre os movimentos hegemônicos da globalização, além de contribuir para objetivos tanto individuais quanto coletivos relacionados ao sucesso profissional, uma vez que fomentam o crescimento de políticas públicas e privadas no tocante ao tema. Portanto, os resultados apontam transformações identitárias na aquisição de conhecimento científico, no aprendizado de línguas estrangeiras e na ampliação da consciência intercultural pessoal e coletiva. Dessa forma, esta pesquisa reforça o papel dos intercâmbios na valorização de políticas públicas e práticas sociais globais, bem como na transformação do conhecimento de estudos linguísticos não tradicionais, viabilizando um maior reconhecimento de propostas de ensino, mobilidade acadêmica, currículo e pesquisas qualitativas nos campos da interculturalidade e da construção identitária por meio da internacionalização.

Palavras-chave: intercâmbio; pesquisa narrativa; identidade; interculturalidade; avaliatividade.

ABSTRACT

The past decade has seen significant growth in the study of internationalization, but few studies offer a humanized perspective on university exchanges in Brazil (Stallivieri, 2017; Reis; Romero, 2021; Santos, 2021). Exchanges are linked to cultural and socioeconomic development as they reshape the social role of education in various social spheres (Landim, 2022). This research aims to explore and reflect on exchange students' perceptions regarding identity construction and interculturality processes. To achieve this, the study addresses the following questions: (1) What challenges did the exchange students face?; (2) What were their most relevant learning experiences? and (3) How do they perceive their identity construction as a result of the exchange? The theoretical framework draws on Narrative Research (Pavlenko, 2007; Barcelos, 2020), Identity Construction (Hall, 2000; Block, 2007), and Interculturality (Weissmann, 2018; Byram; Gribkova; Starkey, 2002). The corpus, composed of transcribed interviews, was analyzed using Systemic Functional Linguistics – SFL (Fuzer; Cabral, 2014) and the Appraisal System (Martin; White, 2005), highlighting cultural values and identity transformations through interpretations grounded in each exchange student's intercultural competencies. This study underscores the role of Narrative Research, Identity Construction, and Interculturality in addressing the hegemonic movements of globalization and contributes to both individual and collective goals linked to professional success by fostering the development of public and private policies. Therefore, the results indicate identity transformations regarding the acquisition of scientific knowledge, learning foreign languages, the expansion of personal and collective intercultural awareness, and academic benefits. These highlight the role of exchange programs in valuing public policies and global social practices, as well as in transforming knowledge within non-traditional linguistic studies, enabling greater recognition of teaching proposals, academic mobility, curriculum, and qualitative research in the fields of interculturality and identity construction through internationalization.

Keywords: exchange; narrative research; identity; interculturality; appraisal.

INDICADORES DE IMPACTO

Os indicadores de impacto da presente pesquisa destacam-se por sua relevância para os estudos sobre internacionalização e mobilidade acadêmica, especialmente no contexto de instituições de ensino superior brasileiras, como a Universidade Federal de Lavras (UFLA). A pesquisa oferece uma análise aprofundada das experiências de intercambistas e do desenvolvimento da competência intercultural, articulando-a com o Sistema de Avaliatividade derivado da Linguística Sistêmico-Funcional. Tal abordagem permite compreender como as narrativas dos intercambistas refletem processos identitários, contribuindo para a ampliação de ações voltadas para relações sociointerculturais e para a formação de cidadãos globais. Além disso, o estudo reforça a importância da internacionalização como prática estratégica para as universidades, evidenciando os benefícios acadêmicos, sociais e profissionais associados à mobilidade acadêmica. O trabalho identifica padrões de desenvolvimento científico e profissional por meio de relatos de intercambistas brasileiros e estrangeiros. Assim, a pesquisa não apenas amplia o entendimento teórico sobre identidade e interculturalidade, mas também oferece subsídios para o aperfeiçoamento das práticas educacionais em contextos interculturais. Ao avaliar entrevistas de intercambistas, a pesquisa demonstra os impactos tanto no avanço científico quanto na transformação das relações internacionais na educação superior, alinhando-se às demandas globais por cooperação e compreensão intercultural.

IMPACT INDICATORS

The impact indicators of this research stand out for their relevance to studies on internationalization and academic mobility, particularly in the context of Brazilian higher education institutions, such as the Federal University of Lavras (UFLA). The study provides an in-depth analysis of exchange students' experiences and the development of intercultural competence, linking these with the Appraisal System derived from Systemic Functional Linguistics. This approach facilitates an understanding of how exchange students' narratives reflect identity processes, contributing to the expansion of actions aimed at fostering socio-intercultural relations and the formation of global citizens. Moreover, the study emphasizes the importance of internationalization as a strategic practice for universities, highlighting the academic, social, and professional benefits associated with academic mobility. It identifies patterns of scientific and professional development through the accounts of both Brazilian and international exchange students. In doing so, the research not only broadens the theoretical understanding of identity and interculturality but also offers practical insights for improving educational practices in intercultural contexts. By evaluating interviews with exchange students, the study demonstrates the impacts on both scientific advancement and the transformation of international relations in higher education, aligning with global demands for cooperation and intercultural understanding.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto em contexto (adaptado).....	37
Figura 2 – Sistema de Avaliatividade.....	43
Figura 3 – Engajamento, gradação, atitude e subdivisões.....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variáveis do contexto de situação da pesquisa.....	38
Quadro 2 – Variáveis, metafunções e realizações léxico-gramaticais.....	39
Quadro 3 – Informações sobre os intercambistas.....	49
Quadro 4 – Legenda de intercambistas por número de excertos.....	50
Quadro 5 – Competências interculturais de Byram, Gribkova e Starkey (2002).....	51
Quadro 6 – Perguntas de pesquisa e aporte teórico.....	51
Quadro 7 – Dificuldades dos intercambistas.....	64
Quadro 8 – Aprendizados dos intercambistas.....	73
Quadro 9 – Percepções dos intercambistas.....	84
Quadro 10 – Dificuldades, aprendizados e percepções dos intercambistas.....	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 PILARES TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A DISCUSSÃO SOBRE INTERCÂMBIOS.....	21
2.1 Pesquisa narrativa.....	22
2.2 Construções identitárias.....	24
2.3 Interculturalidade, multiculturalidade e transculturalidade do intercambista.....	28
3 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	34
4 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE.....	42
5 METODOLOGIA.....	46
5.1 Características teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa.....	46
5.2 Critérios de participação, transcrição de dados e etapas de desenvolvimento.....	47
5.3 Codificação e categorias de análise.....	50
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	53
6.1 Quais foram as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas?.....	53
6.2 Quais foram as aprendizagens mais relevantes?.....	66
6.3 Quais as percepções dos intercambistas sobre suas construções identitárias resultantes do intercâmbio?.....	74
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICE A – ENTREVISTAS COM INTERCAMBISTAS.....	96

1 INTRODUÇÃO

*“Das geht mir unter die Haut; Wie ein warmer Sommerwind
Ich habe es erst nicht geglaubt; Dass ich hier nicht alleine bin”.*

(Tim Bendezko *feat.* Cassandra Steen em *Unter die Haut*)

Esta pesquisa insere-se no MIHNA, um projeto desenvolvido na Universidade Federal de Lavras (UFLA) e liderado pela professora doutora Tania Regina de Souza Romero. O MIHNA tematiza experiências pessoais, construções identitárias e narrativas de vida que possam ter impactado a forma de entender, conceituar e praticar ações docentes, especialmente no que concerne à área de línguas.

O interesse em desenvolver uma pesquisa que ouvisse a voz de intercambistas pode ser ilustrado com um trecho da primeira música alemã que ouvi, no dia 07 de julho de 2015, indo para o Sprachenkolleg. A música *Unter die Haut* (“por debaixo da pele”, em tradução) me traz memórias de um período em que me aventurei por um novo país, sentindo-me um estrangeiro, mas com a consciência de que não estava só, pois a diversidade sociocultural que me cercava, de certa forma, também me acolhia. Por isso, destaco da canção o trecho “Dass ich hier nicht alleine bin”, que significa “porque eu não estou sozinho aqui”.

Nesse sentido, nossa história não é escrita no tempo de forma solitária, somos sujeitos sociais, ouvimos histórias e podemos mudar as histórias de outras pessoas com as nossas narrativas. É importante dizer que, por interesse pessoal, o valor desta pesquisa está muito além da narrativa presente nos relatos coletados dos intercambistas, já que também inclui minha particular validação e registro de visões de mundo que me trazem satisfação em ser professor de línguas e pesquisador.

Dito isso, este trabalho justifica-se pela necessidade de emancipar a mim e aos leitores, pesquisadores de mesmo campo de interesse, tomando-me pela pulsão de não só contar histórias de vida, mas de ouvi-las e publicá-las em trabalhos mais humanizados sobre intercambistas em estágio de formação humana, acadêmica e profissional.

Cabe, ainda, frisar que o interesse por este tipo de pesquisa surgiu após minha graduação em Letras na Universidade Federal de Lavras (UFLA), mas teve sua origem numa visita ao meu irmão na Alemanha em 2015, quando eu ainda não cursava Letras, porém tinha o desejo de ser professor. Então, eu arrisquei e viajei para visitá-lo em um convento do

Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Freiburg. Eu já falava inglês em um nível intermediário, como autodidata que sempre fui, e acabei descobrindo que faria um curso de alemão durante as férias enquanto estivesse visitando meu irmão Maximiliano que, na época, era frater religioso e cursava teologia da Unifreiburg, na Alemanha.

Assim, o que era uma visita de férias transformou minha forma de ver o mundo e de viver a vida. Afinal, viver durante três meses no Herz-Jesu Kloster e estudar no Sprachenkolleg — diferente da maioria dos meus colegas estrangeiros que se situavam melhor num ambiente internacional — significava para mim uma oportunidade única, uma transposição de barreiras, sobretudo para um brasileiro sem muitos recursos.

Ser um intercambista era algo novo e quase impossível frente às condições socioeconômicas de minha família¹. No convento, eu convivia com pessoas da Alemanha, de Madagascar, da Finlândia, da Polônia, da Itália e também de diversas partes do continente africano. No Sprachenkolleg, o colégio de alemão para estrangeiros, eu convivia com coreanos, chineses, paquistaneses, árabes, turcos e ucranianos. Hoje, entendendo minha brasilidade fortalecida, mas a minha identidade naquela época foi extremamente extenuada por diversas crises identitárias.

Na época em que fui para o intercâmbio, eu abandonei o trabalho na farmácia e migrei, aperfeiçoei meu inglês e aprendi alemão de forma considerável. Contudo, meu prazer em aprender línguas estrangeiras surgiu quando conheci Cabo Frio e Búzios, no Rio de Janeiro. No litoral, perdido de minha mãe durante um passeio, vi-me cercado de estrangeiros, nascendo, assim, minha grande paixão por línguas estrangeiras. Eu queria entender o que todas aquelas pessoas estavam falando e interagir com elas.

Mais tarde, no final de 2015 e no início de 2016, morei no Paraná e me voluntariei em uma experiência religiosa de viver enclausurado por um ano em Terra Boa/PR. Na ocasião, conheci o Paraguai em uma visita bem breve. Em seguida, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), passei na Universidade Federal de Lavras e regressei a Minas Gerais. Trabalhei no Hotel Vitória, em Lavras, por causa da minha experiência no exterior e do meu conhecimento em inglês e alemão. Esse diferencial me abriu novas portas, inclusive para a manutenção dos estudos no curso de Letras (Português/Inglês e suas Respectivas Literaturas) na Universidade Federal de Lavras (UFLA).

¹ Minha família é descendente de comunidades rurais brasileiras e de alguns italianos que trabalharam nas lavouras de café de Coqueiral e de Nepomuceno, em Minas Gerais, cujo destino dos homens era se tornar no máximo um marido taxista, mas meu irmão e eu estaríamos quebrando esse ciclo de gerações algumas décadas à frente.

O falecido Ênio Wilden, proprietário do Hotel Vitória, ajudou-me bastante na época, porque um dos requisitos para a vaga era possuir uma Carteira Nacional de Habilitação (CNH), e eu não a tinha. Ainda assim, ele me contratou e disse que minha vida mudaria muito se eu saísse de Nepomuceno e trabalhasse para ele. De fato, com o emprego, eu consegui estudar na UFLA e morar em Lavras por um certo tempo. Até metade da graduação, eu trabalhei de madrugada no hotel e, no período da tarde, dava aulas de inglês em uma escola de idiomas.

Já cansado da rotina pesada, mas sem pensar em desistir, consegui uma bolsa direcionada ao ensino de pronúncia de língua inglesa, com o professor doutor Tufi Neder Neto, na UFLA. Com isso, voltei para minha cidade e, tempos depois, terminei o curso no meio da pandemia de Covid-19, auxiliado por uma bolsa de monitoria ofertada pelo professor doutor Gasperim Ramalho de Souza, também docente da UFLA. Agora, sentado, escrevo esta pesquisa de mestrado, sob orientação da professora doutora Tania Regina de Souza Romero, sobre um tema que tanto faz parte de minha vida.

Considerando o que foi contado até aqui, entendo que o intercâmbio amplia as oportunidades, de maneira que, a partir de sua institucionalização, venha a transformar vidas. Por isso, cabe aprofundar esse tema um pouco mais, especialmente ao observar que, na atualidade, trabalhos sobre pesquisa narrativa, construção identitária e interculturalidade têm avançado de modo significativo. Essas pesquisas têm sido direcionadas ao campo de atuação da internacionalização ao considerar a mobilidade acadêmica como motor em instituições de ensino, ao dinamizar o acesso à pesquisa e trazer voz aos contextos ofuscados em trabalhos mais tradicionais.

Nessa esteira, autores como Pavlenko (2007), Bengezen (2010, 2018, 2020), Hall (2006), Block (2007), Byram, Gribkova e Starkey (2002), Byram (2013) e Weissmann (2018) ganham notoriedade porque investigam histórias de vida, identidades formadas na contemporaneidade e competências interculturais que ultrapassam fronteiras sociais, étnicas e econômicas.

Com a internacionalização, percebe-se a oportunidade de explorar de forma mais humanizada os intercâmbios e a formação profissional para expandir estudos de áreas como a psicologia, a linguística e a educação de forma geral. Assim, os pesquisadores tornam-se protagonistas de suas histórias e não partes isoladas de seus resultados de estudos imersos em um mundo cientificamente globalizado. Isso torna possível a reintegração e a perpetuação da troca de valores e experiências de diferentes povos imigrantes (Romero; Casais, 2019). Nesse contexto, estabelecer uma boa relação frente às diferenças dos povos abre caminhos para o

desenvolvimento socioeconômico e cultural, pois, com o advento da globalização, a relação internacional é constantemente fomentada para compartilhar experiências que venham a enriquecer culturalmente diferentes esferas da sociedade (Landim, 2022).

No âmbito das universidades, os intercâmbios acadêmicos têm sido incentivados para trazer oportunidades de conhecer outras realidades, difundir pesquisas e também ressignificar a visão de mundo sobre nossa realidade particular. Contudo, para entender melhor sobre os intercâmbios, é imprescindível compreender a internacionalização e, por conseguinte, a mobilidade acadêmica.

A internacionalização é tida como o processo pelo qual os setores das universidades tornam-se não necessariamente um fenômeno da sala de aula, do incentivo financeiro e do trânsito internacional do alunado em mobilidade acadêmica, mas a consolidação de práticas fundamentais como políticas de internacionalização que abrem as universidades para o mundo (Stemposki Filho; Zanette, 2022).

As universidades, quando internacionalizadas e abertas, passam a agir como precursoras de intercâmbios estudantis, profissionais, científicos, dentre outras ações enriquecedoras do meio acadêmico. Vale pontuar que a internacionalização adquiriu um caráter estratégico no ensino superior porque entende suas relações para além das políticas entre países e instituições (Stemposki Filho; Zanette, 2022). Isso traz uma melhor visibilidade da ciência local no contexto global e cria assessorias de relações internacionais, a fim de reforçar suas práticas em âmbitos nacionais e internacionais. No Brasil, foi a partir dos anos 2000 que as instituições de ensino superior (IES) difundiram com mais intensidade os processos de internacionalização, à medida que os intercâmbios estudantis trouxeram uma necessidade de reestruturação de equipes e setores acadêmicos (Stemposki Filho; Zanette, 2022).

Como consequência disso, a mobilidade acadêmica ganhou maior notoriedade como uma forma de estudo fora da universidade de origem e cuja duração ou propósito se alinham aos interesses de cada área de pesquisa, programa internacional e política interna das instituições de ensino. Do mesmo modo, fomentar o trânsito de estudantes de maneira integral ou parcial e até, em alguns casos, de forma voluntária depende do programa de estudo ofertado que, por vezes, é intermediado por outra universidade estrangeira (British Council, 2004).

As instituições de ensino superior, apesar de darem continuidade ao discurso de internacionalização, têm mudado sua ênfase sobre a temática ao transpor questões de fronteiras e relações internacionais, ao passo que se direcionam às medidas mais assertivas

com foco na capacitação e na colaboração a nível institucional. Em outras palavras, as IES rompem com a visão simplista de solicitar investimento financeiro e mostrar algum contato com políticas internacionais, centrando seus esforços em viabilizar práticas inerentes à infraestrutura e à capacitação de setores internos.

Cabe destacar que a ênfase dada pela IES também recai sobre o desenvolvimento curricular e a criação de programas com fortalecimento de currículo, visando objetivos específicos como sustentabilidade, aumento do *ranking* de pesquisa e participação em publicações de forma mais colaborativa (Wit; Leal; Unangst, 2020). Essa necessidade de se reestruturar frente à comunidade universitária cumpre propósitos desejados pelas instituições, além de alcançar objetivos políticos educacionais de seus respectivos países (Wit; Leal; Unangst, 2020).

Dessa forma, a internacionalização e a mobilidade acadêmica possuem como meta preparar o estudante para o mundo, melhorar a qualidade da pesquisa acadêmica, além de ampliar o horizonte de visibilidade e reputação de determinada instituição. Tanto a internacionalização quanto a mobilidade acadêmica instigam a competitividade entre áreas e prestam bons serviços à comunidade local. Em contrapartida, existem críticas em torno dos processos de internacionalização, visto que as lógicas econômicas têm sido predominantes nesses espaços. No entanto, o que deve importar não é a questão de uma instituição de ensino ser melhor do que a outra, pelo contrário, o que deve pesar é a busca pelo crescimento científico mútuo em ações mais colaborativas (Gohard-Radenkovic; Veillette, 2016).

Quando falamos sobre internacionalização e mobilidade, não nos restringimos aos intercambistas, na medida em que englobamos toda a comunidade acadêmica como secretários, professores universitários, administradores, chefes de departamentos etc. Pensamos em pessoas, isto é, agentes que fazem da mobilidade acadêmica um acontecimento expressivo, desmistificando a percepção de que o intercâmbio se limita às relações entre intercambistas de duas ou mais universidades.

Para esta pesquisa, buscamos adotar uma abordagem uniforme no tratamento dos agentes de mobilidade que realizaram os intercâmbios, designando-os sempre como intercambistas. Isso inclui discentes brasileiros e estrangeiros de mestrado e doutorado, bem como professores de línguas estrangeiras. Esses intercâmbios realizados ocorreram por meio da Universidade Federal de Lavras, conforme detalhado na seção de metodologia, mais adiante.

Em continuidade, Stallivieri (2017) trata da temática de intercâmbios e valoriza as instituições de ensino superior que atendem às demandas globais, dando destaque aos

programas de mobilidade acadêmica nacional e internacional de forma institucionalizada. Em acréscimo, ao discutir sobre a História da Mobilidade Acadêmica Internacional, Stallivieri (2017) menciona o surgimento da mobilidade acadêmica no Brasil na década de 1990. A autora relata como a realização de incursões de instituições de nível superior objetivam a compreensão do comportamento de povos distintos por meio da vivência e da partilha. Assim, quando ela descreve o processo histórico da mobilidade acadêmica, são apresentadas as ações de Cooperação Internacional (CI) que fomentam a mobilidade estudantil e inserem o Brasil nos programas existentes no exterior.

Sabe-se que, com o fomento e ampliação das inúmeras oportunidades de intercâmbio, os estudantes passam a ter acesso às diversas formas de qualificação profissional. E o desejo por essa atividade pode ter origem na identificação de centros de excelência no exterior em determinadas áreas, além de proporcionar o prazer de experienciar internacionalmente a possibilidade de qualificação, ou seja, a experiência internacional contribui para o crescimento porque justifica sobremaneira a importância do tema (Stallivieri, 2017).

Em se tratando dos programas de mobilidade existentes, fez-se necessária a criação das agências de intercâmbio acadêmico internacional e, dentre os exemplos propostos, estão o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Daad), o Campus France, a Comissão Fulbright, British Council, a Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento (Aecid), dentre outros.

No caso do Brasil, no ano de 2010, o governo criou o programa Ciência sem Fronteiras, que destinou 101 mil bolsas de estudos para estudantes de graduação e de pós-graduação, bem como para pesquisadores, com desenvolvimento de variados estudos no exterior (Stallivieri, 2017).

Considerando o contexto supracitado, o objetivo geral desta pesquisa é conhecer e refletir sobre as percepções de alguns intercambistas no que tange à construção identitária e aos processos de interculturalidade. Assim sendo, foram delimitadas as seguintes questões de pesquisa: (1) quais foram as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas?; (2) quais foram as aprendizagens mais relevantes?; e (3) quais foram as percepções dos intercambistas sobre suas construções identitárias resultantes do intercâmbio?

Partindo das perguntas que orientam o trabalho, os objetivos específicos são: (1) elencar as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas; (2) enumerar as aprendizagens que os intercambistas entendem ter construído em suas jornadas; e (3) discutir sobre indícios de construção identitária.

Para tanto, três pilares teórico-metodológicos foram selecionados para conduzir as interpretações do *corpus*, sendo eles: a pesquisa narrativa, a construção identitária e a interculturalidade. A presente investigação mostra histórias de cada intercambista da Universidade Federal de Lavras, segundo suas próprias narrativas. Tais narrativas foram analisadas sob a ótica da tríade narrativas, construção identitária e interculturalidade, englobando, pois, aspectos culturais e linguísticos que tematizam fatos e experiências vivenciados pelos intercambistas para compor significados diversos em seus relatos (Barcelos, 2020).

Diante disso, a base desta pesquisa foram os estudos de Pavlenko (2007), Barcelos (2020), Mello (2020) e Bengezen (2010, 2018, 2020) sobre pesquisa narrativa. No que diz respeito à construção identitária, foram considerados os trabalhos de Hall (2000, 2006), Block (2007), Darwin e Norton (2015), Moraes (2019), Romero e Casais (2019) e Reis e Romero (2021). Por fim, os estudos de Landim (2022), Alves e Rocha (2019), Byram, Gribkova e Starkey (2002), Byram (2013), Weissmann (2018), Kramsch (2014, 2017), Santos (2021), Dutra e Penna (2018), Ramos (2001) e Nascimento (2014) embasaram a compreensão sobre a interculturalidade.

No mais, considerando que a linguagem tem papel crucial na constituição de significados, buscamos interpretar os dados da análise sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional, em autores como Fuzer e Cabral (2014), Halliday (2014) e Martin e White (2005). Cabe destacar que a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) interpreta a linguagem como prática social influenciada por normas e contextos sociais diversos, reconhecendo também a diversidade linguística. Desse modo, a LSF se vale da linguagem em seu uso real, sem idealizações gramaticais prescritivas, pois focaliza os aspectos sociais, evidencia as escolhas que seus falantes podem fazer e valoriza a parte semântica, não a sintática, em diferentes contextos. Portanto, é por meio do estudo da gramática e do uso das palavras que a interpretação das escolhas lexicais pode ser analisada, haja vista que é na materialidade do texto que se pode apontar os elementos constitutivos dos discursos e os principais indícios linguísticos que trazem veracidade às interpretações.

Por fim, no que se refere à organização, esta dissertação se divide em sete seções. Na primeira seção, há contextualização da pesquisa inserida no contexto de internacionalização e mobilidade acadêmica, bem como a apresentação do objetivo geral, das três perguntas de pesquisa e dos três objetivos específicos. Na segunda seção, são abordados os pilares teóricos deste trabalho, a saber: a pesquisa narrativa, a construção identitária e a interculturalidade. Na terceira e na quarta seções, são discutidos os estudos da Linguística Sistêmico-Funcional

(LSF) (Halliday, 2014), especificamente o Sistema de Avaliatividade desenvolvido por Martin e White (2005). Na quinta seção, são descritos os passos metodológicos. Na sexta seção, é apresentada a discussão do *corpus* coletado, pautado na fundamentação teórica com excertos dos relatos dos intercambistas. Por último, a sétima seção traz as considerações finais deste estudo.

2 PILARES TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A DISCUSSÃO SOBRE INTERCÂMBIOS

Nesta seção, é discutida a pertinência de cada pilar teórico da pesquisa. O primeiro é a pesquisa narrativa, entendida como aporte teórico e metodológico, por meio da coleta de narrativas transcritas, entrevistas, diários, biografias e autobiografias (Bengezen, 2020). Sua importância está na realização de estudos pautados em entrevistas, já que é instrumento de coleta de material linguístico carregado de emoção e sentimento de diferentes perspectivas de vida (Barcelos, 2020). Esse tipo de pesquisa leva em consideração as relações humanas ao longo do tempo, entendendo as narrativas como construtoras de significados identitários.

O segundo pilar teórico é a construção identitária voltada para a compreensão de como e por que as identidades humanas em contextos sociais propiciam interpretações sobre as práticas sociais carregadas de valores, crenças, empoderamentos, preconceitos e opiniões (Block, 2007). A construção identitária evidencia posicionamentos presentes na contemporaneidade, além de discutir a transformação dos sujeitos no mundo globalizado (Hall, 2000, 2006).

A partir dos estudos de Hall (2000, 2006), a constituição do sujeito multifacetado passa a ser influenciada pela industrialização e pela globalização, entre outros fatores. O aspecto sociocultural dessa construção está imerso em crises identitárias extenuadas por instabilidades, tornando o sujeito múltiplo e atuante no mundo por meio de novas perspectivas de si na pós-modernidade.

Já o terceiro pilar teórico é a interculturalidade, entendida como motor das competências interculturais de Byram, Gribkova e Starkey (2002), pois se ancora no entendimento de aprendizado enquanto colaboração de grupos culturais distintos (Weissmann, 2018). Além disso, o viés intercultural objetiva a construção de relações harmoniosas e inclusivas, reconhecendo assimetrias sociais, econômicas e políticas. Sendo assim, há um exercício em prol da valorização da diversidade e do respeito mútuo, o que faz com que a interculturalidade seja a mediadora entre a multiculturalidade e a transculturalidade. Ainda que exista a proximidade e o distanciamento dos movimentos socioculturais de partilhar interesses de grupos diversos (Weissmann, 2018), cabe pontuar que nem todas as relações culturais são positivas, o que torna significativa a disputa por espaços de emancipação e predominância no que diz respeito à convivência entre povos de culturas similares, opostas e de origens não correlacionadas.

2.1 Pesquisa narrativa

A pesquisa narrativa pode ser concebida como o agrupamento de relatos de uma ou mais pessoas que registram assuntos do seu cotidiano ou temas que marcaram suas histórias pessoais. Esses assuntos podem estar alinhados de acordo com as experiências profissionais, aspirações pessoais, paixões por localidades, costumes, crenças ou quaisquer fatores que apeteçam aos sujeitos das narrativas.

A pesquisa narrativa parte de histórias contadas sobre fatos diversos, preenchidos de sentimentos e sensações como amor, ódio, felicidade, insatisfações, rancores, aprendizagens, empoderamentos e outros. Sua importância estende-se ao reconhecimento e à compreensão de dimensões emocionais e morais (Barcelos, 2020). Nesse tipo de pesquisa, existe uma preocupação com a temporalidade relacionada às vivências passadas, presentes e futuras.

Barcelos (2020) explica que a utilização de narrativas tanto na pesquisa quanto na atividade de reflexão possibilita trazer à tona sentimentos humanos, além de aspectos relacionados às crenças e emoções dos sujeitos. Nesse contexto, a pesquisa com narrativas pode assumir diferentes terminologias, como autonarrativas, histórias de vida, autobiografias, autoetnografias, entre outras. Apesar da variedade de nomenclaturas, todas remetem ao uso de narrativas em pesquisas qualitativas, nas quais esse recurso é empregado como instrumento de coleta de dados.

Considerando essa perspectiva, esta pesquisa, realizada na UFLA, adota como *corpus* os relatos de intercambistas brasileiros e estrangeiros, obtidos por meio de entrevistas² conduzidas ao longo do estudo. O enfoque nas narrativas, portanto, não apenas sustenta a metodologia adotada, como também dialoga com a ampliação dos estudos linguísticos contemporâneos, especialmente diante das demandas atuais de internacionalização e mobilidade acadêmica (Pavlenko, 2007). Desse modo, o trabalho com narrativas contribui para a integração de questões relevantes de áreas como história, psicologia, sociologia e educação, muitas vezes negligenciadas por abordagens mais tradicionalistas.

Além disso, Pavlenko (2007) explica que a pesquisa narrativa possibilita mostrar *insights* do mundo interno das pessoas, visto que ela pode trazer luz aos aspectos identitários, ao próprio processo narrativo e aos indícios de interculturalidade, multiculturalidade e transculturalidade experienciadas pelos intercambistas. Com isso, Pavlenko (2007) contribui para o campo das narrativas ao considerá-las produções culturais de âmbito institucional e

² As entrevistas podem ser lidas, na íntegra, nos apêndices desta dissertação.

social. Em outras palavras, ela considera as narrativas um gênero que reflete as normas de um determinado tempo, normas estas alinhadas ao lugar a partir do qual são contadas.

Tendo isso em vista, novas conexões de diferentes campos teóricos podem ilustrar o aprendizado sobre fenômenos díspares como a aprendizagem de língua, a internacionalização, os intercâmbios acadêmicos e até mesmo a formação de professores. Isso significa que novas e relevantes pesquisas no campo das humanidades surgem e ganham espaço com a pesquisa narrativa.

No presente trabalho, a pesquisa narrativa corresponde ao mapear dos dados que respondem aos objetivos delimitados, além de conhecer e refletir as percepções de alguns intercambistas. Nesse sentido, Barcelos (2020) salienta que a pesquisa narrativa é pertinente para compor significados, pois inúmeros trabalhos mostram-se adequados para investigar o conhecimento prático inerente às crenças e emoções.

Dito isso, os relatos de experiências no exterior proferidos pelos intercambistas que participaram desta pesquisa trazem à tona as crenças e significados construídos sobre as vivências que os cercam, suas percepções de mundo, assim como possibilitam aos sujeitos narradores se verem antes, durante e depois da experiência de intercâmbio. Por conta disso, a partir da análise dos relatos, as histórias são interpretadas como dados, uma vez que o discurso humano é carregado de valores, sensações e percepções da realidade que os cerca (Barcelos, 2020).

No mais, Barcelos (2020) acrescenta que as narrativas escritas, orais e visuais ampliam a possibilidade de ressignificar as histórias de terceiros. E, para Bengezen (2020), a pesquisa narrativa é a experiência que exige temporalidade, sociabilidade e localidade, visto que requer movimentos dos pesquisadores narrativos relacionados ao tempo de forma retrospectiva, prospectiva e introspectiva. Nas palavras de Bengezen (2020, p. 72):

Essa abordagem, que é teórica e metodológica, é o caminho mais adequado quando o foco do pesquisador é compreender as experiências vividas pelos colaboradores da pesquisa, a partir da perspectiva de cada um dos envolvidos, ou seja, quando o foco da pesquisa é no COMO cada um vive e narra a experiência.

Partindo disso, o caminho teórico-metodológico da pesquisa narrativa é particularmente importante para se compreender como as pessoas constroem significados que compõem suas identidades. Nessa linha, Bengezen (2010, 2018, 2020) assinala que o mais importante sobre a pesquisa narrativa é a relação estabelecida entre a pessoa e o ambiente à sua volta, haja vista que o pesquisador interpreta seu material de coleta atribuindo uma perspectiva pessoal para determinado contexto.

Em consonância a isso, Mello (2020) estabelece que a pesquisa narrativa está situada, possui foco na experiência e tem caráter metódico e fenomenológico. Para a educadora, a pesquisa narrativa no Brasil é instrumento e ação que não deixa a experiência evadir, valorizando temáticas silenciadas e despercebidas por estudos linguísticos tradicionais. Seu objetivo primário é entender a vivência do participante, e não pensar sobre como nosso olhar ressignifica tal experiência.

Dessa maneira, quando investigamos a vida e a narrativa de um imigrante, mapeando o cenário, o enredo e os participantes envolvidos, conhecemos mais a respeito de seus valores, sonhos e seu recorte da realidade. Entendemos quais escolhas o perpassa para tomar decisões divergentes de suas crenças ou convergentes com seus princípios, de acordo com as circunstâncias. Em suma, é na partilha de emoções e vivências pela via do discurso que se moldam o saber prático e pessoal, as paisagens do conhecimento profissional e as identidades do sujeito. Afinal, compreender a experiência por meio de narrativas significa considerar a vivência em relação aos espaços cujas dimensões espaciais, temporais e sociais são vetores de transformação contínua (Bengezen, 2010, 2018, 2020).

Em linhas gerais, a pesquisa narrativa se configura como um lugar de exercício, porque é no ato da linguagem que o sujeito em transformação cria um lugar de ressignificação, de pertencimento e de transformação de seu olhar sobre o mundo e sobre si. É pela palavra que o ser humano constrói e entende a realidade.

Dito isso, na seção seguinte, discorrerei acerca da construção identitária, considerando que o construto teórico adotado oferece detalhes sobre a compreensão do sujeito multifacetado que desvela histórias distintas e recorta o mundo pela lente da percepção particular.

2.2 Construções identitárias

*“Muitos se ufanam:
‘Não devo nada a ninguém’
Engano: devemos muito a todos”.*
(Cora Coralina em *Vintém de cobre: meias
confissões de Aninha*).

A busca pela autocompreensão me remete sempre à epígrafe de Cora Coralina. Esse paradoxo de não dever nada a ninguém, mas dever muito a todos abre espaço para discutir a ideia de identidade ou, melhor dizendo, identidades. Falar sobre identidades possibilita caracterizar como os sujeitos estão imersos nos diversos contextos sociais nos quais circulam e também descrever como eles se veem e são vistos pelos outros.

Os sujeitos, ao longo da história da humanidade, buscam na vida (re)significar seu presente, sua individualidade, sua existência e também suas interações com o mundo, dando origem a muitos questionamentos. Tais questionamentos levaram a humanidade a compreender melhor a ideia de identidades, tornando-a amplamente discutida em diversas áreas como a sociologia, a linguística, a psicologia e a filosofia.

No livro *Second Language Identities*, Block (2007) categoriza as identidades de acordo com as representações sociais, estas que são moldadas por fatores coletivos e socioculturais, como gênero, raça, classe social, religião, nacionalidade e sexualidade. Existem também as representações pessoais relacionadas às características subjetivas e individuais, como traços de personalidade, preferências, experiências e atributos psicológicos. Além disso, Block (2007) ressalta a relevância da subjetividade humana. Assim, o autor associa o termo “subjetividade” aos aspectos pessoais mais profundos para falar de identidades, incluindo os sentimentos conscientes e inconscientes, abrangendo também os modos como a interação com o mundo é influenciada por valores, crenças e atitudes, deixando marcas na construção identitária dos sujeitos.

No artigo “Um estudo identitário de universitárias intercambistas sob uma perspectiva educacional-cultural”, Reis e Romero (2021) resumizam que, para Block (2007), as identidades são subdivididas em partes: (a) estão relacionadas à construção social, pois são marcadas por ações e linguagens; (b) estão na relação com o outro, no partilhar de valores; (c) ganham novas perspectivas em vista do passado, presente e futuro; (d) transformam os indivíduos a partir de sua história socioeconômica; (e) são um processo conflitivo; (f) mantêm (ou não) relações de poder econômico, cultural e social; e (g) estão relacionadas às diferentes categorias demográficas (etnia, raça, nacionalidade, migração, gênero, classe social e linguagem).

Ainda em seu estudo, Block (2007) retrata como as identidades são vistas nas ciências sociais hoje em dia para abarcar comportamentos humanos no decorrer da história. O autor menciona Zygmunt Bauman e Émile Durkheim para refletir acerca do modo com que a tradicionalidade pertencente aos sujeitos sociais é determinada por seus membros. Para Block (2007), os membros sociais estabelecem categorias de classe, religião, educação, família e outros grupos de pares.

Em síntese, Block (2007) vê as identidades se constituírem como narrativas sociais, autoconscientes e contínuas que os indivíduos experienciam, interpretam e projetam no modo de se vestir, na expressão corporal, em seus movimentos, ações e usos da linguagem. Portanto, a constituição identitária se reveste de múltiplas camadas, na medida em que os

sujeitos são influenciados por questões sócio-históricas, ao mesmo tempo em que são capazes de transformar e ressignificar suas vidas. Sendo assim, nesse processo conflituoso e complexo, os sujeitos podem se sentir ambivalentes (Block, 2007). Aliás, a ambivalência é o traço incontornável das identidades humanas, ainda que o reconhecimento de nossas contradições possa nos engendrar incômodos.

Por sua vez, no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall (2006) discute que as identidades, no contexto pós-moderno, não são fixas, mas sim fragmentadas e em constante (re)construção, podendo inclusive se mostrar contraditórias em contextos distintos ou até semelhantes. Nesse sentido, Hall (2000, 2006) propõe que as identidades são melhor compreendidas como processos contínuos e hibridizados, pois são marcadas pela multiplicidade de influências culturais e passíveis de negociações para mudar seu significado.

Na perspectiva de Hall (2006), deve-se levar em conta as mudanças estruturais da sociedade no final do século XX, pontuando a fragmentação das chamadas “paisagens culturais” de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. O sociólogo explica que as profundas mudanças de bases estáveis contribuem para uma noção concreta e predefinida das identidades. Com as identidades marcadas pelas multiplicidades e fragmentações, destaca-se a negociação identitária de acordo com as pressões do meio.

Nas palavras de Hall (2006, p. 13), “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Tal fantasia é reforçada pela globalização, uma vez que esta também acrescenta às sociedades modernas o fator de mudança constante, rápida e permanente. Não obstante, essas características são distintivas entre as sociedades tradicionais contrapostas à sociedade pós-moderna.

Posto isso, Hall (2006, p. 13) utiliza o termo “celebração móvel”, referindo-se às transformações pelas quais nossas relações passam e que são expostas pelos meios culturais em que vivemos. Portanto, é dado que o sujeito passa a assumir não uma identidade, mas várias identidades diferentes em circunstâncias específicas, ou seja, as identidades não estão consolidadas ao redor de um “eu” coerente e unívoco (Hall, 2006).

Ademais, o teórico define as identidades como construções não singulares e não as isenta de vetores possuidores de diferentes direções. Esses vetores empurram nossas contradições identitárias e continuamente nos deslocam das fantasias que criamos. Tal deslocamento é uma tentativa de nos estabilizarmos e de nos definirmos ainda que por algum curto período (Hall, 2006). No viés de Hall (2000, p. 111-112), as identidades são

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que

assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”.

Em resumo, no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall (2006) menciona o “indivíduo soberano” para destacar o contraste entre as formas modernas e pós-modernas de entender a identidade. O teórico mostra como a ideia de um sujeito fixo e soberano — assentado no modelo cartesiano — foi desconstruída pelas mudanças culturais, científicas e filosóficas dos séculos XX e XXI. Dessa maneira, o “indivíduo soberano” é uma representação do sujeito iluminista, centrado na razão, na autonomia e na estabilidade, que se torna inadequado diante das complexidades e fragmentações características da pós-modernidade.

Interpretando Hall (2006), Moraes (2019) discorre sobre a concepção de identidades na pós-modernidade, buscando sumarizar os estudos do sociólogo ao viabilizar a integração entre identidades, sociedade e cultura para caracterizar a fragmentação das identidades contemporâneas que rompem com perspectivas de séculos passados no que tange à mudança da concepção da humanidade nos séculos XVI e XVIII.

Num sentido semelhante, Romero e Casais (2019) abordam as identidades a partir da autobiografia de um brasileiro, professor de inglês que foi imigrante nos Estados Unidos durante sua infância e adolescência. Nesse estudo, são descritos os desafios enfrentados durante a aprendizagem de inglês, além de sua integração na cultura estadunidense enquanto professor, considerando sua formação identitária.

Em continuidade, Reis e Romero (2021) abordam as identidades a partir de relatos de migrantes e intercambistas obtidos por meio de entrevistas. As autoras trazem aspectos de como a adaptação cultural, o aprendizado de línguas, as dinâmicas acadêmicas e as perspectivas profissionais engendram credibilidade para a formação de professores de línguas no que tange à ampliação da bagagem cultural e identitária dos sujeitos envolvidos em processos extenuantes como o de intercâmbio. Em extensão, Reis e Romero (2021, p. 97) enfatizam que “a identidade é complexa e transformada continuamente na interação com as culturas e com outras identidades presentes no mundo”.

Feito esse preâmbulo teórico acerca da construção identitária, entendemos a conceituação da identidade como algo inacabado e inerente ao contexto em que o sujeito se insere, pois ela está relacionada à cultura, às estruturas de poder e a outros vetores socioeconômicos. Além disso, a concepção de sujeito pós-moderno tanto de Block (2007) quanto de Hall (2006) dialoga com o objetivo principal desta pesquisa, pois os intercambistas,

vivendo crises identitárias por estarem fora de seu contexto social, buscam se adaptar negociando valores anteriores.

No contexto de globalização, os intercambistas tentam encontrar pertencimento nas camadas das estratificações sociais descritas por Block (2007) e são interpelados a aceitar seus “eus” contraditórios e fragmentados, conforme vimos em Hall (2006). Assim, o intercambista se relaciona com pessoas de culturas diferentes da sua e, não raro, entra em conflito para manter sua construção identitária (Hall, 2000, 2006).

É certo que a construção das identidades na contemporaneidade nos convida a reconhecer a diversidade e a complexidade das experiências humanas ao longo do tempo. No entanto, tal compreensão só chega a nós, na maioria das vezes, por meio das relações culturais e históricas de grupos similares ou de interesses semelhantes aos nossos. Em vista disso, passaremos à seção seguinte, a fim de abordar a interculturalidade, a multiculturalidade e a transculturalidade, ampliando nossos horizontes socioculturais e reconhecendo a diversidade que há no mundo.

2.3 Interculturalidade, multiculturalidade e transculturalidade do intercambista

“Galaad ocupou os vaus do Jordão. Cada vez que um fugitivo de Efraim queria passar, perguntavam-lhe: “És tu efraimita?”. Ele respondia: “Não”. “Pois bem-diziam eles então dize: Chibólet.” E ele dizia: “Sibólet”, não podendo pronunciar corretamente. Prendiam-no logo e o degolavam junto aos vaus do Jordão. Naquele dia, pereceram quarenta e dois mil homens de Efraim”.

(Juizes, 12:5-6).

Migrar é algo característico do ser humano desde os tempos imemoráveis. O migrante é marcado pelas experiências diversas ao longo de sua vida e, principalmente, por sua língua, cultura e relação de comunidade. Na passagem bíblica, além do teor linguístico que custou a vida de muitos homens, a necessidade do confronto frente à palavra determinou a sobrevivência e fez com que os valores sociais locais e partilhados não impedissem a segregação e a condenação à morte.

De tempos em tempos, o homem partilha e vive amigavelmente respeitando suas diferenças, mas também toma territórios alheios, mata, invade e causa guerras. Quando discutimos sobre as relações que se podem estabelecer entre dois países/povos — considerando uma escala global —, os diálogos que se constituem na linha da

multiculturalidade, da transculturalidade e da interculturalidade são fatores norteadores, ora carregado por vetores de acolhimento, ora carregado por vetores de distanciamento.

A multiculturalidade, segundo Weissmann (2018), é um grande conjunto de culturas em interação sem se misturar. Quanto às diferenças culturais, elas ficam estanques em cada grupo cultural. Esse tipo de lógica binária não possibilita o contraponto e, muito menos, o questionamento de ideias. Ademais, uma característica interessante da multiculturalidade é que o prefixo *multi*, apesar de indicar pluralidade como algo positivo numa errônea interpretação, carrega vetores que só se complementam com ideias similares e se afastam de ideias contrárias à forma de pensamento predominante.

Ao mencionar a antropóloga da comunicação oral Maria Laura Méndez, Weissmann (2018) esclarece que, a partir de teorias norte-americanas, o multiculturalismo não se atenta aos processos de descolonização, visto que uma cultura determinada prevalecerá sobre as outras, exercendo poder sobre elas. Pensando nisso, o migrante, quando situado num contexto de imersão internacional, sofre uma supressão parcial de sua origem, pois a cultura e a língua locais emergem como fatores determinantes de sua integração, elas se tornam as regras do jogo.

Essas forças sociais de aproximação e distanciamento podem coexistir na relação entre pessoas e instituições. Tal relação é facilitada por meio da proficiência da língua do migrante em diferentes contextos, seja pela imersão local, seja pelos parâmetros que vêm a representar experiências do processo de adaptação (Landim, 2022). Sendo assim, como as experiências humanas são singulares e estabelecem relações comunitárias, ou seja, uma relação de troca entre grupos semelhantes, alguns aspectos são evidenciados pela cultura local, choque cultural, variação linguística, dentre outros fatores (Kramsch, 2014, 2017).

Nesse caminho, “aprender sobre uma cultura estrangeira sem estar ciente de suas próprias práticas discursivas pode levar a uma compreensão ahistórica e anacrônica do Outro e a um entendimento básico e, por conseguinte, limitado do Eu” (Kramsch, 2017, p. 146). De fato, as diferentes relações em uma variedade de esferas sociais se manifestam pela linguagem e na linguagem — considerando a língua como um sistema dinâmico e vivo, pois duas sociedades distintas se tornam plurais quando há interação, levando em conta a relevância de se compreender, de se aceitar e de aprender uma com a outra. Vale destacar também que o intercâmbio de vivências age e transforma o conhecimento frente às práticas sociais em âmbitos internacionais e nacionais (Landim, 2022). Portanto, a multiculturalidade reafirma a separação e a distância entre grupos.

Em contrapartida, a transculturalidade lida com as fronteiras desses vetores de distanciamento e acolhimento, mas sem anular ou separar grupos distintos que se relacionam. Conforme explica Weissmann (2018, p. 25):

O termo “transcultural” é usado fundamentalmente pela corrente austro-húngaro-francesa de pensamento, que é a etnopsicanálise. Eles combinam um olhar da antropologia conjuntamente com um olhar da psicanálise, ou seja, que trabalham na transdisciplina. [...] a etnopsicanálise propõe a discussão das representações culturais que providenciam um marco na construção das narrativas dos migrantes, cujo propósito é ajudar a estabelecer uma conexão entre o presente e o passado dos sujeitos que migram para outra cultura.

Logo, a transculturalidade promove uma compreensão mais ampla de diferentes culturas, dado o reconhecimento tanto das diversidades quanto das similaridades entre elas. Em suma, o prefixo *trans* sugere uma mistura de elementos culturais.

Feita uma breve apresentação dos conceitos de multiculturalidade e transculturalidade, partimos para o conceito que, para esta pesquisa, mostra-se mais relevante, a saber: a interculturalidade. A interculturalidade, para Nascimento (2014), é exemplificada pela relação e articulação social entre pessoas e grupos culturais distintos. Essa articulação não deve supervalorizar ou erradicar suas diferenças, já que o intuito é a interação dialógica entre pertencimento, noções sobre o passado e presente, inclusão, exclusão e também controle. Conforme Nascimento (2014), as características não fazem desaparecer assimetrias sociais, econômicas e políticas.

Na perspectiva de Alves e Rocha (2019), a interculturalidade, inerente à multiculturalidade, surgiu na Europa na década de 1970. Ela partiu de movimentos pelos direitos humanos, tendo em vista os inúmeros imigrantes no continente europeu advindos de várias partes do mundo. Assim, a abordagem multicultural se relaciona com a interculturalidade e pode ser entendida como a ideia de que muitas culturas coexistem nos limites do Estado e da sociedade, destacando a diversidade étnica e os aspectos linguísticos. Contudo, não se deve ignorar que a multiculturalidade tem a característica de uma cultura dominante.

Em síntese, a multiculturalidade sobrepõe outras culturas, e a transculturalidade focaliza os aspectos sociais em que os choques de aceitação ou recusa ocorrem. A interculturalidade, por sua vez, é mediadora dos processos, uma vez que visa o respeito e o entendimento mútuo, valoriza a troca de experiências e conhecimentos e, com isso, direciona para a construção de interações harmoniosas, enriquecedoras e inclusivas.

Acerca disso, Weissmann (2018) sustenta que as culturas existem no conflito e no diálogo, concomitantemente, sem tangenciar sua obstrução durante a relação entre diálogos diversos. Portanto, tais diálogos são formados pelo entrelaçamento de aspectos interculturais negociáveis que colocam a diversidade em evidência. Em acréscimo, a partilha de vivências e diferenças propicia a competência intercultural, isto é, a capacidade do sujeito entender e respeitar a variedade de culturas que o cercam, percebendo divergências e convergências e buscando equilibrar aspectos que o agradam ou não (Santos, 2021).

Em vista disso, a competência intercultural possibilita aos sujeitos (re)criar novas oportunidades, valores e ideais (Dutra; Penna, 2018; Dutra, 2019). Nesse sentido, Santos (2021) advoga que tal competência torna as pessoas sensíveis às dinâmicas interpessoais quando se encontram em situações difíceis que exigem delas uma interação ora perceptível, ora mais controlada. Ademais, Santos (2021) reitera que a competência intercultural está presente no processo de imersão, ainda que em muitos casos não seja necessário migrar para outro país.

Ampliando o processo intercultural, Byram, Gribkova e Starkey (2002) discutem a língua na dimensão de competência intercultural, pois para eles as pessoas são dotadas de características individuais e múltiplas. Elas podem estabelecer interação com grupos e comunidades de origens e culturas totalmente diferentes das delas. Sendo assim, para os autores, a competência intercultural pode ser interpretada como categorias que exigem posturas autônomas dos sujeitos, são elas:

1. *Saber ser*, pois exige o reconhecimento e o respeito frente à diversidade cultural existente no mundo, na busca de não considerar a sua cultura pessoal e local como padrão absoluto. Tal habilidade envolve a troca emocional e intelectual entre os sujeitos em interação;
2. *Saber aprender*, porque consiste na observação e análise de como as pessoas de outras línguas e culturas depreendem sua realidade, estabelecendo pontos de aceitação do diferente ainda que aquém de suas práticas sociais;
3. *Ter conhecimento*, já que envolve a aquisição de novos conhecimentos e perspectivas sobre a cultura para compreender seus valores, crenças e significados diversos;
4. *Saber fazer*, uma vez que é complementar às habilidades já mencionadas, exigindo que o indivíduo possa aplicá-las corretamente;

5. *Saber se engajar*, pois é na capacidade de avaliar de forma crítica os produtos e as práticas sociais tanto na cultura particular quanto na cultura externa ou de imersão que o sujeito pode demonstrar o envolvimento ativo e reflexivo de sua nova vivência.

Ainda, é relevante frisar que os movimentos interculturais contribuíram para as visões eurocêntricas e coloniais impostas pela comunidade internacional (Landim, 2022). Dentre elas, as formas de ver o sujeito no mundo, colocando concepções de identidade em cheque. Muitas dessas visões eurocêntricas foram questionadas desde os primórdios da sociedade, passando pelo sujeito da Antiguidade Clássica, Idade Média, Renascimento, Idade Moderna e chegando à Era Pós-Industrial, imersa na tecnologia no século XXI.

Ramos (2001), ao discutir sobre a interculturalidade, possibilita-nos entender que as problemáticas de domínio intercultural impõem desenvolvimento na competência social, cultural, pedagógica e comunicacional via diversidade. Os indícios de interculturalidade são uma espécie de equilíbrio universal e singular entre grupos distintos. Eles não são apenas as competências mencionadas que os colaboradores devem desenvolver ou apresentar em processos migratórios. Logo, o enriquecimento das relações humanizadas entre as nações — buscando mais tolerância, respeito mútuo e conscientização crítica sobre a natureza humana de várias ordens — mediante propostas interculturais, transculturais e multiculturais, de fato, integram o espaço internacional.

Por fim, a interculturalidade torna mais democráticos os interesses sociais e as trocas em contextos internacionais. Em um âmbito mais formal, organizações de grande destaque no mundo, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apresentaram uma nova compreensão desse cenário para que os países aprendam a viver juntos, pois é preciso reconhecer as diversidades identitárias e culturais de nosso mundo (López, 2001).

O reconhecimento das diversidades identitárias e culturais na esfera internacional, como proposto pela UNESCO, evidencia a importância de um diálogo intercultural que favoreça trocas mais democráticas e humanizadas entre os países, sobretudo nas instituições de ensino. Esse processo envolve não apenas a mudança de mentalidade, a reorganização da estrutura universitária, mas também a valorização da diversidade como fonte de enriquecimento mútuo.

É nesse contexto que a compreensão das inter-relações entre língua, cultura e tecido social torna-se essencial para ampliar a convivência global pautada no respeito e na inclusão diante das demandas científicas e globais. Assim, a interculturalidade emerge como uma

competência indispensável para mediar as relações e os desafios impostos na contemporaneidade.

Nesse sentido, as contribuições do campo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) oferecem um arcabouço teórico valioso para investigar as interações entre língua e cultura. Com raízes nos estudos do antropólogo Bronislaw Malinowski, a LSF não apenas reconhece a língua como manifestação cultural, como também a vê como um meio construtor de vínculos humanizados. Dessa forma, a linguagem desempenha um papel central na mediação das práticas interculturais e identitárias.

Diante disso, na próxima seção, exploraremos as contribuições teóricas e linguísticas da LSF, a fim de embasar a análise que faremos a respeito das narrativas dos intercambistas da UFLA, integrando teoria e prática em um cenário de diversidade científica, cultural e linguística.

3 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

“Text is a process of making meaning in context”.

(Michael Halliday em *Halliday’s introduction to functional grammar*).

Pensar um processo histórico sobre a Linguística Sistemico-Funcional (LSF) nos leva à origem do campo teórico que remonta aos estudos do antropólogo Bronislaw Malinowski (1884-1932), pois foi ele quem introduziu o conceito de que a língua é uma das mais importantes manifestações culturais de um povo.

Seu conceito de língua e cultura influenciou John Rupert Firth (1890-1960), que sistematizou os primeiros princípios de linguagem propostos por Malinowski. Firth, por sua vez, inspirou Halliday que, ao publicar seu artigo *Categories of the theory of grammar* no ano de 1960, fez nascer a gramática sistemico-funcional (Almeida, 2016). Por causa disso, outros estudos tiveram suas bases teóricas calcadas na LSF (Fuzer; Cabral, 2014).

Devido à popularização da teoria ao redor do mundo, muitos países apresentaram contribuições para a Linguística Sistemico-Funcional (LSF) ao longo dos anos, como Austrália, China, Inglaterra, França, Portugal, Colômbia, Uruguai, México e Brasil. E na expansão dos estudos, diferentes tipos de textos foram analisados.

Dentre os nomes de destaque, principais estudos e respectivas datas, temos: Halliday e Hasan (1989) em *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*; Eggins e Martin (1997) em “Genres and registers of discourse”; Fairclough (1992, 2003) em *Discourse and Social Change* e *Analysing discourse: textual analysis for social research*; Kress e van Leeuwen (1996) em *Reading images: the grammar of visual design* e, por fim, Martin e White (2005) em *The language of evaluation: appraisal in english*.

No caso do Brasil, autores como Vian Junior (2009), Alves e Rocha (2019) e Fuzer e Cabral (2014) ampliaram os estudos no campo da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) sobre a Língua Portuguesa, realizando adaptações necessárias a partir de trabalhos publicados em algumas universidades do país.

Tomando como partida o contexto histórico e a influência de diversos estudos, para o desenvolvimento deste trabalho faz-se necessário conceituar a Linguística Sistemico-Funcional (LSF), dada a importância do aporte teórico às interpretações do *corpus* fornecido voluntariamente pelos intercambistas da UFLA.

Entende-se que a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é um arcabouço teórico amplo para compreender como a linguagem funciona nos contextos sociais. Por meio de sua gramática, são oferecidas ferramentas de análise, trazendo destaque para o ambiente situacional e cultural (Halliday, 2014; Fuzer; Cabral, 2014; Santos, 2021). Por isso, cabe pontuar uma questão epistêmica sobre os termos “sistêmico” e “funcional”. O “sistêmico” é porque a língua é considerada um sistema linguístico interconectado, cuja finalidade é construir significados. Já o termo “funcional” refere-se às funções desempenhadas pela linguagem no que tange à relação entre as estruturas gramaticais e também a seus significados (Santos, 2021).

Nesse raciocínio, a linguagem disponibiliza os significados referentes às conexões interpessoais e representações do mundo que satisfazem diferentes exigências de uso (Fuzer; Cabral, 2014). Contudo, para melhor entender a LSF, é crucial revisar o que a literatura do campo consolida como linguagem, texto e contexto, este último subdividido em contexto de situação e contexto de cultura.

Na perspectiva da LSF, a linguagem é um recurso para construir significados sociais de forma organizada, partindo do meio social. Desse modo, o sujeito performa papéis sociais, pois “a linguagem é um modo de agir, dar e solicitar bens de serviços e informações” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 21). Da mesma forma, os interlocutores são parte do meio e produzem maneiras diversas de se comunicar textualmente. Assim, entende-se que a linguagem é viva em variadas situações, perpassando grupos e sofrendo influências de inúmeros fatores internos e externos a ela (Fuzer; Cabral, 2014).

Além disso, pode-se dizer que é por meio da linguagem que o sistema sociosemiótico se baseia no conjunto de regras — uma gramática caracterizada pela organização em diversas camadas, as quais são denominadas estratos. Os estratos são fonológicos, léxico-gramaticais, semânticos e contextuais, ademais são manifestados pela fala, quando o texto é oral, ou pela atividade de produção textual, quando a ocorrência é verbal e imagética.

Por se tratar de uma teoria que se vale de uma metodologia detalhada para análise de textos em contextos, o grau de objetividade torna explícito como os sujeitos usam a língua e de que maneira a linguagem é organizada pensando, inclusive, na escolha lexical (Barbara; Macêdo, 2009), haja vista que o sistema de fraseado envolvido pelo contexto é realizado pela léxico-gramática. Isso demarca o caráter semântico da linguagem, atribuindo sentido às construções e estabelecendo relação com outros sistemas, como o fonológico e o gráfico.

Em se tratando da estrutura, esta se difere do sistema, na medida em que é correspondente aos padrões ou regularidades sintagmáticos da linguagem. Ao mesmo tempo,

o sistema remete aos padrões paradigmáticos — elementos que poderiam estar presentes em determinada construção linguística (Fuzer; Cabral, 2014).

Com efeito, Carvalho (2020) parte do conceito de texto como a interlocução entre pessoas via oral e verbal. A comunicação ocorre de forma individualizada, mas também coletiva, quando necessário. Além disso, a finalidade textual é infinita, acontecendo de diversas formas, por exemplo, em comentários, opiniões, recados etc.

Carvalho (2020) ainda assevera que a interlocução possui um lugar social, presentificando seus agentes textuais, isto é, seus interlocutores. Com isso, o texto é a linguagem enquanto sistema que se materializa. Nas palavras de Halliday (2014, p. 3), o texto “é qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem”. Dito isso, Halliday (2014) explica que ao falar e escrever as pessoas constituem um texto. Este pode ser direcionado aos ouvintes e leitores que o interpretam e se engajam no enunciado ali existente.

Concordando com isso, Fuzer e Cabral (2014) tratam o texto não unicamente como uma unidade significativa que agrupa orações distintas. Afinal, o texto tem valor, sobretudo, no seu acontecimento, seu entorno. O texto é dotado de coesão interna, na medida em que é carregado de significado, sendo este uma opção. Em outras palavras, é pelas inúmeras alternativas selecionadas pelos interlocutores que determinados sentidos são constituídos.

Ademais, Almeida (2016, p. 132) reitera que “nesta abordagem, cada escolha no sistema adquire seu significado quando se coloca em relação de oposição com outras escolhas que poderiam ter sido feitas”. Isso permite dizer que as escolhas não são arbitrárias, mas sim motivadas pela interação social. Logo, todo texto tem um propósito — o texto pode ser visto com finalidade para si mesmo ou como um processo de criação direcionado para outros. O propósito comunicativo é evidente tanto para quem produz quanto para quem o texto é produzido, considerando principalmente o veículo e o meio de circulação.

Em conformidade com o que foi discutido até aqui, pode-se afirmar que cada texto apresenta um todo semântico, ou seja, uma estrutura de significados e, ao mesmo tempo, trocas sociais desses significados. Qualquer uso linguístico na composição textual torna seu acontecimento sempre imbuído em um contexto (Fuzer; Cabral, 2014).

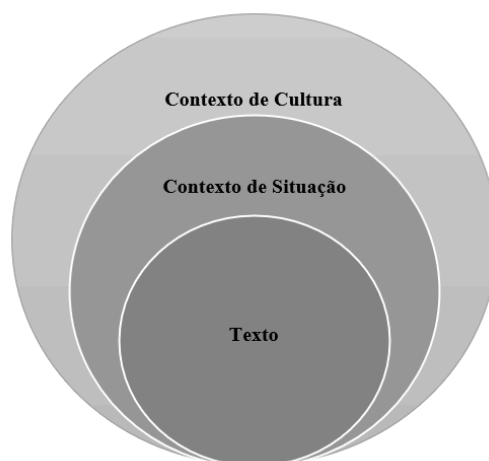
Decerto, o conhecimento linguístico capacita a leitura e a compreensão de como as palavras são selecionadas. Essa organização remete ao sistema porque propõe padrões e regularidades, configurando sentido em diferentes substituições de peças do sistema. Dito de outro modo, quaisquer conjuntos de alternativas devem constituir sentido, engendrando vida

ao sistema partilhado pelos interlocutores e formando sentido precipuamente por compartilhá-lo.

Segundo Fuzer e Cabral (2014), a gramática, como ponto de partida, possibilita mapear a organização semântica via abordagem sistêmico-funcional, em razão de entender a experiência humana por suas camadas, isto é, seus diferentes estratos da língua. O conhecimento gramatical explicita qual escolha, qual ordem e como a sequência das palavras de fato é capaz de trazer clareza aos elementos do texto sobre aquilo que se deseja dizer.

Halliday (2014) entende que a linguagem, por intermédio do texto em um contexto, manifesta-se como um instrumento de ação cujo potencial semântico tem dois níveis contextuais: o de situação e o de cultura. A Figura 1 ilustra isso:

Figura 1 – Texto em contexto (adaptado)



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 26)

Na Figura 1, observa-se que o texto sempre ocorre entrelaçado pelo contexto de situação e também pelo contexto de cultura, visto que o texto apresenta e “tem aspectos do contexto em que foi produzido” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 27). É notável que na relação de texto e contexto existam dimensões delimitadoras de um para com o outro, demarcando o que é dito, como é dito e quando é dito. Nisso, estão imbricados os papéis sociais de seus interlocutores — o que permite aos leitores e/ou ouvintes externos precisar o contexto de produção.

Dessa forma, na medida em que a linguagem é manuseada pelo sujeito em ação, tanto no pensamento quanto na produção textual verbal ou não, sua expressão na realidade é materializada pelas escolhas linguísticas e gesticulares. Para dizer de outro modo, o texto está

imerso em variáveis contextuais que condicionam sua criação e seu propósito de comunicação (Fuzer; Cabral, 2014).

Acerca dessa lógica, quando uma pessoa usa a linguagem, seja para pensar ou para criar um texto, ela transforma suas ideias. Há escolha de como expressá-las, e tais escolhas não acontecem de forma isolada, uma vez que são influenciadas pelo contexto em que o texto oral ou escrito é produzido/enunciado. Isso também ocorre com a situação, o público-alvo escolhido, o interlocutor e o objetivo daquela comunicação em específico. Para tanto, os elementos presentes na constituição de sentido do texto o moldam, e é por meio dele que a interação se cria e toma forma.

Por sua vez, o contexto de cultura engloba práticas sociais amplas de grupos étnicos distintos (Fuzer; Cabral, 2014). Ele remete ao propósito social e materializa-se em gêneros, considerando que as pessoas utilizam da linguagem em moldes semelhantes com finalidades específicas, visando objetivos comuns de textos orais ou escritos.

Paralelamente, o contexto de situação fica preservado no entorno que o texto se inscreve, isto é, fica aglutinado no que é dito em situações particulares. O contexto de situação é o ambiente imanente no qual o texto ocorre, perpassa os sujeitos e está verdadeiramente acontecendo (Fuzer; Cabral, 2014). Certos discursos e textos são constituídos em uma situação particular em que seus participantes podem compreendê-los se já estiverem inseridos naquele contexto há mais tempo. No entanto, caso os sujeitos não pertençam às esferas de tais contextos de situação, eles precisarão de mais informações, a fim de abstrair dados novos com caráter mais cultural.

O contexto de situação permite afirmar que a variabilidade dos contextos está relacionada às funções da linguagem, ocorrendo em microcontextos. Assim, conforme ilustra o Quadro 1, o contexto de situação desta pesquisa de mestrado é constituído por três variáveis: campo, relação e modo.

Quadro 1 – Variáveis do contexto de situação da pesquisa

Variáveis do contexto de situação da pesquisa	
Campo	Intercâmbio
Relação	Intercambista e Pesquisador
Modo	Gravado via <i>Google Meet</i> . Transcrita manualmente pelo pesquisador

Fonte: Do autor (2024)

Tendo em vista o Quadro 1, é necessário explicar brevemente cada uma de suas dimensões, já que as palavras “intercâmbio”, “intercambista”, “pesquisador” e “*Google meet*”

não são suficientes para conectar o real sentido de campo, relação e modo dentro da literatura voltada à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

Para tanto, o campo diz respeito ao conteúdo tratado pelos participantes. Ele pode ser entendido quando questionamos qual é o evento ou assunto social que ocorre com um determinado objetivo. Já a relação se refere às pessoas e/ou participantes envolvidos, bem como aos papéis sociais desempenhados. No mais, a relação remete ao grau de formalidade da interação estabelecida entre os participantes. Por seu turno, o modo relaciona-se à função que a linguagem exerce na situação contextual, ou seja, a linguagem se manifesta/materializa de forma escrita, imagética, textual ou verbal por meio de alguma instrumentalização — contato pessoal, virtual, gravação, transcrição etc.

Ademais, cada variável tem dimensões diferentes, sendo possível reforçar a função exercida por cada uma delas por meio de metafunções (Halliday, 2014). Para cada metafunção, é demarcado linguisticamente um reflexo da experiência humana, sobretudo, observando seus recursos léxico-gramaticais ao descrever de forma sistemática os padrões linguísticos com recortes e perspectivas particulares. As três metafunções que derivam das variáveis de registro são: a metafunção interpessoal, a metafunção ideacional e a metafunção textual (Fuzer; Cabral, 2014).

De forma objetiva, compreender o campo é de caráter ideacional, compreender a relação é de caráter interpessoal e compreender o modo é de caráter textual. Para melhor detalhar, segue no Quadro 2 uma síntese de cada metafunção e suas particularidades sobre as realizações léxico-gramaticais equivalentes à Linguística Sistêmico-Funcional.

Quadro 2 – Variáveis, metafunções e realizações léxico-gramaticais

Variáveis de contexto	Metafunções	Realizações léxico-gramaticais
Campo	Ideacional	Transitividade
Relações	Interpessoal	Modo e Modalidade
Modo	Textual	Tema e Rema

Fonte: Barbara e Macêdo (2009, p. 93)

A metafunção ideacional entende o uso da linguagem na expressão da experiência externa e interna, ou seja, representada no mundo. Sua variável do contexto de situação é o campo, como vimos, e seu significado é constituído por duas funções: experiencial e lógica. A experiencial trata dos processos de ordem verbal, com participantes e determinadas circunstâncias. A lógica aborda as interações entre duas ou mais ideias e dispõe de uma

relação de causa, efeito e condicionalidade. Na análise ideacional, o significado é construído a partir da experiência. Quando se trata de orações, a realização léxico-gramatical se dá pelo sistema de transitividade, tendo a oração como representação (Barbara; Macêdo, 2009; Fuzer; Cabral, 2014; Carvalho, 2020).

A metafunção interpessoal percebe o uso da linguagem na expressão da troca entre seus participantes durante um evento de comunicação. Sua variável do contexto de situação é a relação, conforme apresentamos. Seu significado é constituído por funções de modo e modalidade. O modo e a modalidade tratam dos processos de ordem na estrutura da língua pelas escolhas feitas, levando em consideração seus elementos constituintes. Os elementos podem ser: sujeito, finito, complemento, predador ou adjunto. Na análise interpessoal, o significado é construído pelos papéis ao negociar a mensagem, alterando a interpretação da compreensão e da resposta simultaneamente (Fuzer; Cabral, 2014; Carvalho, 2020). Quando se trata de orações, a realização léxico-gramatical tem a oração como troca de informações ou bens de serviços (Barbara; Macêdo, 2009; Fuzer; Cabral, 2014; Carvalho, 2020).

A metafunção textual, por fim, considera o uso da linguagem na expressão textual por meio de elementos que estabelecem uma conexão semântica. Sua variável do contexto de situação é o modo, como discutimos. Seu significado é constituído por duas funções de tema e rema. O tema é o ponto de partida de uma determinada mensagem. O rema é a retomada e sequenciação do corpo textual. Na análise textual, o significado é construído pelas coesões lexicais e gramaticais, a fim de facilitar a interpretação tanto do ouvinte quanto do leitor. Quando se trata de orações, a realização léxico-gramatical é vista como mensagem (Barbara; Macêdo, 2009; Fuzer; Cabral, 2014; Carvalho, 2020).

Para encerrar esta seção, a discussão sobre as variáveis de contexto de situação, de cultura e as metafunções permite dizer que as inúmeras contribuições contextuais de produção e compreensão de um texto podem ser observadas por diferentes pontos de vista de ordem funcionalista nos estudos da linguagem (Silva, 2014).

A Linguística Sistemico-Funcional (LSF) apresenta uma abordagem que conecta a interação humana com a materialidade linguística de seus participantes. Essa perspectiva reflete tanto as experiências e as relações estabelecidas entre eles quanto o papel do discurso como veículo orientado para fins específicos. Segundo Halliday (2014), a LSF busca revelar significados de forma impactante, guiada por motivações práticas e culturais.

Uma área específica da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) que tem atraído considerável interesse dos pesquisadores e é pertinente para o presente trabalho é o Sistema de Avaliatividade, derivado da metafunção interpessoal. Ele é inovador na análise de

constituintes textuais e preciso na investigação sobre pessoas, objetos e ideias abstratas. Dito isso, na seção seguinte, discutiremos os princípios do Sistema de Avaliatividade e sua relevância para a pesquisa.

4 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

“Tudo depende do tipo de lente que você utiliza para ver as coisas”.

(Jostein Gaarder em *O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia*).

O famoso livro *O mundo de Sofia* popularizou-se por apresentar uma narrativa com reflexões filosóficas, trazendo o leitor para um lugar de análise de fatos cotidianos por meio de diferentes perspectivas. As reflexões da história ampliam o horizonte do sujeito leitor da obra de forma diferente, pois possibilita o confronto de inúmeros sentimentos, julgamentos e tomadas de atitude ora mais ponderadas, ora menos ponderadas pela personagem principal. Sendo assim, a obra, de modo lúdico, coloca o leitor para avaliar distintas questões, o que faz parte de nossa natureza, em todos os contextos em que vivemos.

Por sermos sujeitos atuantes no mundo, somos dotados de faculdades cognitivas —atenção, percepção, memória, dentre outras. Assim, pela linguagem, em muitas situações contextuais, possibilitamos a construção de sentidos pelas palavras, gestos e emoções. Descrevemos e interpretamos a realidade por recortes, ou seja, avaliamos ideias, situações, fatos, causalidades e pessoas às quais assistimos por nossa perspectiva.

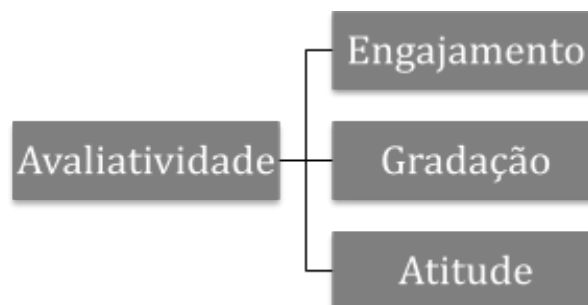
No que tocante às metafunções da LSF, discutidas previamente, Martin e White (2005) explicam que as fontes ideacionais focalizam as experiências vivenciadas. Já as fontes interpessoais estão preocupadas com a negociação das relações sociais, por exemplo, como as pessoas estão interagindo. Por sua vez, as fontes textuais estão preocupadas com o fluxo de informações, sendo a forma pela qual o significado ideacional e interpessoal é distribuído e transmitido por semioses, incluindo as interconexões pelo veículo linguístico utilizado para atender variadas modalidades, a saber: ações, imagens, músicas etc.

Nessa esteira, o Sistema de Avaliatividade, desenvolvido por Martin e White (2005), surge como uma derivação da metafunção interpessoal, já que, nas palavras de Almeida e Santos (2021, p. 4), “o Sistema de Avaliatividade [...] diz respeito a como os falantes/escritores expressam seus sentimentos e opiniões através da linguagem, posicionando-se perante seus interlocutores”.

Ademais, o Sistema de Avaliatividade (*Appraisal*, em inglês) apresenta três domínios, criando ramificações de três subsistemas principais, são eles: engajamento, gradação e atitude (Martin; White, 2005). O Sistema pode ser utilizado como ferramenta de análise textual porque perpassa a interface entre a semântica do discurso e a léxico-gramática (Silva; Griffo, 2024). Assim, cada um desses subsistemas da Avaliatividade oferece uma visão distinta para

avaliar a expressão de opiniões e emoções inerentes ao discurso. A Figura 2 ilustra a divisão do Sistema de Avaliatividade:

Figura 2 – Sistema de Avaliatividade



Fonte: Do autor (2024)

O engajamento diz respeito ao posicionamento de vozes em relação aos pontos de vista e informações durante uma troca discursiva. Ele se refere à abertura ou ao distanciamento durante todo o ato discursivo. O engajamento se subdivide em Heteroglossia e Monoglossia.

A Heteroglossia envolve um grande número de vozes ou pontos de vista e traz direta ou indiretamente a carga perceptiva de outros participantes. Além disso, a Heteroglossia possui duas categorias: o dialogismo e a modalização. O dialogismo ilustra o engajamento de outros discursos a partir de um sujeito, para exemplificar: “Os antigos dizem que chá de boldo faz bem”. Por seu turno, a modalização elucida formas de suavizar, trazer incertezas, possibilidades e até probabilidades sobre determinados dizeres, por exemplo: “Ele pode vir amanhã, se não chover”. A modalização está presente na construção de condicionais reais, ficcionais e hipotéticas. Ela abre espaço para múltiplas interpretações.

Em contrapartida, a Monoglossia engloba declarações que tangenciam uma única perspectiva, sem abrir espaço para diálogo com outras vozes ou perspectivas. Ela é um tipo de enunciado que tem carga semântica categórica, por exemplo: “O álcool é inflamável”, “A terra é redonda” e “Os fenômenos físicos normalmente são reversíveis, enquanto os fenômenos químicos quase sempre são irreversíveis”.

Passando para a gradação, observamos que ela está relacionada à modulação e ao escalamento de avaliações. Em outras palavras, a gradação se vale de formas linguísticas ajustáveis à intensidade de uma determinada avaliação. A gradação é subdividida em força e foco.

A força abarca o vigor, podendo ser aumentada ou diminuída de acordo com a necessidade do falante. Há presença de quantificadores como “muito”, “pouco” e “bastante”.

Por exemplo: “Ela é muito pesada, ela pesa 115 kg”, “Isso, meu amigo, coloque bastante molho no meu cachorro-quente, por favor!”, “Pode colocar açúcar sim, mas só um pouquinho. Obrigado!”.

Já o foco remete à precisão, determinando se algo se adequa pouco, parcialmente ou completamente a determinado fator. Há presença de termos como “completamente”, “quase”, “mais ou menos”. Para ilustrar: “Ele estudou a teoria bakhtiniana quase toda”, “O celular está completamente carregado” e “Ela quase venceu a corrida de atletismo nas Olimpíadas”.

A atitude, terceiro elemento do Sistema de Avaliatividade, exerce considerável relevância para a discussão dos dados desta pesquisa. Tal importância se justifica, pois a atitude se refere à maneira pela qual os falantes expressam suas emoções, julgamentos e avaliações (Santos, 2021). Logo, a atitude não só ilumina as complexidades das experiências de intercâmbio, mas também traz à tona como os intercambistas avaliaram suas vivências fora de seu país de origem. Suas avaliações permitem pontuar questões de como eles se sentem, como julgam fatos sociais e legais da experiência adquirida e também opinam sobre situações diversas.

Em acréscimo, a atitude evidencia distintos níveis de Avaliatividade no discurso (Almeida; Vian Junior, 2018). Para tanto, ela apresenta um subsistema que inclui afeto, julgamento e apreciação. As subdivisões da atitude, bem como as do engajamento e as da gradação, são sintetizadas na Figura 3:

Figura 3 – Engajamento, gradação, atitude e subdivisões



Fonte: Do Autor (2024)

Como foco do trabalho, no que corresponde à atitude, o afeto pode ser positivo ou negativo, aludindo à (in)felicidade, (in)segurança, (in)satisfação para que possamos identificar

os sentimentos e as emoções que o falante quer dar destaque (Martin; White, 2005). Também há uma possibilidade de inclinação quando a alusão aos sentimentos aparenta uma tendência em corroborar ou indeferir a afetividade do sujeito acerca de determinado tema. Outro fator importante, conforme destacado por Almeida e Santos (2021, p. 5), é que o “afeto compete à personalidade de cada indivíduo, diz respeito à pessoa. Por exemplo: ‘Eu adoro Harry Potter’, ‘Que alegria saber disso!’, ‘Eu odeio música sertaneja’ e ‘Que triste saber disso!’”.

Na subdivisão denominada julgamento, são contempladas expressões relacionadas aos comportamentos e ações dos sujeitos de maneira geral. Essa categoria inclui termos de natureza social, ética e moral. Logo, o julgamento pode ser direcionado ao comportamento ético, abrangendo aspectos como veracidade e propriedade, ou ao desempenho pessoal, relacionado à habilidade, competência e atributos como normalidade, capacidade e tenacidade. Segundo Martin e White (2005), o julgamento refere-se à avaliação do comportamento, considerando-o apropriado ou não. Essa variação apresenta dois aspectos principais: em alguns casos, está estruturada pela estima social, vinculada à cultura; em outros, pela sanção social, associada ao âmbito legal e determinada por leis ou instituições. Por exemplo: “Ela é uma excelente professora de inglês” [Estima Social], “Ele agiu de má fé com sua esposa ao traí-la com a sobrinha” [Estima Social] e “O cinto de segurança é obrigatório para todos os passageiros” [Sanção Social].

Por fim, a apreciação inclui expressões sobre a avaliação de objetos, fenômenos e processos, tendo como régua a qualidade, a beleza estética ou a sua valorização. A apreciação pode ser positiva ou negativa, assim como ocorre com o afeto e o julgamento, mas sua ocorrência é sobre objetos palpáveis ou não, desconsiderando apreciação sobre pessoas (Martin; White, 2005). Alguns exemplos de apreciação são: “O show de Rock foi mal planejado”, “Paguei 400 reais nessa comida ruim, que desperdício de tempo e dinheiro!” e “Esse livro sobre educação financeira é de grande contribuição para as pessoas na atualidade”.

Em síntese, a aplicação do Sistema de Avaliatividade, sobretudo do subsistema de atitude, permite reflexões sobre as experiências e percepções dos sujeitos em contextos culturais distintos. Os relatos de intercambistas trazem cargas semânticas sobre seus afetos, julgamentos e apreciações, e o subsistema de atitude oportuniza uma compreensão mais rica e detalhada das emoções, dos valores e das avaliações de seus contextos situacionais assistidos.

Feito isso, na próxima seção, passaremos para a fundamentação metodológica deste estudo, a fim de classificar a pesquisa, fornecer algumas informações importantes de seu desenvolvimento e, ainda, apresentar as categorias de análise de dados do *corpus*.

5 METODOLOGIA

Para o presente trabalho, busca-se conhecer e refletir sobre as percepções de intercambistas que passaram pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), no que tange às suas construções identitárias e a seus processos de interculturalidade. É válido enfatizar que cada intercambista realizou um intercâmbio diferente e, por esse motivo, a pesquisa descreve dimensões culturais distintas. Os países de intercâmbio em foco são: França, Alemanha, Argentina, Colômbia, Portugal, Guiné-Bissau e Brasil.

A seguir, estão os passos metodológicos da construção da pesquisa. Em primeiro lugar, abordamos as características da pesquisa qualitativa. Em segundo lugar, descrevemos os critérios de participação das entrevistas, o modo como se deu a transcrição dos dados coletados, bem como as etapas de desenvolvimento deste estudo. Em terceiro lugar, tratamos da codificação utilizada para apresentação dos excertos presentes na análise de dados, das categorizações interculturais sumarizadas e, novamente, das perguntas de pesquisa.

5.1 Características teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa

O embasamento teórico-metodológico desta pesquisa requer um estudo organizado e de trato técnico responsável para compreender um problema e desenvolver conhecimento sobre determinado fenômeno (Paiva, 2019). Para tanto, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COEP/UFLA) para a coleta de dados, sendo identificada pelo Certificado de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE) de nº 75494423.70000.5148. Assim, este estudo pautou-se num tratamento ético, com respeito à privacidade, à confidencialidade, à segurança e à integridade dos sujeitos envolvidos.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, pois se propõe a entender as experiências vivenciadas por meio de descrição e explicação de fenômenos sociais de formas variadas (Paiva, 2019). Tendo em vista sua natureza qualitativa, o objetivo da pesquisa é tanto interpretativo quanto descritivo. É interpretativo, porque se refere à reflexão acerca das percepções de intercambistas e seus processos de interculturalidade, verificando em seus relatos a relação entre a fundamentação teórica escolhida e os fatos presentes na materialidade linguística do *corpus*. É também descritivo, uma vez que a observação dos registros coletados possibilita analisar e correlacionar fatos e fenômenos experienciados sem manipulá-los, ou seja, os elementos textuais explicitam suas características, atendendo às perguntas de pesquisa especificadas.

Ademais, o *corpus* é composto por um agrupamento de narrativas e, de acordo com Paiva (2019, p. 87), “uma narrativa é sempre uma história, eventos do passado, real ou fictícia, narrada oralmente ou por escrito”. Assim, a utilização de pesquisa narrativa atende ao fenômeno investigado na pesquisa porque não só investiga, mas também apresenta por meio da tessitura textual o que é pesquisado, contribuindo para as conclusões do trabalho desenvolvido.

Portanto, esta pesquisa parte de narrativas orais feitas durante a entrevista com os intercambistas, configurando-se como empírica, pois reflete sobre os relatos de experiências de vida, em conformidade com os estudos metodológicos de Paiva (2019). Esses relatos são interpretados como narrativas de intercambistas estrangeiros e brasileiros.

As fontes de informação utilizadas na pesquisa são de ordem primária, baseando-se em dados coletados diretamente pelo pesquisador. Esses dados foram organizados em um banco de informações composto por entrevistas (Paiva, 2019). As entrevistas, realizadas de forma individual com os voluntários, foram transcritas a partir de gravações. Com isso, os participantes contribuíram para o registro formal dos dados e para a constituição do *corpus* que fundamenta este trabalho.

Na seção seguinte, são aprofundados os critérios de participação dos intercambistas e a forma de transcrição dos dados narrativos.

5.2 Critérios de participação, transcrição de dados e etapas de desenvolvimento

Esta pesquisa só teve início depois da coleta de todos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinados pelos intercambistas participantes, os quais autorizaram o uso anônimo das narrativas obtidas a partir das entrevistas individuais gravadas. Além disso, os critérios de seleção dos intercambistas participantes³ foram: (1) ser discente ou docente egresso da UFLA; (2) ter participado de algum programa de internacionalização vinculado à UFLA; (3) ter tido vínculo com a UFLA de, no mínimo, três meses e (4) ter recebido todas as orientações sobre o trabalho, previamente, para aceitar participar da pesquisa de forma voluntária mediante a assinatura do TCLE.

Em primeiro lugar, realizamos um levantamento bibliográfico acerca dos conceitos de pesquisa narrativa, construção identitária e interculturalidade, uma vez que embasam as interpretações desta pesquisa. Delimitamos o objetivo geral, na busca de entender as experiências de intercâmbio de estudantes brasileiros e estrangeiros, identificando seus

³ Destacamos que não houve corte de nenhum intercambista. Ao todo, participaram cinco intercambistas voluntários, por questões de tempo e *networking*.

desafios, os benefícios obtidos e as diferenças culturais percebidas por eles ao final de suas vivências.

Em segundo lugar, preparamos um roteiro de dez perguntas possíveis para cada entrevista. As perguntas apresentaram um caráter semiaberto, sendo estabelecidas previamente, mas passíveis de modificação de acordo com o andamento da entrevista. O roteiro de perguntas foi planejado para que os entrevistados pudessem expressar suas experiências de intercâmbio, focalizando os pontos de interesse particular para esta investigação.

Em terceiro lugar, a pesquisa passou pela análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COEP/UFLA) para a coleta de dados, sendo identificada pelo Certificado de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE) de nº 75494423.70000.5148.

Em quarto lugar, concluídas as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), realizamos as entrevistas com os estrangeiros e brasileiros que participaram de interlocuções na UFLA. Considerando a facilidade de interação possibilitada pelas mídias digitais, a realização das entrevistas ocorreu remotamente via *Google Meet*.

Em quinto lugar, as entrevistas foram transcritas, tomando como medida de trabalho a anonimização dos dados dos intercambistas, respeitando as diretrizes e orientações do Código de Ética em Pesquisas. Após as transcrições, as gravações foram deletadas para impossibilitar vazamentos ou quebra de sigilo da identidade de cada voluntário.

Em sexto lugar, por fim, analisamos os dados coletados, baseando-nos no aporte teórico escolhido e com vistas a auxiliar outros estudos relacionados à interculturalidade, à identidade, à pesquisa narrativa e à avaliatividade.

Com base nos critérios estabelecidos para a seleção dos participantes e para cada uma das etapas desta investigação, foi possível garantir os aspectos metodológicos e éticos de forma rigorosa e contínua.

No Quadro 3, são apresentadas as informações detalhadas sobre os intercambistas entrevistados, incluindo idade, nacionalidade, programa de intercâmbio, países de origem e destinos, além do tempo de permanência tanto no país estrangeiro quanto no Brasil. Os participantes dispõem de idades variadas: Amanda (21 anos), Benício (30 anos), Aurora (28 anos), Nadiene (31 anos) e Luara (31 anos), refletindo a pluralidade das experiências de intercâmbio e dos programas de estudo.

É importante salientar que, para esta pesquisa, os intercambistas obtiveram suas experiências por diferentes motivos. Eles não são do mesmo campo de atuação, o que torna possível notar variados pontos de vista sobre a ampliação de trabalhos, como este, que

investigam a construção identitária e também evidenciam os aspectos interculturais vivenciados em áreas do conhecimento não relacionadas.

Os países de origem incluem Brasil, Guiné-Bissau e França, enquanto os destinos abrangem Portugal, Brasil, Argentina, Alemanha e Colômbia, explicitando a natureza multicultural e transnacional desses programas. As modalidades de intercâmbio variam entre bolsas acadêmicas, estágios e programas de mestrado, com tempos de duração distintos, que vão de três meses até permanência fixa no país. O Quadro 3, portanto, ilustra a amplitude dos programas de intercâmbio e suas contribuições para a formação acadêmica e profissional dos participantes.

Quadro 3 – Informações sobre os intercambistas

Intercambista/ idade	País de origem	País de intercâmbio	Programa de intercâmbio	Tempo de intercâmbio
Amanda/21	Brasil	Portugal	Diretoria de Relações Internacionais (DRI/UFLA) Bolsa do Instituto Politécnico de Bragança (IPB)	6 meses
Benício/30	Guiné-Bissau	Brasil	Bolsa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) Bolsa de Mestrado (UFLA)	10 anos (atualmente)
Aurora/28	França	Brasil	Diretoria de Relações Internacionais (DRI) – França Embaixada Francesa – Bolsa	1 ano
Nadiene/31	Brasil	Argentina	Estágio na Universidad de la Plata – Argentina	1 ano e 6 meses
		Alemanha	Bolsa – Alemanha	3 meses
Luara/31	Brasil	Colômbia	Diretoria de Relações Internacionais (DRI/UFLA)	6 meses

Fonte: Do autor (2024)

Depois de demarcar os critérios de participação, descrever brevemente cada etapa de desenvolvimento da pesquisa e informar dados dos intercambistas. Cada transcrição de dados traz as experiências pessoais proporcionadas pela Universidade Federal de Lavras, direta ou indiretamente, ao evidenciar momentos marcantes da vida dos intercambistas.

Sabe-se que fazer pesquisa no campo da linguística aplicada requer conhecimento e uma posição interpretativa pela maneira com que o saber é produzido dentro das ciências sociais (Paiva, 2019). A natureza do mundo social requer que se descubram meios adequados

à produção científica, permeados por significados constituídos pelo sujeito (Lopes, 2019). A participação voluntária dos intercambistas selecionados e vinculados formalmente à Universidade Federal de Lavras (UFLA) coopera para a confiabilidade dos dados e a validade do *corpus* desta dissertação.

Dessa forma, esta seção expõe os critérios de participação, a transcrição de dados e as etapas de desenvolvimento do estudo. A seguir, serão discutidas a codificação e as categorias de análise utilizadas para compreender as experiências e identidades dos intercambistas.

5.3 Codificação e categorias de análise

Para identificar as falas nos trechos analisados, foi desenvolvida uma codificação. Essa codificação começa com as iniciais de cada nome fictício dos intercambistas, seguida por um número que indica a sequência dos trechos extraídos das entrevistas, organizados em ordem crescente ao longo da análise

O Quadro 4 apresenta a legenda de intercambistas por número de excertos, permitindo a identificação e a organização das falas ou as contribuições de cada participante na pesquisa. Ele está estruturado em três colunas: a primeira, intitulada “Intercambista”, lista os nomes dos participantes (Amanda, Benício, Aurora, Nadiene e Luara); a segunda, denominada “Excerto e Numeração”, indica como os excertos estão organizados de forma crescente, utilizando a fórmula Nome + Excerto + Número para facilitar a identificação de cada trecho; a terceira, nomeada “Código”, mostra os códigos específicos atribuídos a cada participante, formados pela combinação de uma abreviação do nome seguida do número do excerto apresentado. Por exemplo: Amanda recebe o código (Amex+ nº), Benício (Benex+ nº), Aurora (Aurex+ nº), Nadiene (Nadiex+ nº) e Luara (Luex+ nº). O quadro funciona, portanto, como uma ferramenta de referência padronizada, ajudando a localizar e distinguir os trechos atribuídos a cada intercambista no decorrer da análise dos dados.

Quadro 4 – Legenda de intercambistas por número de excertos

Intercambista	Excerto e Numeração	Código
Amanda	Nome+ Ex+ número	Amex+ nº
Benício	Nome+ Ex+ número	Benex+ nº
Aurora	Nome+ Ex+ número	Aurex+ nº
Nadiene	Nome+ Ex+ número	Nadiex+ nº
Luara	Nome+ Ex+ número	Luex+ nº

Fonte: Do autor (2024)

Além de organizar o número de excertos atribuídos a cada intercambista entrevistado e destacar trechos relevantes de suas falas, esta seção também apresenta, de forma sequencial, as categorias de análise empregadas no tratamento dos dados. Essas categorias, por analogia, permitem uma leitura mais ampla ao aprofundar o conteúdo integral das entrevistas, alinhando-as a cada pergunta de pesquisa, a saber: (1) quais foram as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas?; (2) quais foram as aprendizagens mais relevantes?; e (3) quais foram as percepções dos intercambistas sobre suas construções identitárias resultantes do intercâmbio?

Para tal, recorreremos às categorias de competências interculturais de Byram, Gribkova e Starkey (2002), dispostas de forma breve no Quadro 5:

Quadro 5 – Competências interculturais de Byram, Gribkova e Starkey (2002)

Categoria	Descrição
1 – Saber ser	Reconhecimento e respeito pela diversidade cultural, evitando considerar a própria cultura como padrão absoluto. Envolve troca emocional e intelectual.
2 – Saber aprender	Observação e análise de como outras culturas interpretam sua realidade, promovendo aceitação das diferenças, mesmo que distintas de práticas sociais próprias.
3 – Ter conhecimento	Aquisição de novos conhecimentos e perspectivas sobre valores, crenças e significados culturais.
4 – Saber fazer	Aplicação prática das habilidades de reconhecimento, aprendizado e conhecimento cultural de forma eficaz e adequada.
5 – Saber se engajar	Capacidade crítica de avaliar produtos e práticas sociais de diferentes culturas, demonstrando envolvimento reflexivo e ativo em novas vivências culturais.

Fonte: Do autor (2024)

Em síntese, cada pergunta de pesquisa será respondida com base nos aportes teóricos pertinentes, em diálogo com as categorias de Byram, Gribkova e Starkey (2002), conforme podemos visualizar no Quadro 6:

Quadro 6 – Perguntas de pesquisa e aporte teórico

Pergunta de pesquisa	Aporte teórico
1 – Quais foram as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas?	Interculturalidade Multiculturalidade Avaliatividade – Atitude
2 – Quais foram as aprendizagens mais relevantes?	Interculturalidade Multiculturalidade Avaliatividade – Atitude
3 – Quais são as percepções dos entrevistados sobre suas construções identitárias resultantes do intercâmbio?	Construção identitária Avaliatividade – Atitude

Fonte: Do autor (2024)

As respostas apresentadas na discussão dos dados, como veremos, conferem credibilidade ao estudo ao oferecer uma interpretação fundamentada por meio de contextualização, excertos e embasamento teórico, corroborando a validação dos relatos dos intercambistas (Paiva, 2019).

Além disso, a análise de cada resposta em relação a cada pergunta formulada aos participantes permite ampliar a interpretação dos dados e agregar novos *insights* ao estudo. Essa abordagem possibilita que a pesquisa seja reaplicada em contextos semelhantes, ainda que cada situação apresente particularidades que inviabilizem a reprodução exata dos resultados.

A seguir, discutiremos os dados coletados, com o objetivo de responder às perguntas de pesquisa. Para isso, serão utilizados excertos que evidenciam as dificuldades, os aprendizados e as percepções identitárias dos intercambistas no período pós-intercâmbio. A análise dos relatos baseia-se nos conceitos de pesquisa narrativa, construção identitária e interculturalidade, aliados à análise linguística fundamentada no Sistema de Avaliatividade.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Nesta seção, as discussões visam responder a cada pergunta de pesquisa. Para isso, foram selecionados excertos das entrevistas que evidenciam as falas dos intercambistas em direção às questões de pesquisa. Complementarmente, para cada excerto, foi feita uma análise à luz das teorias que amparam esta investigação, a saber: interculturalidade e construção identitária. Nesse sentido, também apresentamos os aportes teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, especificamente a Avaliatividade, para fundamentar nossas interpretações. Para tanto, as falas que indicam uma categorização de Avaliatividade estão negritadas e a categorização linguística está colocada entre colchetes. Sendo assim, as perguntas de pesquisa são respondidas e comentadas à medida que os excertos são apresentados.

6.1 Quais foram as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas?

A intercambista 1, Amanda, viajou para Portugal enquanto cursava sua graduação em Letras. Ela permaneceu seis meses no país europeu, onde cursou algumas disciplinas em sua área de estudo. Durante sua entrevista, a colaboradora relatou dificuldades com o clima e com fatores financeiros. Observemos o excerto Amex1:

[Amex1]

Então... **adaptar a esse clima que é muito diferente do nosso, para mim foi muito difícil [Afeto – Negativo – Insatisfação]**. E a questão também econômica, **que não é fácil [Julgamento – Estima Social – Negativo]**. A gente tem aí um... tudo... todos os valores são 5 vezes 5. Geralmente, isso é muito puxado, ainda mais para mim que, por exemplo, não tive um apoio, vamos dizer assim... **Eu não tive bolsa, então foi muito difícil [Afeto – Negativo – Insatisfação]; eu tive que me preparar durante muito tempo para isso.**

A partir do excerto Amex1, podemos notar que viver em um outro país com objetivo estudantil exige do ser humano um planejamento que viabilize *saber ser* fora de sua terra natal e também *saber aprender* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002). Nesse sentido, a não adaptação e a contrariedade frente à diferença geográfica são indícios iniciais de que a intercambista não estava preparada para aceitar diferenças, ou seja, ela demonstra problemas no aspecto de *saber aprender*.

No que diz respeito à Avaliatividade, sobretudo o subsistema de atitude, a fala da intercambista evidencia o choque térmico da mudança de um país tropical sul-americano para um país europeu no final da temporada de inverno. Assim, Amanda expressa, algumas vezes, suas emoções de forma negativa, descrevendo sua complexa adaptação ao clima, bem como

os desafios financeiros. Dizeres como “adaptar a esse clima que é muito diferente do nosso, para mim foi muito difícil” e “a questão também econômica, que não é fácil” caracterizam avaliação cujo julgamento tem fundamento em uma estima social, pois estabelece uma autocrítica às suas condições financeiras, trazendo destaque à insatisfação com o contexto.

Em continuidade, a avaliação por meio do afeto focaliza o aspecto financeiro quando a participante, de forma negativa, elucida sua insatisfação nos trechos “muito puxado”, “muito difícil” e “eu tive que me preparar durante muito tempo para isso”. Desse modo, ela acentua o fardo emocional relacionado aos seus desafios financeiros, já que não recebeu nenhuma bolsa institucional que garantisse seguridade durante o processo estudantil e migratório.

Além dos empecilhos climáticos e financeiros presentes na entrevista da intercambista, existe uma dificuldade quanto à rotina na universidade, no tocante às disciplinas cursadas. Vejamos o excerto Amex2:

[Amex2]

O curso de Letras lá não é igual ao nosso, se chama educação básica. Então, **para entender isso foi um pouco difícil, porque eu tava... achei que eu ia encontrar uma realidade muito parecida e na verdade não [Afeto – Negativo – Insatisfação]. A gente tinha matérias lá que no caso eu não fazia porque não iriam me servir, mas a gente tinha matéria que era, por exemplo, matemática, ciências e tudo que era de educação básica mesmo [Apreciação – Valoração – Negativa]**, seria o equivalente ao curso de pedagogia. Eu acho que seria Letras, né? Então, **passadas essas dificuldades, foi tranquilo depois, mas até entender levou um tempo [Afeto – Positivo – Satisfação].**

No excerto, a intercambista tece uma observação breve sobre as distinções entre o curso de Letras no Brasil e a grade do curso que encontrou em Portugal, curso que, segundo ela, assemelha-se ao de Pedagogia. Ademais, ao interpretar o currículo vigente de seus estudos, a narradora argumenta que não cursaria algumas disciplinas: “não fazia porque não iriam me servir” e “a gente tinha matéria que era, por exemplo, matemática, ciências e tudo que era de educação básica mesmo”. Com isso, a participante avalia o currículo proposto com um tom de irrelevância quanto aos seus objetivos pessoais.

No que concerne às categorizações interculturais de Byram, Gribkova e Starkey (2002), notamos que a brasileira, durante sua vivência em Portugal, precisou desenvolver sua autonomia — um *saber aprender* — a partir da observação de como a cultura portuguesa estrutura o currículo em sua base de formação profissional, exigindo da intercambista flexibilidade para cursar disciplinas não esperadas.

No mais, Amanda julga que o sistema educacional de Portugal está mais alinhado à formação pedagógica básica do que à formação na área de Letras, estabelecendo comparação

com sua experiência no Brasil. Esse posicionamento da intercambista pode ser interpretado como um *saber se engajar*, pois explicita sua criticidade, evidenciando um envolvimento reflexivo frente à atividade docente.

Ainda narrando suas vivências no contexto acadêmico, Amanda apresenta uma avaliação de afeto negativo relacionada ao desafio de adaptação à nova realidade estudantil. Ela apresenta falas como: “para entender isso foi um pouco difícil” e “achei que ia encontrar uma realidade muito parecida e na verdade não”, ilustrando uma quebra de expectativa sobre o contexto universitário. Essa quebra de expectativa reflete um grau de frustração — e, indiretamente, de surpresa — revelada pela existência de disciplinas não conectadas ao que ela esperava no currículo. Isso aponta sua apreciação negativa acerca do currículo que não atendia às suas necessidades intelectuais.

Linguisticamente, no campo das emoções, o afeto positivo ao final do excerto Amex2 destaca o comportamento da intercambista na reflexão sobre sua vivência e sua forma de agir. A existência do dizer “passadas essas dificuldades, foi tranquilo depois” evidencia a aceitação do processo vivido, fazendo uma avaliação afetiva positiva porque mostra sua superação e seu aprimoramento emocional diante dos obstáculos encontrados ao longo da jornada.

Passemos, agora, para a narrativa do intercambista 2. Benício, gentílico de Guiné-Bissau, morou no estado da Bahia e fez mestrado em Letras na UFLA, com motivação semelhante à da intercambista 1: a busca por aperfeiçoamento profissional. Observemos o excerto Benex1:

[Benex1]

Embora algumas questões que são um pouquinho diferentes em relação ao nosso país e à realidade, à cultura, né? E isso fez com que às vezes eu me sentia e **até agora sinto um pouquinho distante da minha realidade local, né? [Afeto – Negativo – Insatisfação]**. Mesmo que eu tivesse os meus colegas ali de perto, né? De qualquer forma, **eu sentia um pouquinho de saudades, né? [Afeto – Negativo – Infelicidade]**. Dos colegas, amigos e conhecidos que eu lá deixei em Guiné-Bissau. Então, a minha, a minha adaptação aqui foi tão fácil. Fácil demais.

Benício reside em solo brasileiro há dez anos. Em sua entrevista, o guineense relatou adversidades de ordem cultural, gastronômica, financeira e social. Benício diz que conviveu com um grupo de pessoas de seu país, fator importante para a redução do impacto entre a cultura brasileira e sua cultura de origem.

Por mencionar questões culturais e sociais, o intercambista apresenta complexidade na resposta sobre suas dificuldades. Essa complexidade indica uma leitura do sujeito de se condicionar a situações de rotina, visando uma sobrevivência equilibrada e uma definição identitária temporária em um novo contexto. Nesse ponto, a narrativa de Benício vai ao

encontro das discussões de Weissmann (2018) acerca das pessoas que vivem em uma outra cultura e que buscam adaptação. No que tange às categorias de Byram, Gribkova e Starkey (2002), notamos que o guineense conseguiu se adaptar progressivamente à cultura brasileira. No entanto, em um primeiro momento, ele se manteve mais próximo de pessoas de comunidades semelhantes, o que ilustra um *saber aprender*, na medida em que o intercambista observou e analisou uma forma de interpretar a cultura.

Além disso, o fato do intercambista 2 ter se mantido protegido por uma bolha de pessoas do mesmo país evidencia um traço de multiculturalidade (Weissmann, 2018). É importante dizer que o sujeito nessa condição lida com vetores de acolhimento e distanciamento quando lhe convém, transitando numa zona de segurança que varia conforme as circunstâncias e a necessidade de trânsito do sujeito para fora de sua situação contextual.

No que diz respeito à Avaliatividade, o intercambista Benício expressa de forma clara as emoções negativas relacionadas à distância cultural. Essa percepção particular denota um afeto negativo que ocasiona uma interpretação de insatisfação, uma vez que a sensação de estar “distante da minha realidade local” ilustra a imersão em um novo contexto.

Há também o sentimento de saudade relacionado aos seus amigos que permaneceram em Guiné-Bissau. Tal sentimento é um nítido posicionamento de afeto negativo, haja vista que reveste a narrativa de infelicidade e nostalgia. Contudo, no fim do excerto Benex1, o guineense contradiz sua fala ao afirmar que sua adaptação foi “fácil demais”, trazendo notoriedade às suas emoções complexas.

Em seguida, no excerto Benex2, Benício relata uma dificuldade de ordem social e cultural vivida no Brasil. Essa experiência trouxe um desconforto, pois foi desafiador para ele assimilar os hábitos de festividades locais. Segue o excerto:

[Benex2]

Bem, eu diria a questão das festas da cultura baiana, o barulho, essas questões de foguete. Porque não é tão... Não, na verdade não é que não é. **Não existe no meu país essa cultura de foguete. Toda hora as pessoas lançavam um foguete e isso me causava um pouquinho de... de susto no início [Afeto – Negativo – Insatisfação].** E também a questão de vestuário, né? E é muito diferente em relação ao meu país. Me parece que aqui, entre aspas, né? **A cultura é mais liberal no sentido das pessoas, são mais autônomas no sentido de vestir as roupas, acabam expondo as partes íntimas, entre aspas, do... do corpo [Julgamento – Estima Social – Positivo].** Isso é uma coisa que eu levei **um pouquinho tempo** para que eu pudesse me adaptar, né? É... umas coisas um pouquinho diferentes também. A questão da comida, embora tenhamos algumas coisas em comum, né? Mas só que a comida também... de certa forma, a gastronomia é um pouquinho diferente.

No excerto, Benício menciona aspectos da culinária e das vestimentas apenas de forma genérica. De modo mais enfático, ele apresenta comentários sobre a cultura, principalmente ao comparar o Brasil com a Guiné-Bissau. No tocante às festividades, os foguetes, tão comuns na Bahia, causaram estranheza no intercambista, já que em seu país não há esse costume. Além disso, ele entende que no Brasil existe uma “cultura mais liberal” que permite o uso de roupas mais ousadas. Essa fala, junto do termo “autônoma” presente no excerto, evidencia o aprendizado que uma cultura estrangeira suscita, sem que o intercambista perca totalmente a noção e a percepção de sua cultura de origem, o que poderia caracterizar um indício de interculturalidade, conforme indica Weissmann (2018).

Cabe frisar que a necessidade de paciência e tempo para uma melhor assimilação da cultura faz com que o intercambista não leia sua realidade de forma estereotipada, convergindo para as discussões de Kramsch (2017). Isso ocorre porque, ao assimilar uma vivência cultural diferente, o sujeito é levado a refletir de modo mais amplo sobre sua própria maneira de pensar e agir em seu mundo interior. Esse processo fortalece uma visão mais clara e precisa de si mesmo em relação ao outro, evitando distorções, percepções equivocadas, autolimitações e até inflexibilidade diante de sua própria cultura. Nesse sentido, quando Benício diz ter precisado de “um pouquinho de tempo”, ele propõe que o entendimento básico e não limitado sobre si foi consolidado pela vivência e perspectiva de uma outra história cultural.

Acerca disso, Bengezen (2010, 2018, 2020) assevera que o tom retrospectivo das narrativas pessoais amplia a autopercepção e possibilita reconhecer o contexto cultural no qual o sujeito está imerso, abrindo diálogo com outros costumes locais. Dessa forma, é exigido do intercambista adaptabilidade e flexibilidade frente à realidade. Para citar duas categorias de Byram, Gribkova e Starkey (2002), é preciso *saber engajar e ter conhecimento*.

Quanto à Avaliatividade, o dizer “causavam um pouquinho de susto no início” denota uma avaliação de afeto negativo demarcado por uma insatisfação, pensando num âmbito emocional de descontentamento. Em relação ao vestuário, existe um julgamento negativo de estima social, pois o intercambista pontua o comportamento “mais liberal”, sugerindo uma crítica sutil à exposição do corpo.

Ao contrário dos intercambistas 1 e 2, que já possuíam a língua portuguesa como primeira língua, a intercambista 3 (Aurora) veio da França para atuar como professora assistente de língua francesa no programa de idiomas da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Ela atuou no país por um ano e, ao participar da entrevista, teve um pouco de

difficuldade para desenvolver suas respostas. Ainda assim, Aurora conseguiu responder às perguntas de forma satisfatória para o propósito desta pesquisa. Segue o excerto Aurex1:

[Aurex1]

No início, foi um pouco difícil, porque não é a minha língua materna, **então “tem” medo de errar, mas acho que foi positivo, uma adaptação progressiva [Afeto – Negativo – Insegurança]**. E com as expressões. E... **as pessoas bem... batalhadoras [Julgamento – Estima Social – Positivo]**.

Durante a entrevista, Aurora apresentou reveses com a língua e, no que diz respeito à formulação de respostas, é perceptível a troca da palavra “exceções” por “expressões”, mostrando hesitação com o uso vocabular. Todavia, mesmo com dificuldades, a participante aplicou seus conhecimentos do idioma de maneira eficaz e suficiente para que a interação ocorresse, ratificando um *saber fazer* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002).

Em relação à Avaliatividade, a intercambista francesa mencionou a palavra “batalhadora”, referindo-se ao povo brasileiro de modo geral. Isso caracteriza um julgamento de estima social positivo, pois parte de sua percepção particular sobre as pessoas com as quais conviveu. Sendo assim, a partir de nossa leitura de Pavlenko (2007), entendemos que o estudo de narrativas pessoais nos permite associar a palavra “batalhadoras” a recortes de mundos internos sobre opiniões depreendidas de determinado contexto.

Quanto ao aspecto linguístico, quando perguntada sobre sua maior dificuldade, Aurora expôs que a relativa falta de domínio da língua portuguesa foi seu principal desafio durante o intercâmbio. Observemos o excerto Aurex2: “[...] **Sim, porque no Minas Gerais acho que a gente fala bem rápido [Afeto – Negativo – Insatisfação]**”. Logo, podemos notar que o modo acelerado da fala dos brasileiros/mineiros dificultou a compreensão da língua portuguesa por parte da intercambista, a qual ainda está em processo de aprendizagem do nosso idioma. Aliás, embora Aurora tivesse iniciado seus estudos do português ainda na França, ao chegar no Brasil ela foi exposta ao uso linguístico em situações cotidianas. Assim, a aquisição mais dinâmica da língua — que constitui um processo de adaptação (Landim, 2022) — colocou a intercambista em constante avaliação, vivendo em imersão, dada a distância entre o português ensinado em escolas de idiomas e o português usado no Brasil cotidianamente. Portanto, o empecilho no entendimento da comunicação oral dos brasileiros engendrou na narrativa de Aurora uma avaliação de afeto negativo, marcando insatisfação.

Um caso semelhante ao de Aurora ocorreu com Nadiene, a intercambista 4. Esta saiu do Brasil e realizou intercâmbio em dois países diferentes (Alemanha e Argentina), buscando novos horizontes para si no tocante à sua formação em Medicina Veterinária. No quarto semestre de sua graduação na Universidade Federal de Lavras (UFLA), Nadiene foi para a

Alemanha. Na entrevista, a intercambista diz ter recebido uma bolsa sanduíche que a permitiu realizar parte do curso no exterior.

Em um primeiro momento, a veterinária em formação estudou a língua alemã em Berlim por um semestre, sendo meritória a sua adaptação cultural e acadêmica. Em um segundo momento, Nadiene ingressou na Universidade de Hannover, onde cursou disciplinas específicas da matriz curricular de Medicina Veterinária por dois semestres. Leiamos o excerto Nadiex1:

[Nadiex1]

No primeiro, **na Alemanha, basicamente o primeiro grande impacto foi a língua. Assim, não dominar muito bem o alemão... Eu esbarrei em várias outras [Apreciação – Valoração – Negativa]. Outros problemas burocráticos.** Eu acho que isso **eu demorei muito até entender como isso funcionava e os documentos que precisavam e você tinha que fazer [Afeto – Negativo – Insatisfação].** Então, no caso da Alemanha, foi o idioma até eu conseguir me sentir segura com ele. [...] **Demorei um ano para conseguir carregar assim... carregar comigo [Afeto – Positivo – Satisfação/Julgamento – Estima Social – Positiva].** No Alemão. **E segundo ponto na Alemanha foi o clima, a falta de luminosidade [Apreciação – Valoração – Negativa] durante o inverno.** Eu achei que era só, né? Ah... **as pessoas falavam assim, né, que os índices de alcoolismo são muito grandes, os índices de depressão são muito grandes. Eu achei que isso era tudo “história para boi dormir”, mas realmente você sente que a falta de luminosidade [Apreciação – Valoração – Negativa] ela afeta muito a sua estima, a sua autoestima, a sua vontade, né? O sono... Então, eu acho que foram coisas bem novas para mim que foram as mais difíceis [Afeto – Negativo – Insegurança].**

Tomando como base a entrevista de Nadiene, entendemos que as experiências linguísticas e acadêmicas foram enriquecedoras e ampliaram não só sua formação técnica, mas também sua inserção num ambiente acadêmico internacional diversificado. Assim, experienciar a dinâmica linguística de uma outra língua trouxe à intercambista diversos desafios, num primeiro momento. O contato com a cultura alemã gerou posicionamentos de acolhimento e distanciamento, dependendo da situação vivenciada por ela.

Além do confronto entre culturas distintas, permeado pelo aprendizado da língua que foi obrigatório para a intercambista no contexto narrado, importa considerar que a aprendizagem do alemão exigiu dela um saber *se engajar* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002). Suas tentativas de aperfeiçoamento do idioma evidenciam o aspecto de interculturalidade, conforme propõe Weissmann (2018) ao explicitar o diálogo entre pessoas de culturas diferentes.

No excerto Nadiex 1, as percepções da intercambista sobre suas emoções fortalecem as convicções acerca de seu autovalor. Com isso, o relato em pauta dialoga com Landim (2020) no que diz respeito à pesquisa narrativa reforçar sentimentos e trazer empoderamento.

Isso valida a capacidade de domínio da língua como algo concreto e perceptível, sendo entendida como uma categoria intercultural de *ter conhecimento*, uma vez que Nadiene reconhece sua dificuldade superada ao longo do tempo (Byram; Gribkova; Starkey, 2002).

Em termos de Avaliatividade, a intercambista menciona “não dominar muito bem o alemão”, remetendo-se à avaliação cuja apreciação negativa recai sobre as capacidades linguísticas que possui naquele momento. A intercambista também estabelece uma avaliação negativa sobre si, elucidada em “demorei muito até entender como isso funcionava”, mostrando sua impaciência perante o sistema postal alemão durante sua fase de adaptação no país.

Em acréscimo, a participante faz uma avaliação negativa de si ao marcar sua insegurança no uso da língua alemã: “demorei um ano para conseguir carregar assim... Carregar comigo”. Essa avaliação negativa explicita como as narrativas viabilizam a autopercepção de aspectos identitários por meio de *insights* que surgem ao narrar a experiência. Com isso, Nadiene consegue se auto-observar na fala, destacando sua própria vivência (Pavlenko, 2007).

Somados às dificuldades linguísticas e burocráticas do país, outros fatores desafiaram a intercambista 4: o clima e a falta de luminosidade. Ao citar ambos, Nadiene faz uma avaliação de apreciação negativa, expondo suas frustrações ao perceber a realidade vivenciada na Alemanha. Essa avaliação teria origem em outra apreciação pautada numa descrença sobre os índices de alcoolismo e depressão. A intercambista alude aos dizeres “história para boi dormir” e “você sente que a falta de luminosidade afeta muito a sua estima” ao confirmar sua apreciação negativa da vida real na Alemanha.

Além das vivências na Alemanha, Nadiene também passou uma temporada na Argentina para realizar seu estágio obrigatório na Universidade de La Plata. Tal intercâmbio foi possível devido ao vínculo entre a UFLA e a instituição argentina. Assim, durante três meses, a intercambista atuou no Hospital de Grandes Animais, onde pôde desenvolver diversas atividades práticas essenciais à Medicina Veterinária. Leiamos o excerto Nadiex2:

[Nadiex2]

Na Argentina, por ser um país latino, **nós temos muitas similaridades de conduta social, somos pessoas mais abertas. Então a questão da integração do idioma foi muito rápida [Julgamento – Estima Social – Positiva], mas eu senti dificuldade do que eu gostava na Alemanha, que era assim... um pouco... a organização, as coisas estarem bem claras, quais os passos, o comprometimento, né? [Afeto – Negativo – Insatisfação].** Um pouco da infraestrutura, tanto a infraestrutura logística, as de locomoção, a de saúde, né? **[Apreciação – Valoração – Negativa]** Então, **isso foi uma das grandes dificuldades assim que eu tive [Afeto – Negativo – Insatisfação].**

Ao retratar sua experiência na Argentina, a estudante buscou caracterizar suas percepções comparando a vivência anterior na Alemanha com a vivência no país latino. Estar na Argentina foi extremamente relevante, segundo a intercambista, pois permitiu que ela aplicasse conhecimentos teóricos em situações reais, além de se conectar com diferentes metodologias e perspectivas profissionais. Logo, essa segunda imersão cultural e acadêmica consolidou ainda mais sua experiência internacional e a preparou para os desafios da carreira num futuro próximo.

No mais, a afirmação das similaridades de conduta e abertura social entre brasileiros e argentinos refletiu em uma avaliação de natureza mais intercultural (Weissmann, 2018). O uso de termos como “similaridades” e “pessoas mais abertas” constrói um tom positivo que reforça o laço social e intercultural (Weissmann, 2018). Ao destacar valores comuns entre culturas próximas e promover um senso de pertencimento e empatia, Nadiene demonstrou *ter conhecimento e saber ser* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002), pois atribuiu novos valores às perspectivas culturais e não usou da própria cultura como valor absoluto sobre a cultura argentina.

Assim sendo, quanto à Avaliatividade, ao dizer que “nós temos muitas similaridades de conduta social, somos pessoas mais abertas”, a intercambista estabelece um julgamento entre povos, cuja estima social é positiva. Ela argumenta que isso facilita o diálogo no trabalho, tornando mais fácil a resolução de problemas e trazendo mais dinamicidade à sua rotina. O fator positivo também se estende à rápida integração à língua espanhola, se comparada com a língua alemã.

Em contrapartida, Nadiene constrói uma avaliação de afeto negativa e demonstra insatisfação no que se refere à falta de organização e praticidade na Argentina, realizando um contraponto com a Alemanha: “senti dificuldade do que eu gostava na Alemanha”. No entanto, a comparação entre Alemanha e Argentina possibilitou à intercambista transitar por diversas culturas e modos de vida, reforçando o traço multicultural ao reconhecer ambas as culturas de maneira independente.

Movimentemos, agora, nossa análise para a narrativa da intercambista 5 (Luara). Luara é uma jovem brasileira que viveu uma experiência transformadora ao participar de um programa de intercâmbio na Colômbia, em 2015. A egressa de Letras participou, a partir da Universidade Federal de Lavras (UFLA), do Programa Brasil-Colômbia (BRACOL). No período de intercâmbio, ela residiu em Bogotá, a capital colombiana. Tal vivência a permitiu explorar as diferenças culturais e pessoais, especialmente as relacionadas à adaptação em um

novo país e ao aprendizado de uma nova língua, ampliando e consolidando seu grande interesse por culturas e pela internacionalização de forma geral.

Na narrativa de Luara, notamos a resiliência no enfrentamento dos obstáculos vividos na Colômbia. Para isso, observemos o excerto Luex1:

[Luex1]

E a minha mãe, colombiana, que era como eu chamava ela, né, “Mi mama”, servia duas refeições ao dia. Então eu lembro uma vez que eu estava sentada na mesa e fui tomar o café e quando eu me deparei com o café, tinha fígado. E eu falei: “como assim, né? Eu vou comer fígado no café da manhã?” [Afeto – Negativo – Insegurança]. E o café da manhã é algo muito importante para os colombianos, né? E é uma das refeições mais importantes que eles fazem [Apreciação – Valoração – Positiva]. O café da manhã e o almoço. Então, assim, eu lembro também que eles tomavam um suco de água de panela, água de panela e um suco de rapadura. E, assim, foi muito difícil eu gostar daquilo [Afeto – Negativo – Insatisfação].

No país latino-americano, a intercambista se viu diante dos desafios próprios de quem se aventura pela primeira vez em um país estrangeiro. Os aspectos culturais presentes na mesa de café da manhã exigiram de Luara uma competência intercultural direcionada à capacidade de refletir criticamente sobre costumes locais. Para ela, ficou evidente que o café com fígado não era comum em sua cultura de origem, mas era para a cultura colombiana. Assim, o *saber se engajar* exigiu da intercambista um envolvimento ativo com experiências novas, carregadas de traços transculturais (Byram; Gribkova; Starkey, 2002; Weissmann, 2018). Nesse contexto de imersão, Luara precisou se adaptar à cultura alimentar colombiana (Landim, 2022).

No que diz respeito à Avaliatividade, o impacto da mudança de hábito alimentar ilustra os desafios da intercambista. Logo de início, ela faz uma avaliação de afeto negativo, trazendo sua insegurança para o contexto matutino. Isso é evidenciado quando Luara relata: “quando eu me deparei com o café, tinha fígado” e “eu vou comer fígado no café da manhã?”. Junto a essa percepção, a participante constrói uma avaliação de valoração positiva ao reconhecer a importância do café da manhã para o povo colombiano: “é uma das refeições mais importantes que eles fazem”. Dessa forma, a intercambista se esforça para se adaptar aos hábitos alimentares e participar da rotina da casa em que estava hospedada.

Ainda dentro do aspecto alimentar, ao descrever que “eles tomavam um suco de água de panela”, referindo-se ao “suco de rapadura”, a intercambista faz uma avaliação cuja atitude de afeto é negativa e de insatisfação: “[...] foi muito difícil eu gostar daquilo”. Na fala, podemos observar que, mesmo tendo tido dificuldades para adaptar o paladar ao “suco de

rapadura”, Luara se empenhou em experimentar, o que demonstra sua abertura a culturas diversas da sua.

Além da questão alimentar, Luara relatou, de modo breve, outra dificuldade que precisou superar, a saber: a língua espanhola. Vejamos o excerto Luex2:

[Luex2]

Sim. Vamos lá. Olha, eu acho que a gente começa pela língua, **a questão de eles falarem muito rápido, né? É porque a gente pensa: “ah, vou entender” [Afeto – Negativo – Insatisfação]**. Mas não é assim. **E o mais interessante é que eles também me falavam, achavam que eu falava rápido o português, sabe? [Afeto – Negativo – Insatisfação]**.

Ao discutir questões sobre a língua, a intercambista apresentou um afeto negativo de insatisfação por conta de os colombianos falarem muito rápido, dificultando sua compreensão. Isso assevera sua necessidade de *saber fazer*, tendo em vista que conseguiu valorizar a experiência cultural. Luara ainda pontua no excerto que os colombianos também disseram que ela falava de forma acelerada: “achavam que eu falava rápido o português, sabe?”. Tal ponto revela uma postura avaliativa dos colombianos, os quais dispõem de um afeto negativo acerca da situação.

Outro empecilho com o qual a intercambista 5 precisou lidar foi em relação à legalização de drogas na Colômbia. Para sumarizar, em entrevista, Luara fala de sua experiência de surpresa e choque cultural no que se refere à normalização do uso de drogas no cotidiano, inclusive na universidade em que frequentava. Leiamos o excerto Luex3:

[Luex3]

Essa galera também sentava na grama, **eles ficavam rindo horrores, horrores, estavam sempre muito alegres [Julgamento – Estima Social – Positiva]**. Até que eu fui entender o que tava acontecendo, né? Estavam dentro da universidade fazendo uso de drogas, que é super normal. Estavam fazendo uso, é maconha, né? E tudo mais... E aí eu lembro que eu só confirmei. Comprovei isso, porque um dia eu estava indo para casa, passando em uma praça para ir para minha casa. Esses colegas estavam nessa praça também e lá eu vi eles usando droga, né? E eles estavam muito contentes também, sempre assim. **Então, isso para mim, em 2015, lembrando, foi algo que me assustou [Afeto – Negativo – Insegurança]**. Eu falei: “poxa, como assim?”. E era de dia, de tarde, assim, sabe? **E eles usando droga. E na faculdade, e é normal, é liberado. Tá tudo certo na Colômbia. Aí eu fui questionar um colega, e ele comentou que se torna questão de polícia ou tráfico quando você tem uma grande quantidade para isso [Julgamento – Sanção Social – Negativa]**. Mas, ao contrário disso, é normal, além de... Inclusive, eu lembro que eu fui no Monserrate, que é um lugar onde fica uma igreja que fica no alto de uma montanha onde você vê Bogotá inteira. E nesse lugar tem vendas. E nessa venda tinha uma vendinha que vendia tudo... pomada de marijuana. E vendia remédio, chazinho de marijuana. Tinha pomada, tudo que você pudesse de maconha, porque é medicinal para eles também.

A intercambista descreveu seu espanto ao ver pessoas usando drogas à luz do dia e considerou isso algo incomum em comparação com a sua vivência no Brasil. Além disso, Luara descobriu que a posse de pequenas quantidades é legalizada e só se torna um problema em casos relacionados ao tráfico. Em acréscimo, quando Luara menciona sua visita ao Monserrate, um ponto turístico de Bogotá, onde percebe a venda de produtos à base de maconha, como pomadas e chás medicinais, a perspectiva cultural colombiana de uso terapêutico da planta se torna algo notável para ela.

Assim, a vivência de problemáticas culturais fez-se necessária, apesar de difícil, para que a interpretação da cultura colombiana diante de um novo posicionamento não fosse equivocada (Kramsch, 2017). Quanto às competências interculturais, Luara precisou *saber ser*, não colocando as questões legais do país abaixo dos padrões de seu país de origem (Byram; Gribkova; Starkey, 2002).

Levando em conta a Avaliatividade, ao dizer que “eles ficavam rindo horrores, horrores assim, estavam sempre muito alegres”, a intercambista avalia os colombianos a partir de um julgamento positivo de estima social. No entanto, essa avaliação positiva sofreu alteração no instante em que ela compreendeu o real motivo das risadas. Além disso, a existência de um local para a venda de drogas legalizadas fez a intercambista avaliar seus preconceitos, contrastando as normas da Colômbia com os valores do Brasil.

Feito isso, Luara se autoavalia de forma negativa, trazendo à tona uma insegurança ao dizer: “então, isso para mim, em 2015, lembrando, foi algo que me assustou”. A isso, ela acrescenta uma avaliação cujo julgamento reflete uma sanção social negativa do país em: “aí eu fui questionar um colega, e ele comentou que se torna questão de polícia ou tráfico quando você tem uma grande quantidade para isso”.

Diante do exposto, o Quadro 7 sumariza as respostas dos intercambistas para a primeira pergunta de pesquisa, a saber: quais foram as dificuldades enfrentadas pelos intercambistas?

Quadro 7 – Dificuldades dos intercambistas

Intercambistas	Dificuldades
Intercambista 1 – Amanda	• Dificuldade financeira • Dificuldade climática
Intercambista 2 – Benício	• Dificuldade social e cultural (vestuário/foguete) • Dificuldade emocional (saúde de familiares) • Dificuldade com a alimentação

Intercambistas	Dificuldades
Intercambista 3 – Aurora	• Dificuldade inicial de compreensão do português brasileiro • Dificuldade vocabular para responder
Intercambista 4 – Nadiene	• Dificuldade com a língua alemã • Dificuldade com a burocracia alemã • Dificuldade com a falta de luminosidade, problemas sociais • Dificuldade com a infraestrutura argentina
Intercambista 5 – Luara	• Dificuldade com a alimentação • Dificuldade com o espanhol falado • Dificuldade com a regularização de drogas

Fonte: Do autor (2024)

O Quadro 7 expõe as principais dificuldades enfrentadas durante as experiências em diferentes contextos culturais e linguísticos. Essas dificuldades englobam aspectos financeiros, climáticos, emocionais, sociais e burocráticos, além de barreiras relacionadas à língua e às diferenças culturais específicas de cada nação. Desse modo, há evidências de desafios associados à adaptação ao idioma local, como no caso do português brasileiro, do alemão e do espanhol. Os obstáculos culturais, como a regularização de drogas e peculiaridades gastronômicas, são fatores complexos que exigiram dos intercambistas um esforço significativo de adaptação e resiliência.

As dificuldades enfrentadas pelos intercambistas evidenciam os múltiplos desafios do deslocamento cultural, revelando tensões entre adaptação e resistência. Problemas climáticos, barreiras linguísticas, diferenças curriculares e choques culturais despontam como aspectos centrais na vivência deles. Contudo, ao se depararem com esses desafios, os intercambistas revelaram como suas emoções, julgamentos e apreciações funcionam como termômetros avaliativos das experiências.

Em uma perspectiva macro, os relatos refletem, como o Quadro 7 evidencia, não apenas um retrato das dificuldades pontuais, mas o processo dinâmico e subjetivo de construção intercultural, em que o saber ser e o saber aprender nem sempre emergem de forma imediata, mas se desenvolvem gradativamente, conforme o sujeito interage com o outro, consigo mesmo e com o ambiente que o cerca.

Assim, as dificuldades tornam-se um campo fértil para ressignificar as tensões entre o pertencimento e o distanciamento, bem como o valor formativo dos desconfortos enquanto motores de transformação pessoal e acadêmica de cada um deles.

A seguir, discutiremos as percepções dos intercambistas sobre as aprendizagens mais relevantes que tiveram ao longo de suas vivências em países estrangeiros, analisando, pois, as respostas à segunda pergunta desta pesquisa.

6.2 Quais foram as aprendizagens mais relevantes?

Quanto às aprendizagens, Amanda não apresentou muito entusiasmo com sua vivência no exterior. Apesar disso, ela destacou algumas contribuições da cultura portuguesa para seu aprendizado durante o intercâmbio. Observemos o excerto Amex3: “Eu aprendi que **eu não conseguiria morar lá para sempre [Afeto – Negativo – Insatisfação]**”. Desse modo, a intercambista explicita que não se adaptaria a Portugal ao escolher a expressão “para sempre”. Isso pode ser destacado como um não *saber se engajar*, em conformidade com as categorias de Byram, Gribkova e Starkey (2002), o que indica não ter havido interculturalidade. Logo, a cultura pode agradá-la como turista, mas não como moradora.

Cabe dizer também que a relação social entre a intercambista e a rotina em Portugal resultou em uma interação dialógica de não pertencimento. Nesse sentido, a participante relatou outra aprendizagem importante, presente no excerto Amex4:

[Amex4]

É agora, com os portugueses que moram lá em si, **eu acho que eu particularmente preciso aprender a ser um pouco mais direta. [Afeto – Negativo – Insatisfação] [...]. Eles são muito ríspidos, muito, muito, muito diretos. E não que seja, não que soe como uma grosseria, mas eles são diretos [Apreciação – Valoração – Positiva]. Eles são... Eles resolvem coisas rápido. E eu acho que isso é muito válido [Julgamento – Estima Social – Positiva].**

Ao expor sua opinião sobre os portugueses, não existe, na resposta da intercambista, uma sobreposição da cultura brasileira à portuguesa. É evidenciada no excerto Amex4 a necessidade de *aprender a ser* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002) mais assertiva. Amanda ainda torna evidente a diferença no trato de situações diversas em ambos os países, um traço multicultural assinalado por Nascimento (2014). Isso se dá porque a relação social estabelecida entre a brasileira e os portugueses apresenta uma assimetria que não erradica uma cultura ou coloca uma delas em posição de superioridade.

A descrição da intercambista traz evidências às características no trato social dos portugueses em relação aos brasileiros, uma vez que ela reconhece ambas as culturas e não as lê de forma preconceituosa, nem superestimando a cultura lusófona pela praticidade, nem sucateando a cultura brasileira pelo trato social mais aconchegante. Sendo assim, é perceptível, ainda no excerto Amex4, o enunciado “não que seja, não que soe como uma grosseria, mas eles são diretos” como uma maneira de tornar claro o costume local. E ao

trazer à tona essa percepção da realidade, a intercambista focaliza a aceitação desse valor cultural que amplia seu entendimento acerca das diferenças da sociedade lusófona (Weissmann, 2018).

No que concerne à Avaliatividade, Amanda estabelece um afeto negativo de insatisfação, pois avalia sua necessidade de ser mais direta frente à maneira com que os portugueses se comunicam. Ter essa percepção representa uma autoavaliação de Amanda, pontuando possíveis mudanças de comportamento. No mais, a entrevistada faz um julgamento positivo de estima social ao considerar que a praticidade, a exemplo dos portugueses, pode lhe trazer benefícios de ordem social. Isso fica nítido quando a intercambista diz: “e eu acho que isso é muito válido”.

Há também na descrição de Amanda uma avaliação dos portugueses serem “ríspidos” e “diretos”. Embora soe negativamente, essas características não são depreendidas por ela como grosseria. Nesse sentido, existe uma apreciação de valoração positiva, uma vez que tais adjetivos são interpretados pela intercambista de forma categórica, isto é, ela não avalia as pessoas em si, mas avalia a cultura portuguesa de forma geral. Portanto, seu aprendizado sobre a cultura portuguesa não ficou preso às visões preconceituosas, mas ampliou sua experiência cultural (Mello, 2020).

Em outra perspectiva, Benício descreve as aprendizagens que obteve ao longo de suas vivências no Brasil. Seu relato caracteriza um viés mais político sobre si e sobre a sociedade brasileira, conforme vemos no excerto Benex3:

[Benex3]

Eu desde a minha chegada aqui no Brasil até hoje, né? **Eu “me” vejo que aprendi a ser mais independente [Afeto – Positivo – Satisfação]. E aprendi a desconfiar e a confiar porque eu acho que há num mundo onde nós estamos vivendo ah... os contextos, cheios de incertezas, né? [Julgamento – Estima Social – Negativa].** Num mundo onde a desconfiança, por exemplo, já paira sobre nós. Num mundo **onde as pessoas não são leais umas às outras**, então, de certa forma, a confiança e desconfiança são um valor. É muito importante, porque imagina se você não desconfia **e deixa tudo aberto** e deixa aberto no sentido de deixar estar tudo quieto e **finja que tudo está tranquilo...**

O traço marcante da experiência de intercâmbio foi, para o guineense, a aquisição da independência, pois ele aprendeu a confiar e a desconfiar das pessoas como uma estratégia de sobrevivência em nosso país. Trata-se, portanto, de um *saber se engajar* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002). Além disso, ao se referir a “contextos cheios de incertezas”, Benício nos permite inferir uma leitura da criminalidade, do cenário político brasileiro e de sua própria

condição de imigrante que depende de políticas governamentais, já que é bolsista de doutorado no Brasil.

No âmbito da Avaliatividade, há uma marcação de afeto positivo demonstrada pela satisfação de Benício ao reconhecer o aprimoramento de sua autonomia: “aprendi a ser mais independente”. Contudo, o entrevistado constrói um julgamento negativo de estima social ao pontuar a deslealdade das pessoas: “as pessoas não são leais umas às outras”. Assim, o intercambista utiliza essas avaliações para refletir sobre valores essenciais, como confiança e desconfiança, e destaca a importância desses aspectos para navegar em um contexto cheio de incertezas.

Além da questão de independência, Benício aprendeu a conviver com a cultura brasileira e melhorou seu *networking*, principalmente na universidade. Segue o excerto Benex4:

[Benex4]

O que eu aprendi com os brasileiros... eu diria que a minha aprendizagem com os brasileiros se circunscreve mais na questão da cientificidade, né? [Apreciação – Valoração – Positiva]. Entende? Dentro da universidade, há muitas coisas que eu aprendi, umas delas se circunscreve mais à questão de partilha das ideias e às leituras, às discussões e... eu aprendi também com alguns brasileiros a cultivar o amor ao próximo e a mim mesmo, né? E, de certa forma, eu diria que aprendi também a aproveitar a vida [Julgamento – Sanção Social – Positiva], aproveitar a vida, a viver e, sobretudo, aproveitar a vida como se fosse um instante que jamais se repete, entende? E eu comecei um pouquinho a me soltar, no sentido de não ficar mais na minha como antes, né? Porque antes eu ficava mais sozinho, né?

Na narrativa, o guineense revela seu crescimento acadêmico ao dizer: “a minha aprendizagem com os brasileiros se circunscreve mais na questão da cientificidade”. Tal fala reforça uma apreciação bastante positiva sobre a produção intelectual na universidade brasileira, em especial na UFLA. Ademais, esse reconhecimento ilustra a competência intercultural de *saber aprender* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002) e destaca a integração do guineense ao mundo acadêmico, integração esta que o trouxe para contextos globais, sendo um traço transcultural (Weissmann, 2018).

Ainda, o intercambista faz uma avaliação cujo julgamento tem uma estima social positiva sobre o povo brasileiro. Benício vê os brasileiros como fonte de aprendizado ao mencionar: “aprendi também com alguns brasileiros a cultivar o amor ao próximo e a mim mesmo” e “aprendi também a aproveitar a vida”. Isso pode ser interpretado como um aspecto intercultural transformador, tendo em vista que forneceu a ele relações de respeito e aprendizagem cultural (Weissmann, 2018).

Por sua vez, a intercambista 3 (Aurora) também vivenciou uma imersão na cultura brasileira e descreveu seus aprendizados de forma afetuosa. Leiamos o excerto Aurex3:

[Aurex3]

Eu posso morar em qualquer lugar **[Afeto – Positivo – Segurança]**. [...] Por exemplo, eu aprendi a fazer crochê. [...] Sim, **eu aprendi em português mesmo [Apreciação – Valoração – Positiva]**, os pontos, tudo. E foi uma vontade, na verdade quase dez anos, mas eu nunca tive oportunidade. E aqui já... **nossa, se eu não vou aprender hoje, quando eu vou aprender?** **[Afeto – Positivo – Satisfação]**.

Aurora enfatiza que aprendeu a fazer crochê recebendo ensinamentos em português, o que reitera sua imersão e inserção na cultura durante a aquisição de novos conhecimentos. É nessa condicionalidade de aprender fazendo, imersa no contexto de língua portuguesa, que ela valoriza suas relações interculturais (Weissmann, 2018). O contexto de novos saberes reforça a característica da interculturalidade porque valoriza a troca e a adaptabilidade a novas situações contextuais vividas pela intercambista (Weissmann, 2018; Landim, 2020). Isso requer um *saber fazer* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002).

Quanto à Avaliatividade, Aurora faz uma avaliação de afeto positivo de satisfação ao se referir à oportunidade de aprender crochê com os brasileiros: “nossa, se eu não vou aprender hoje, quando eu vou aprender?”. Além disso, a intercambista confirma sua autopercepção, demonstrando um recorte de seu mundo interno descrito em suas palavras (Pavlenko, 2007).

Também no excerto Aurex3, a francesa destaca sua independência, estabelecendo um afeto positivo sobre si. Ela afirma: “eu posso morar em qualquer lugar”, aludindo à aquisição de autonomia. Assim, por meio de respostas curtas, mas objetivas, a intercambista Aurora consegue com eficiência trazer foco aos seus aprendizados, reafirmando a importância das conquistas pessoais em seu processo de adaptação.

Passemos, por ora, à análise dos aprendizados adquiridos pela intercambista 4 (Nadiene) durante suas vivências na Alemanha e na Argentina. Segue o excerto Nadiex3:

[Nadiex3]

Putz! Muita coisa [Afeto – Positivo – Satisfação]. Assim... Eu li, sim, eu li recentemente um ensaio sobre imigrar. E aí você tem dois grupos de pessoas, né? Assim... **meio definidos aqueles que imigram porque anseiam, querem, tentam, né, buscar coisas novas em outros lugares; e tem os que imigram porque não podem mais retornar ao seu país local, por guerras, por asilo, por ditaduras e afins. Então, para mim, essas duas pessoas são bem diferentes no meu dia a dia, porque eu consigo conviver, como consegui, conviver com as duas, com refugiados de guerra, com pessoas exiladas que migraram para esses países porque não podiam mais estar nos seus. Então, é o que você aprende com essas pessoas [Afeto – Positivo – Satisfação]**. É diferente do que você aprende com aquelas que estão ali para desfrutar do mundo, por assim dizer.

No excerto Nadiex3, a intercambista apresenta suas percepções sobre seus aprendizados, porém sem mencionar os países em que fez intercâmbio. Conforme podemos observar, Nadiene não focaliza a transformação profissional, mas sim a relação interpessoal. Ela aborda as motivações e experiências de pessoas que imigram, explorando a convivência com dois grupos distintos — os que migram por vontade própria, e os que são forçados a deixar seu país por motivos de guerra, ditadura etc. — e engendra uma interpretação multicultural desses grupos (Weissmann, 2018). Nesse caminho, é possível notar que a convivência com refugiados de guerra e exilados é percebida como uma fonte de aprendizado profundo, ilustrando um *saber ser*; ao passo que a experiência com os que migram por escolha é avaliada como exploratória, sobretudo, ao respeitar a diversidade cultural (Byram; Gribkova; Starkey, 2002).

No tocante à Avaliatividade, Nadiene evidencia o contraste entre as aprendizagens proporcionadas pela vivência com os dois grupos, revelando sua percepção acerca do impacto social e humano da imigração. Nesse contexto, ao avaliar os conhecimentos adquiridos, a intercambista se vale de um afeto positivo de satisfação. Já no nível afetivo, o trecho “Putz! Muita coisa”, por exemplo, sugere uma reação emocional, possivelmente de admiração e de impacto frente às histórias singulares dos dois grupos de imigrantes.

Ademais, a narrativa de Nadiene reforça a ideia de que a imigração impacta não somente os imigrantes, mas também aqueles que convivem com eles. Observemos o excerto Nadiex4:

[Nadiex4]

E você aprende a primeira coisa a se simpatizar, né? Porque a pessoa vai ter um sotaque na língua, você vai ter também, **então aí já cria um elo, um vínculo de simpatia do tipo: “estamos na mesma situação, né?”** [Afeto – Positivo – Inclinação]. Então, nós temos a tendência de ser menos exigentes do que uma pessoa que é natal, entendeu? Com um estrangeiro... Eu tenho essa sensação e... **aprendi que as pessoas migram por diversas, diversas coisas assim: umas porque precisam, e outras só viver e experienciar. A maioria vem ou vai pela busca de uma melhora financeira. Assim, pra grande maioria, a experiência de vida, experiência cultural de idioma... eu acho que isso, para a maioria dos estrangeiros, é secundário, entendeu?** [Julgamento – Estima Social – Positiva]. Principalmente para os exilados. Também acho que os exilados já têm uma abordagem bem tipo... Refugiados e exilados, aí é bem, bem diferente. **Eles tendem a viver nas suas comunidades e permanecer com a sua cultura forte e tem até uma tendência de não querer muito se aproximar dos outros estrangeiros assim.**

No excerto, Nadiene destaca aspectos relacionados à criação de vínculos de simpatia por meio de experiências compartilhadas. Isso é exemplificado em sua convivência com imigrantes com sotaques diferentes — assim como ela, também estrangeira, possui seu

sotaque — e motivações particulares. Nessa perspectiva, a intercambista observa que os refugiados e exilados tendem a preservar suas culturas e viver em comunidades fechadas. Tal ponto evidencia, da parte de Nadiene, as competências de *saber ser*, *saber aprender* e *saber engajar* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002), pois ela reconhece as escolhas culturais e sociais desses grupos diante das dificuldades da migração (Weissmann, 2018).

Quanto à Avaliatividade, a estudante de Medicina Veterinária apresenta uma avaliação de afeto positivo, pois o fato de existirem outras pessoas em situações similares à sua “cria um elo, um vínculo de simpatia”, o que confirma seu posicionamento favorável à socialização e à integração com outros povos. Essa expressão de empatia pelas experiências compartilhadas com outros estrangeiros reflete uma disposição afetiva de compreensão e acolhimento, evidenciada pela valorização de sotaques e dificuldades linguísticas como elementos que unem pessoas em contextos semelhantes. Essa avaliação destaca um senso de conexão emocional que fortalece os vínculos interpessoais.

Em um cenário diferente, a intercambista 5 (Luara) valorizou profundamente a hospitalidade colombiana, a riqueza cultural do país e as oportunidades que a experiência proporcionou para seu crescimento pessoal e profissional. A respeito de seus aprendizados, vejamos o excerto Luex 4:

[Luex4]

Sim, sim, sim. Eu falo que já foi comprovação por estudos, né, de pesquisas que eu fiz. A interação você precisa, como diz, né, “meter a cara” e não se importar **se você errou, se você acertou, mas realmente tentar se comunicar. Porque eu percebia muitas das vezes que eu errando e tentando melhorar aquilo, eu aprendia... como foi a questão da palavra “chevere”** [Afeto – Positivo – Satisfação]. Então, a interação foi um ponto muito importante para mim. Eu queria conhecer as pessoas também, né? **Então, eu me permiti, né, deixar a timidez de lado e me permiti conversar com as pessoas. E eu tinha curiosidade. Eu perguntava [...], não me importava se eu errava, se eu falava, eles poderiam me corrigir e as pessoas me corrigiam** [Afeto – Positivo – Satisfação]. E aí, que que eu fazia? Eu repetia. Então foram métodos assim, foram formas que... que eu criei para aprender a língua. Além disso, eu escutava músicas, isso me ajudava... mais ou menos, mas foi.

No trecho apresentado, a intercambista salienta a importância da interação e da prática na aprendizagem de uma nova língua. As passagens “meter a cara e não se importar se você errou” e “eu não me importava se eu errava” elucidam a atitude afetiva positiva, demarcada pela satisfação em superar a timidez ao se engajar no processo de comunicação, ainda que houvesse alguns erros durante o processo. Essa postura demonstra reconhecimento sobre o papel incontornável do erro como parte do aprendizado, uma característica ligada à competência de *saber aprender*, descrita por Byram, Gribkova e Starkey (2002). Isso enfatiza

a aceitação das diferenças e a análise das práticas sociais de outras culturas, trazendo à tona aspectos interculturais (Weissmann, 2018). Além disso, a curiosidade mencionada no texto sugere um afeto positivo que sinaliza uma abertura emocional para se envolver com as pessoas e aprender de forma autêntica.

Em acréscimo, as práticas de perguntar e de aceitar correções, bem como a repetição e o uso de músicas, indicam a aplicação prática do *saber fazer*. Essa competência intercultural é refletida na habilidade de integrar métodos de aprendizado e explorar diferentes recursos para adquirir conhecimento linguístico e cultural de maneira eficaz (Byram; Gribkova; Starkey, 2002). Além disso, o esforço em conhecer as pessoas e em interagir demonstra uma predisposição ao *saber ser*, uma vez que Luara respeita as variedades culturais e busca estabelecer conexões com base na troca emocional e intelectual. Com isso, ela reafirma a importância de superar barreiras pessoais, como a timidez, para a construção de pontes culturais durante a compreensão e o uso da língua estrangeira, no caso dela, o espanhol colombiano.

Ainda, a intercambista menciona o uso dos recursos que estavam disponíveis para seu aprendizado. Ela expôs suas limitações, mas revelou com ânimo suas ações ao longo da aquisição de novos conhecimentos. Segue o excerto Luex5:

[Luex5]

Olha, eu acredito que eu tentei usar o máximo de recursos que eu podia porque eu estava, eu estava muito interessada em aprender a língua [Afeto – Positivo – Satisfação]. Então, eu acho que aquilo que estava diante de mim eu tentei aproveitar, sabe? Com as minhas limitações, claro, né? Porque é tudo muito novo, né? Mas talvez eu teria buscado nesses seis meses um curso mais específico, por exemplo. **Tentaria buscar para saber se a universidade oferecia curso de espanhol para estrangeiros. Eu fiz disciplina de castelhano 1 e 2. Isso me ajudou porque eu estudei fonética e fonologia [Apreciação – Valoração – Positiva].**

No excerto, identificamos uma postura de reflexão crítica e de avaliação das escolhas feitas durante o intercâmbio, o que caracteriza a competência de *saber aprender*. Isso é evidente no interesse em explorar os recursos disponíveis para aprender a língua espanhola. Essa busca por recursos demonstra também a competência de *saber fazer*, ao aplicar estratégias práticas, como a escolha de disciplinas específicas, para melhorar suas habilidades linguísticas. Além disso, a ponderação sobre a possibilidade de buscar um curso direcionado ao estudo do espanhol reflete a competência de *saber ser*, pois revela autocrítica e abertura para novas experiências.

Ademais, o reconhecimento de limitações e a busca contínua por oportunidades, conforme relatado em “eu acho que aquilo que estava diante de mim eu tentei aproveitar”,

indicam um alinhamento com o *saber ser*, pois demarca seu respeito pela complexidade do processo de adaptação cultural e linguística, além de criar uma valorização da experiência intercultural como um todo.

Em relação à Avaliatividade, a afirmação “eu estava muito interessada em aprender a língua” ressalta um afeto positivo de satisfação, indicando sua motivação e seu empenho no processo de aquisição do idioma. No mais, ao final do excerto, a intercambista expressa uma apreciação positiva quando diz “isso me ajudou porque eu estudei fonética e fonologia”, trazendo notoriedade para o conhecimento adquirido e para as novas habilidades desenvolvidas a partir das disciplinas cursadas.

Diante do exposto, ratificamos que o aprendizado é essencial para o nosso aprimoramento, pois ele surge da aceitação das dificuldades, como explorado na primeira pergunta de pesquisa. No entanto, é por meio de nossa abertura para vivenciar o mundo que alcançamos um aprendizado diversificado, abrangendo aspectos como cultura, língua, desafios pessoais e desenvolvimento da autonomia, conforme analisado ao longo da segunda pergunta de pesquisa.

No Quadro 8, estão esquematizadas todas as aprendizagens dos intercambistas.

Quadro 8 – Aprendizados dos intercambistas

Intercambistas	Aprendizados
Intercambista 1 – Amanda	• Autonomia e resiliência • Assertividade • Mudança de visão profissional • Valorização de diferenças culturais
Intercambista 2 – Benício	• Aprendizado científico • Valorização da cultura • Ser presente na vida das pessoas • Valorização do tempo • Autocuidado
Intercambista 3 – Aurora	• Independência • Valorização da cultura local
Intercambista 4 – Nadiene	• Reconhecimento da diversidade • Desenvolvimento e criação de vínculos de empatia • Desenvolvimento da solidariedade • Apreciação das histórias de vida
Intercambista 5 – Luara	• Importância da interação • Superação da timidez • Métodos e abordagens para aprender espanhol • Valorizar os recursos disponíveis

Fonte: Do autor (2024)

Com base na análise do quadro, notamos que os conhecimentos adquiridos durante os intercâmbios de fato ilustram as competências interculturais propostas por Byram, Gribkova e Starkey (2002), bem como a relação com os aspectos interculturais destacados por Weissmann (2018). Esses aprendizados resultam na valorização da diversidade cultural e no fortalecimento de vínculos de empatia, evidenciando o engajamento dos intercambistas com outras culturas. Além disso, a busca por novas perspectivas, como o aprendizado científico e a valorização de experiências culturais, favorece uma reflexão crítica mais profunda sobre o significado do aprendizado na vida dos sujeitos.

As aprendizagens mais significativas identificadas nos relatos vão além do domínio linguístico, evidenciando um aprofundamento das práticas de convivência, de escuta, de adaptação e de releitura de valores.

Logo, os intercambistas apresentam sua vivência internacional de forma potencializada não apenas por permitir contato com outras culturas, mas por abrir espaço para a reinvenção de si a partir da troca de experiências. Assim, a competência de saber fazer e saber engajar se dão ao aprendizado e não se restringem à sala de aula, à pesquisa e à vida privada. O contato com diferentes modos de viver, com línguas estrangeiras e com pessoas em condições diversas de mobilidade *in* e *out* revelam um processo de aprendizado sensível e ético.

Em consonância com o Quadro 8, percebe-se que as aprendizagens mais relevantes se concentraram na capacidade dos intercambistas de reconhecer a complexidade da experiência migratória — tanto própria quanto alheia — e de ampliar sua escuta intercultural, deslocando o olhar do eu multifacetado para o nós de forma coletiva.

Na sequência, abordaremos as percepções dos intercambistas sobre suas construções identitárias resultantes do intercâmbio, desenvolvendo, pois, as respostas à terceira pergunta desta pesquisa.

6.3 Quais as percepções dos intercambistas sobre suas construções identitárias resultantes do intercâmbio?

No que se entende por constituição identitária, conforme discutimos na seção 2.2 desta pesquisa, buscamos, por meio dos excertos das entrevistas, caracterizar percepções dos intercambistas sobre si. Assim, apresentamos nossa interpretação sobre as possíveis mudanças, conflitos e outras particularidades vivenciadas por cada um deles.

De início, observemos o excerto Amex5, da intercambista Amanda:

[Amex5]

Sim. Então, no começo muita gente perguntava por que eu queria ir para Portugal, além da questão da língua, que eu não tinha muita segurança com o inglês... além da questão da língua, é porque **eu acho que é um país muito rico para a gente entender várias coisas e vários processos que acontecem até hoje no nosso. [Julgamento – Estima Social – Positiva]**. Então, por isso que **essa experiência com a professora de Cultura e Discurso foi tão valiosa [Apreciação – Valoração – Positiva]**, porque eu buscava exatamente isso do ponto de vista deles, como foi, por que foi... **E eu cheguei lá e eu percebi que era exatamente como eu pensava que era... E eu acho que a gente tem a chance de mudar isso [Atitude – Afeto – Satisfação]**. A gente já muda isso há tempos... O Brasil já é um país muito elevado culturalmente. Tem muita coisa para melhorar sim, principalmente socialmente, mas nós somos um país que nunca dependeu de Portugal, pelo contrário, eles que dependeram da gente. **Então encontrar isso e vivenciar isso foi muito bacana, apesar de achar que eles precisam melhorar a mentalidade deles, porque eles ainda se acham os colonizadores [Julgamento – Estima Social – Negativa]** e isso precisa mudar. Mas de qualquer forma, **foi muito válido por isso, porque eu consegui experienciar isso... exatamente o que eu procurava [Apreciação – Valoração – Positiva]**.

Ao frisar que suas experiências em Portugal foram importantes para “entender várias coisas e vários processos que acontecem até hoje no nosso [país]”, Amanda evidencia um confronto identitário sobre como é ser brasileira morando no Brasil e como é enxergar sua brasilidade residindo em outro país, sobretudo o país colonizador.

Esse aspecto da subjetividade humana inclui alguns sentimentos conscientes e inconscientes (Block, 2007), os quais podem abarcar percepções de inadequação, autocompreensão e projeções relacionadas à personalidade, entre outros fatores. Esses sentimentos, tanto conscientes quanto inconscientes, enriquecem as interações com o mundo, contribuindo para a formação de valores e crenças que moldam a identidade do sujeito. Essa construção ocorre através da reflexão sobre as experiências vividas, sempre em diálogo com os sentimentos experimentados.

Desse modo, Amanda traz uma narrativa social autoconsciente e contínua sobre sua nacionalidade, pensando, a partir do seu “eu”, a representação da nação. Segundo Reis e Romero (2021) e Block (2007), isso acontece, pois os sujeitos — ao relatarem sobre si mesmos — reconhecem a capacidade de observar suas ações passadas, idealizar cenários hipotéticos para o futuro e, em algumas ocasiões, buscar compreender seu lugar no mundo no momento presente.

No excerto Amex5, a intercambista faz um movimento na tentativa de definir sua identidade. Ela diz: “E eu cheguei lá e eu percebi que era exatamente como eu pensava que era... E eu acho que a gente tem a chance de mudar isso”. Na fala, Amanda remete ao fato de que, ao chegar em Portugal, seria óbvio e bastante perceptível o reconhecimento do que ela já

possuía em mente sobre o país. Embora suas concepções cristalizadas estivessem fundamentadas em crenças que possuía antes da viagem, essas ideias desempenharam um papel significativo em sua construção identitária. Por ter expectativas claras e crenças firmes sobre o que vivenciaria, sua tentativa de definir a própria identidade tornou-se passível de predição. Portanto, a intercambista buscou apoio em suas crenças para se afirmar, mas acabou sendo desafiada pela experiência vivida em Portugal.

Com isso, inferimos que Amanda procurou lidar com uma relação cultural e pessoal complexa, na qual diferentes aspectos se chocaram com seus limites individuais, colocando sua identidade em crise (Hall, 2006). Ao afirmar que tinha uma ideia do que encontraria em Portugal, ela deu forma e concretizou sua opinião prévia. Contudo, ao viajar, acabou confirmando um ponto de vista já solidificado antes da experiência migratória, o que gerou um movimento de conflito e uma contradição interna. Essa contradição se manifesta no exercício da intercambista de construir uma identidade temporariamente unificada, o que, de acordo com Hall (2000, 2006), representa a tentativa do sujeito de se compreender como um todo, mesmo diante de emoções atribuladas, eventos e desafios contextuais, ao revelar o caráter ilusório de um sujeito único e estável.

Sendo assim, a brasileira colocou em destaque a maneira pela qual as identidades são imaginadas, ou seja, como os portugueses veem os brasileiros e como os brasileiros veem os portugueses, além de trazer clareza de como ela tenta se manter única durante todo o processo. Nesse sentido, Amanda diz: “foi muito válido por isso, porque eu consegui experienciar isso, exatamente o que eu procurava”.

No que concerne à Avaliatividade, Amanda estabelece um julgamento de estima social positiva ao se referir a Portugal para construir um paralelo com o Brasil. Dessa maneira, ela faz a comparação dos países ao mencionar: “eu acho que é um país muito rico [Portugal] para a gente entender várias coisas e vários processos que acontecem até hoje no nosso [Brasil]”. Em contraponto, Amanda tece um julgamento negativo ao criticar a mentalidade portuguesa na qual ainda vigora a perspectiva da colonização: “[...] eles precisam melhorar a mentalidade deles, porque eles ainda se acham os colonizadores”. Ainda assim, a intercambista revela uma apreciação positiva ao confirmar suas expectativas prévias sobre Portugal: “[...] eu consegui experienciar isso, exatamente o que eu procurava”.

Por sua vez, Benício descreveu todo seu processo formativo profissional e suas percepções sobre si, incluindo o amadurecimento propiciado pelo intercâmbio. Vejamos o excerto Benex5:

[Benex5]

Ah, eu diria muitas coisas, porque eu diria que a minha formação, sobretudo na graduação, durante a graduação, eu me formei não enquanto uma pessoa... profissional da área, né? **Eu acho que a formação que eu recebi é uma formação para a vida toda [Apreciação – Valoração – Positiva]**, não enquanto uma pessoa formada em Letras, mas como uma pessoa que sabe gerenciar a sua casa, né? Ou seja, levei uma formação para a vida, porque **ali eu aprendi a me conservar. Eu aprendi a ser independente, eu aprendi a ser, de modo geral, um homem melhor, um homem melhor no sentido de que a experiência que eu adquiri ao longo dos nove anos aqui no Brasil me fez crescer bastante [Apreciação – Valoração – Positiva]**. Claro, né? **Nem todas as experiências são tão boas assim quanto eu “imaginasse”, né? [Apreciação – Valoração – Negativa]**. Mas nem todas elas que eu vivenciei foram ruins. Nesse caso, então, **hoje em dia eu sou uma pessoa, um ser mais crítico, mais pensante e não aceito qualquer coisa que eu ouvi ou que eu li, que eu escutei [Afeto – Positivo – Satisfação]**. E eu sempre escuto e vou analisando. **Tenho as minhas dúvidas a cada vez que eu leio, a cada vez que eu escuto as pessoas [Afeto – Negativo – Insegurança]**. Ah, em determinadas questões eu fico mais com a dúvida ainda, motivo pelo qual sempre eu vou procurar algo para superar. Então hoje em dia eu diria que sou uma pessoa muito diferente em relação ao passado **[Afeto – Positivo – Satisfação]**. Não porque eu sou... na época... eu não fosse melhor. Não, não é isso. É porque **eu acho que cada tempo, cada época tem o seu momento, então é cada contexto que a gente vai se adaptando [Afeto – Positivo – Satisfação]**. Nós vamos de certa forma aprendendo com aquilo, tanto com a cultura quanto com o meio, com as pessoas as quais nos circundam. Então, **eu hoje eu diria que eu sou uma pessoa mais madura, porque levei muito tempo, né? Vivendo aqui e adaptando com diferentes pessoas, diferentes culturas, diferentes identidades [Afeto – Positivo – Satisfação]**. E isso faz com que hoje o meu horizonte seja mais maduro em relação ao passado **[Afeto – Positivo – Satisfação]**. Então, hoje eu sou uma pessoa mais compreensiva e mais crítica.

No excerto Benex5, o participante reforça, inúmeras vezes, ser uma pessoa melhor, mais capaz de lidar com diferentes contextos de sua vida. Alguns contextos mencionados dizem respeito à formação crítica, outros à maturidade adquirida ao longo do tempo, destacando sua construção identitária não só após o intercâmbio, mas também durante o processo descrito por ele. Isso fortaleceu a percepção de Benício sobre si, ampliando suas dimensões emocionais (Barcelos, 2020).

Quanto às categorizações linguísticas da Avaliatividade, Benício destacou sua formação profissional, avaliando-a positivamente. Ele estabeleceu uma apreciação de valoração positiva sobre seu aprendizado, que ultrapassou a esfera profissional e contribuiu para que o intercambista se visse como um homem mais maduro. Tal fato revela uma construção identitária complexa e de contínua modificação, já que o sujeito se fragmenta e continua atuando no meio social independentemente de discursos particulares (Hall, 2000, 2006). Nesse sentido, Benício percebe seu processo de intercâmbio e suas vivências no Brasil

de forma enriquecedora, visto que transcenderam seus limites pessoais e possibilitaram que ele fortalecesse sua consciência e ressignificasse sua experiência de vida (Mello, 2020).

Além disso, o intercambista nota seu amadurecimento como um processo de introspecção ao afirmar: “eu acho que cada tempo, cada época tem o seu momento, então é cada contexto que a gente vai se adaptando”, enfatizando sua evolução e estando consciente disso (Bengezen, 2020). Logo, o intercâmbio engendrou uma experiência transformadora para o guineense, pois propiciou que ele se desenvolvesse pessoal, emocional e profissionalmente, trazendo à sua identidade marcas de complexidade (Block, 2007).

O excerto Benex6 ilustra mais detalhes sobre a transformação identitária de Benício:

[Benex6]

Bem, eu passo a ver o mundo como um espaço de tragédia e um espaço de coisas boas, né? [Afeto – Positivo e Negativo – Satisfação e Insegurança]. Porque sempre há dois, dois horizontes nesse caso, né? Porque você sabe, pela experiência, nós vamos nos adaptando. **Nós vamos vivenciando as situações que não são tão agradáveis e as situações que são boas, né? [Apreciação – Valoração – Positiva e Negativa].** Então, eu encaro o mundo como se fosse um lugar ao qual todos nós pertencemos, embora mesmo pertencendo a esse lugar, né?... **E há muitas coisas que nós precisamos mudar.** Então, a minha percepção e desejo eu diria que mesmo que o mundo não “é” tanto quanto nós queremos (ou algumas pessoas, né?), é o nosso dever, já que nós estamos inseridos aqui... é o nosso dever trabalhar, lutar para superar [Julgamento – Estima Social – Tenacidade]. Para superação, né? Então essa luta deve ser luta coletiva. Mesmo sendo particular às vezes, porque eu falo particular, porque eu tenho a minha responsabilidade, os meus deveres. Então, eu vou ter que cumprir com essas particularidades, e você vai contribuir e obedecer a essas tuas particularidades. Então, a partir dessa individualidade, nós vamos trabalhar em conjunto no sentido de superar. Superar é conhecer... é... as suas limitações e tentar transcendê-las. É querer o bem para o próximo, quanto ao que você deseja que o próximo queira para ti [Julgamento – Estima Social – Tenacidade]. Então, é basicamente isso.

No excerto, o intercambista, quando perguntado sobre como ele se vê no mundo, sinalizou que “o mundo não é tanto quanto nós queremos”, caracterizando uma forma de *saber se engajar* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002), porque avalia sua prática social em uma cultura diferente ao morar no Brasil. De forma ética e cautelosa, o intercambista apresentou *um saber aprender*, já que enfatiza o trabalho coletivo para superar limitações e buscar o bem-estar mútuo, isto é, “querer o bem para o próximo”.

Sobre a Avaliatividade, o guineense expressa uma atitude complexa em relação ao mundo, utilizando afeto, apreciação e julgamento para comunicar suas percepções. Ao dizer: “eu passo a ver o mundo como um espaço de tragédia [...]”, o intercambista demonstrou um afeto negativo de insegurança, comparando o mundo a uma “tragédia”. Isso está associado às

dificuldades que ele tem enfrentado em sua vida. No entanto, ele também mencionou a necessidade de equilíbrio entre as “coisas boas” e as “coisas ruins”, lançando mão de um julgamento de valor positivo: “nós vamos vivenciando as situações que não são tão agradáveis e as situações que são boas”.

Dentre os julgamentos cuja tenacidade se faz presente, temos os seguintes trechos: “[...] o mundo não é tanto quanto nós queremos” e “[...] trabalhar em conjunto no sentido de superar. Superar é conhecer é... as suas limitações e tentar transcendê-las. É querer o bem para o próximo quanto ao que você deseja que o próximo queira para ti”. Assim, o guineense defende que as pessoas devem conviver como uma comunidade na qual haja amor ao próximo. Logo, ele percebe as atitudes coletivas como obrigação ética e valoriza o esforço para enfrentar as dificuldades como um princípio basilar. Nesse viés, a narrativa de Benício dialoga com Block (2007), na medida em que este compreende as identidades em sua relação com as camadas sociais às quais os sujeitos pertencem. Além disso, o intercambista evidencia traços de interculturalidade (Weissmann, 2018) ao sustentar a vivência coletiva entre os sujeitos.

A fim de analisar a narrativa de Aurora sobre suas construções identitárias, leiamos o excerto Aurex5:

[Aurex 5]

Se cumprimentar na rua. Ah... as pessoas são... não têm dificuldade para se expressar, para falar das coisas ruins. **Acho que é mais fácil de ser honesto no Brasil que na França. E tem que fingir tudo às vezes; tudo é bom. Eu não estou bem, mas eu estou bem na França. Então, aqui, não... a gente não reprime os sentimentos [Julgamento – Estima Social – Positiva].**

Na narrativa, a intercambista expressou uma transformação significativa no que diz respeito à sua convivência com os brasileiros, pois ela passou a interagir com as pessoas nas ruas e nas lojas, especialmente, algo que não era comum em seu país de origem: a França. Sobre essa interação, Aurora reforçou que, no Brasil, as pessoas são mais comunicativas e mais sinceras. Os brasileiros, segundo ela, não precisam reprimir os sentimentos apenas para parecerem estar bem.

Em vista disso, a experiência intercultural no Brasil impactou profundamente a identidade de Aurora, tornando-a uma pessoa mais aberta, confiante e disposta a explorar novas experiências e relações sociais. Assim, a intercambista apresentou um desenvolvimento da competência intercultural *ter conhecimento* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002). Isso se deu porque ela adquiriu novos saberes e perspectivas sobre os valores da cultura brasileira, principalmente a forma de agir das pessoas.

Levando em conta a Avaliatividade, Aurora relata o seguinte: “E tem que fingir tudo às vezes; tudo é bom. Eu não estou bem, mas eu estou bem na França”, traçando a necessidade de fingir um comportamento em seu país, o que retrata uma repressão de suas emoções. No Brasil, por sua vez, ela notou que as pessoas não reprimem seus sentimentos e, por isso, afirma: “Acho que é mais fácil de ser honesto no Brasil que na França”, fazendo uma avaliação de estima social positiva ao perceber que o convívio com os brasileiros a tornou mais sociável, livre e passível de expressar emoções (Bengezen, 2020).

Em outro contexto, a intercambista Nadiene falou sobre suas percepções a respeito de seu intercâmbio na Alemanha e na Argentina e apresentou traços de sua identidade bastante instigantes. Segue o excerto Nadiex5:

[Nadiex5]

Eu tinha muitos preconceitos e eu só consegui ver isso quando eu fui me expondo a situações que não me eram confortáveis [Afeto – Positivo – Satisfação], vendo pessoas diferentes, religiões caminhando no mesmo... convivendo harmoniosamente. Pessoas de todo tipo tendo seu espaço, assim... **Eu acho que desconstruir foi fundamental para mudar o rumo da minha vida... [Afeto – Satisfação]** Na verdade, assim, não só na capacitação profissional, na questão dos contatos profissionais que se desdobraram hoje na minha carreira, **mas também numa NADIENE que consegue entender que o mundo é diverso e que a gente precisa estar mais aberto, ter mais respeito, né, que o estudo... você ter a oportunidade dessas experiências... transformam realmente modos de ver, de viver, de atuar no mundo [Afeto – Satisfação]**. Eu acho que... e muito... foi muito importante para mim, assim, a primeira experiência na Alemanha, **com certeza mudou, abriu o meu horizonte demais e tive experiências que eu nunca imaginei que eu poderia ter [Afeto – Positivo – Satisfação]**. E na Argentina, eu consolidei passos e desejos de quem eu sou. **E toda vez que eu lembro, quando eu pousei lá em Buenos Aires, eu olhei a cidade assim... eu lembrei: “cara, eu amo muito viajar. Isso faz meu coração bater” [Afeto – Positivo – Satisfação]. Conhecer pessoas diferentes, histórias diferentes. Li muito sobre a ditadura da Argentina, a história, a posição no Mercosul, coisas que são relacionadas ao Brasil também que eu não fazia ideia. Então eu acho que... foi... foi o divisor de águas, né, na minha vida [Afeto – Positivo – Satisfação]**.

Ainda que longo, o excerto Nadiex5 explicou em detalhes a construção identitária da intercambista 4. Em suas palavras, as experiências interculturais transformaram sua visão sobre si e sua relação com as pessoas. Nesse caminho, Nadiene observou que, ao vivenciar situações que lhe eram desconfortáveis, pôde reconhecer em si inúmeros preconceitos e, a partir disso, aprimorar-se como cidadã. Apesar do desconforto de ressignificar seus valores e de desconstruir suas próprias visões sobre a sociedade, Nadiene estabeleceu uma avaliação positiva de suas experiências, afirmando: “eu acho que desconstruir foi fundamental para mudar o rumo da minha vida”. De forma singular, seu afeto positivo de satisfação reforça sua

autopercepção e enaltece sua capacidade de aprender, de vencer barreiras e de se ver diferente na vida.

Em termos identitários, as reflexões de Nadiene dialogam diretamente com a visão de Hall (2006) sobre as identidades serem dinâmicas e fragmentadas. Ao expôr-se a novas culturas e superar preconceitos, a intercambista demonstrou que sua identidade não é fixa, mas moldada pelas interações e desafios vividos. Cabe frisar também que o processo narrativo foi crucial para que a intercambista Nadiene — assim como os demais — pudesse desenvolver autoconsciência e, assim, (re)construir sua(s) identidade(s) ao lançar um novo olhar sobre o mundo (Mello, 2020).

Ilustrando um vínculo afetivo com as transformações que experimentou, Nadiene enuncia: “eu amo muito viajar. Isso faz meu coração bater”. O confronto inicial com suas limitações e preconceitos representa o deslocamento de fantasias que sustentavam sua visão de mundo, alinhando sua identidade a uma realidade mais plural e diversa. Nesse sentido, observamos que as identidades são narrativas sociais conscientes e contínuas (Block, 2007), pois Nadiene construiu uma narrativa que incorporou as transformações vividas em suas ações, percepções e posicionamentos no mundo.

Nessa esteira de que a identidade é fluida, múltipla e mutável, como demonstra Hall (2006), leiamos o excerto Nadiex6:

[Nadiex6]

Com certeza... **Com certeza eu mudei. Mudei... [Afeto – Satisfação] em relação... principalmente a ver que eu não conhecia muito bem o meu país... né... que ele é muito heterogêneo [Apreciação – Valorização – Positiva]**. Trouxe alguns hábitos do exterior que permaneceram na minha vida que não eram comuns na época, nos ambientes que eu convivia. Por exemplo, separar o lixo. **Eu implementei a separação de lixo na minha casa porque era uma coisa que não tinha mais como viver sem [Afeto – Positivo – Satisfação]. Eu comecei a usar a bicicleta como meio de transporte, coisa que foi um hábito que eu adquiri também fora...** Assim, e também eu me dei um pouco mais de... nossa... tipo, de tempo de tranquilidade para ver que os países são diferentes e que o meu Brasil talvez eu tenha que entender da forma como ele é e não com uma visão europeia centralizada, né? **Tipo, entender que ele é e tem muito mais personalidade do que a gente acha que tem [Apreciação – Valoração – Positiva]**.

No excerto Nadiex6, a intercambista refletiu sobre as mudanças em sua percepção de si mesma e de seu país, destacando o impacto das experiências interculturais em sua identidade. Ela reconheceu que não conhecia plenamente a diversidade e a heterogeneidade do Brasil, pois foram as vivências no exterior que possibilitaram a ela ampliar sua percepção sociocultural (Weissmann, 2018). Dessa forma, como sujeito fragmentado (Hall, 2006),

Nadiene passou a valorizar o Brasil e sua própria personalidade ao se desvencilhar da perspectiva eurocêntrica.

Além disso, a intercambista salienta que adquiriu hábitos no exterior, como a separação de lixo e o uso da bicicleta como meio de transporte. Tais hábitos representam a incorporação de fragmentos culturais externos em sua identidade, moldando novos valores e mostrando um *saber se engajar* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002), já que assumiu novas vivências culturais.

Em termos de Avaliatividade, Nadiene fez uma avaliação positiva que evidenciou sua satisfação em reconhecer sua mudança e sua nova forma de enxergar o Brasil como um país heterogêneo: “Mudei... em relação... principalmente a ver que eu não conhecia muito bem o meu país”. Sobre isso, ela afirmou que o Brasil “tem muito mais personalidade do que a gente acha que tem”. Tal avaliação positiva se estendeu também à aquisição de novos hábitos, como separar o lixo e adotar a bicicleta como veículo de locomoção: “Eu implementei a separação de lixo na minha casa porque era uma coisa que não tinha mais como viver sem. Eu comecei a usar a bicicleta como meio de transporte, [...] um hábito que eu adquiri também fora”.

Por fim, a narrativa de Luara, intercambista que foi para a Colômbia, englobou a realização de um sonho e o desejo de aprender uma língua estrangeira para vivenciar outra cultura. Tomemos como base o excerto Luex6, que elucida a construção e a percepção identitárias de Luara:

[Luex6]

[...] eu realmente voltei uma outra, outra LUARA, assim... É... o fato de ter que fazer as coisas por mim mesma, sabe? Para mim, né? Eu não tinha ninguém para depender, por exemplo. **Então, isso me ajudou a crescer como pessoa, sabe, a me desenvolver [Afeto – Positivo – Satisfação]**. E, além disso, **eu estava realizando um sonho, sabe? [Afeto – Positivo – Satisfação]**. E sempre foi um sonho para mim ir para fora e poder aprender uma língua e passar um tempo. Então, eu percebi que, assim, que é possível, sabe? **Eu posso fazer isso**. Além disso, eu acho que mais essa questão de me desenvolver, né? Pessoalmente, da minha timidez, eu acho [...].

Ao mencionar “eu posso fazer isso”, a intercambista demonstrou um fortalecimento da autoconfiança, consolidando uma identidade mais resiliente diante de novos desafios. Esse processo ilustra a ideia de Block (2007) de que as identidades são construídas por narrativas que refletem as experiências vividas e são reinterpretadas ao longo do tempo. Em consonância a isso, agregar valor sobre si ratifica uma das competências de Byram, Gribkova e Starkey (2002) sobre *ter conhecimento* para ressignificar crenças, valores e ampliar sua percepção cultural.

Dentre os pontos mais explícitos em toda sua entrevista, Luara citou seu desenvolvimento pessoal em relação à timidez, evidenciando uma transformação comportamental que refletiu o impacto das vivências interculturais. No excerto Luex6, a intercambista abordou o impacto da independência adquirida durante sua experiência na Colômbia e o choque cultural vivenciado ao retornar ao ambiente familiar.

No que diz respeito à Avaliatividade, predominou na narrativa de Luara o afeto positivo de satisfação, visível nos trechos: “[...] isso me ajudou a crescer como pessoa” e “[...] eu estava realizando um sonho”, que transmitem satisfação e orgulho pelas conquistas pessoais. Dessa forma, o processo de intercâmbio revelou o fortalecimento de sua identidade, além de ter reforçado seu autovalor.

Em continuidade, a intercambista narrou a construção de uma identidade autônoma que foi desafiada pela releitura de sua realidade. Tal questão está presente no excerto Luex7:

[Luex7]

Eu criei uma independência muito grande na Colômbia e isso, para mim, **quando eu voltei, foi um choque porque parecia que era como se eu fosse um passarinho, assim, dentro de uma gaiola.** Não, acho que também eu era um passarinho, mas só para contextualizar, para entender. **E eu voei. E aí era como se eu voltasse, tivesse que entrar de novo nessa gaiola, assim, sabe?** [Afeto – Negativo – Insatisfação]. **Querendo ou não... Ah, eu sempre morei com os meus avós, né? Meus pais e eles. Família tem essa coisa de superproteção, de querer cuidar e tudo mais** [Julgamento – Estima Social – Negativo]. **E lá na Colômbia era assim: eu fazia o que eu queria. Eu sabia, né, o que era bom para mim ou não. E aí eu tive que voltar, né? Sob... sob o olhar deles novamente, né? Então, acho que eu senti muito isso em relação à minha volta** [Afeto – Negativo – Insatisfação].

Após sua experiência na Colômbia, a intercambista retornou ao Brasil. O regresso, como vimos no excerto, foi marcado por crises identitárias, já que Luara precisou voltar para a família, no interior, depois de ter vivido de maneira independente no exterior e de ter se redescoberto. Esse processo, mais uma vez, reflete a ideia de Block (2007) de que as identidades são narrativas contínuas e sujeitas a reconfigurações ao longo do tempo, moldadas pelas interações e condições sociais em diferentes espaços culturais.

Assim, a intercambista traçou um paralelo do antes e do depois ao mencionar: “Eu criei uma independência muito grande na Colômbia e isso para mim, quando eu voltei, foi um choque porque parecia que era como se eu fosse um passarinho, assim, dentro de uma gaiola”. Esse dizer caracteriza o *ter conhecimento* (Byram; Gribkova; Starkey, 2002) de Luara acerca de sua condição. Para ela, a cultura familiar é entendida como um encarceramento, uma real limitação de sua liberdade. Isso pode ser interpretado como uma evolução da dependência familiar, tendo em vista que, ao retornar do exterior, o controle familiar se tornou algo

conflitante. O sentimento de privação da liberdade é reforçado pela metáfora do “passarinho dentro da gaiola” que contrasta a autonomia vivida durante o intercâmbio e a restrição engendrada pela superproteção familiar.

Em se tratando da Avaliatividade, quando a intercambista narra o retorno ao convívio familiar, há uma avaliação de afeto negativo que demonstra a insatisfação de Luara frente à privação de seus familiares: “E lá na Colômbia era assim: eu fazia o que eu queria, eu sabia o que era bom para mim ou não. E aí eu tive que voltar, né? Sob... sob o olhar deles novamente”. Dito isso, a intercambista estabelece um contraponto com um julgamento de estima social negativa ao mencionar “família tem essa coisa de superproteção, de querer cuidar e tudo mais”. Dessa forma, ela traz o aspecto familiar como uma nova apresentação de si e contrapõe o que viveu no passado. Isso explicita sua construção identitária não só por ser paciente com os familiares, mas também por entender que sua pessoa amadureceu.

Feita a análise das narrativas dos intercambistas, vejamos o Quadro 9, que sumariza a resposta da terceira pergunta de pesquisa, sendo um resumo das percepções dos intercambistas:

Quadro 9 – Percepções dos intercambistas

Intercambistas	Percepção de Construção Identitária
Intercambista 1 – Amanda	• Transformação pessoal • Reconhecimento de limitações • Impacto cultural e histórico • Reflexões sobre nacionalidade • Reflexões sobre pertencimento • Autocrítica e autoafirmação • Planejamento futuro
Intercambista 2 – Benício	• Maturidade • Crescimento pessoal • Crescimento profissional • Independência • Superação de obstáculos
Intercambista 3 – Aurora	• Transformação social • Transformação pessoal • Disposição para novas experiências
Intercambista 4 – Nadiene	• Profissionalização ampliada • Visão de mundo menos preconceituosa • Mudança de hábitos e práticas cotidianas (Coleta de lixo e uso de bicicleta)
Intercambista 5 – Luara	• Independência • Respeito às diferenças culturais • Dependência familiar superada

Intercambistas	Percepção de Construção Identitária
	• Autoafirmação

Fonte: Do autor (2024)

Por fim, os relatos dos intercambistas entrevistados nos permitem ratificar que a mudança de nossas identidades remete aos processos positivos e negativos que são oriundos de nossas dificuldades e da superação delas. No final das experiências, os aprendizados culminaram na reestruturação e na organização interna do que se torna ético, social e valorativo, compondo a forma dos sujeitos existirem no mundo.

Em vista disso, as percepções identitárias resultantes do intercâmbio apontam para trajetórias marcadas por rupturas, confrontos e ressignificações. As identidades, como indicam Hall (2006) e Block (2007), são concebidas nos relatos como uma narrativa contínua e em trânsito, cujas vivências aprofundam as reflexões sobre pertencimento, origem e destino. Nessa linha, alguns intercambistas reafirmaram valores anteriores, outros reconheceram preconceitos e os reelaboraram. Houve ainda os que adotaram novos hábitos e posturas diante da vida.

Ademais, o Quadro 9 revelou que, mesmo em meio às diferenças entre as experiências, houve uma constante: a maioria dos intercambistas experimentaram crises identitárias, ainda que em graus variados. Essas crises produzem espaços de elaboração subjetiva em que o reconhecimento da diversidade se torna também um caminho de autoconhecimento. Assim, a experiência do intercâmbio ultrapassa o caráter formativo acadêmico e se inscreve como uma vivência existencial, na qual o sujeito se reconstrói, ora em conflito, ora em harmonia, com os múltiplos mundos que passa a assistir.

Em acréscimo, a mobilidade acadêmica configura-se como uma importante estratégia de internacionalização das instituições de ensino superior. A mobilidade *out* refere-se ao deslocamento de estudantes nacionais para instituições estrangeiras, promovendo o contato direto com outras culturas, línguas e formas de organização acadêmica. Já a mobilidade *in* diz respeito à recepção de estudantes estrangeiros nas universidades do país de origem, possibilitando o intercâmbio de saberes, a diversidade cultural e o fortalecimento do diálogo intercultural no ambiente universitário. Ambas as modalidades contribuem significativamente para a formação de cidadãos globais, para o desenvolvimento de competências interculturais e para a construção de redes acadêmicas internacionais que enriquecem os processos de ensino, pesquisa e extensão.

Na seção seguinte, apresentaremos as considerações finais da pesquisa, retomando parte do referencial teórico-metodológico, o objetivo geral deste estudo, bem como as dificuldades, os aprendizados e as percepções identitárias dos intercambistas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos da mobilidade acadêmica e da internacionalização introduziram a pesquisa de forma geral, possibilitando investigar a construção identitária, pontuar as competências interculturais dos intercambistas e aprofundar o entendimento sobre como esses processos ultrapassam limites acadêmicos, uma vez que tornam as instituições de ensino superior mais dinâmicas, criando diálogos globais mais inclusivos (Landim, 2022). Junto à mobilidade acadêmica, a internacionalização reforça e incentiva a consolidação de práticas que constituem o desenvolvimento humano e profissional dos intercambistas (Stemposki Filho; Zanette, 2022). Ademais, as vivências dos intercambistas, conforme evidenciado nos relatos analisados, revelaram-se marcadas por desafios identitários, refletindo a complexidade do mundo globalizado (Hall, 2006; Block, 2007).

Cabe dizer que os intercambistas entendem seus valores e crenças no encontro com culturas diferentes, criando novos significados para si mesmos e para suas relações com o mundo ao narrar, descrever e significar suas experiências, estas que nem sempre são positivas e agradáveis. Sendo assim, as competências interculturais emergem como uma alternativa para superar tensões, almejando a valorização da diversidade e a construção de interações basilares para o respeito mútuo (Weissmann, 2018). Nesse sentido, a interação com o outro e a reflexão acerca de suas próprias práticas culturais e linguísticas ampliam os processos de adaptação e de aprendizado dos intercambistas (Byram; Gribkova; Starkey, 2002).

No que se refere à escolha metodológica, este estudo adotou a abordagem investigativa da pesquisa narrativa, esta que oferece um horizonte amplo e dinâmico, abrangendo desde a coleta de dados até as descrições teórico-metodológicas. Essa metodologia valoriza as histórias de vida dos participantes, conferindo ao trabalho um caráter mais empático e reflexivo, alinhado às categorizações éticas da pesquisa qualitativa (Paiva, 2019; Barcelos, 2020; Bengezen, 2020). Por meio dessa abordagem, as dimensões subjetivas e emocionais dos intercambistas enriquecem as discussões teóricas, destacando a importância das narrativas como fontes valiosas de dados para estudos qualitativos.

Com isso, as evidências de traços interculturais e as construções identitárias abordadas nesta pesquisa consideraram uma análise aprofundada dos temas relacionados à interculturalidade, à identidade e à pesquisa narrativa, com base nos estudos sobre língua e linguagem, em particular na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e no Sistema de Avaliatividade. A utilização do subsistema de atitude, derivado dos estudos da LSF no âmbito da Avaliatividade, demonstrou-se eficaz ao possibilitar a análise interpretativa de excertos

discursivos, revelando os processos identitários associados às dificuldades, aos aprendizados e às percepções dos cinco intercambistas que, de forma voluntária, participaram das entrevistas (Halliday, 2014).

Dito isso, considerando as entrevistas na íntegra — não só os recortes apresentados nas análises —, sintetizamos, no Quadro 10, as principais dificuldades, aprendizados e percepções presentes nas narrativas dos intercambistas em relação às suas experiências no exterior:

Quadro 10 – Dificuldades, aprendizados e percepções dos intercambistas

(Continua)

Intercambista	Dificuldades enfrentadas	Aprendizagens mais relevantes	Percepções sobre construção identitária
Amanda – 1	Dificuldade financeira Dificuldade acadêmica Dificuldade climática	Autonomia Assertividade Visão profissional Valorização de diferenças culturais	Transformação pessoal Impacto histórico-cultural Pertencimento/Nacionalidade Autocrítica e autoafirmação Planejamento futuro
Benício – 2	Dificuldade sociocultural Dificuldade emocional Dificuldade alimentar	Aprendizado científico Valorização cultural Valorização do tempo e das pessoas Autocuidado	Maturidade Crescimento pessoal e profissional Aquisição de brasilidade Independência Superação de obstáculos
Aurora – 3	Dificuldade inicial de compreensão da língua portuguesa brasileira Dificuldade para elaborar respostas em português	Independência Atividade artesanal (crochê) Enriquecimento vocabular Valorização da cultura local	Transformação social e pessoal Disposição para experiências novas

Quadro 10 – Dificuldades, aprendizados e percepções dos intercambistas

(Conclusão)

Intercambista	Dificuldades enfrentadas	Aprendizagens mais relevantes	Percepções sobre construção identitária
Nadiene – 4	Dificuldade com a língua alemã Dificuldade com a burocracia alemã Dificuldade com a falta de luminosidade e com problemas sociais Dificuldade com a infraestrutura argentina	Reconhecimento da diversidade Desenvolvimento e criação de vínculos empáticos Desenvolvimento da solidariedade Apreciação de histórias de vida	Profissionalização ampliada Preconceitos desconstruídos Mudança de hábitos (coleta de lixo e uso de bicicleta)
Luara – 5	Dificuldade alimentar Dificuldade com a modalidade oral do espanhol Dificuldade de aceitar a legalização de drogas	Importância da interação Superação da timidez Aprimoramento de métodos e abordagens para aprender espanhol Valorização dos recursos disponíveis	Independência Respeito à diversidade cultural Autonomia Superação da dependência familiar Autoafirmação

Fonte: Do autor (2024)

Em conclusão, esperamos que esta pesquisa instigue outros trabalhos com temas semelhantes, trazendo visibilidade às políticas públicas e incentivando a iniciativa privada a fomentar intercâmbios. Esse incentivo é especialmente importante para a área de linguagem, que enfrenta uma carência de investimentos e desempenha um papel profícuo para a formação humana e acadêmica, convidando à reflexão sobre que tipo de educação é, de fato, emancipadora no Brasil.

Ainda, é possível repensar a questão da humanização dos intercâmbios, traçando rumos prósperos para a educação. Tal abordagem vai ao encontro do objetivo geral desta pesquisa, que buscou comprovar a existência de conhecimento e reflexão por parte dos

intercambistas, com base em suas percepções pessoais sobre o processo de constituição identitária. Além disso, destacamos a capacidade desses sujeitos de atuar de maneira autônoma e de exercer suas competências interculturais em contextos diversos.

Em linhas gerais, a partir das respostas dos intercambistas às perguntas direcionadoras desta pesquisa — as quais estão sumarizadas no Quadro 10 —, pudemos avaliar as potencialidades do intercâmbio acadêmico na valorização das histórias de pesquisadores, estudantes, orientadores, professores, agentes de mobilidade e cidadãos que recebem a pesquisa como fonte de novos horizontes de entendimento e de necessária cooperação social, cultural e humana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. Linguagem e discurso: diálogos com a gramática sistêmico-funcional. **Cadernos discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 120-137, 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/Fab%C3%ADola.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.
- ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira; SANTOS, Leonardo Coutinho dos. O discurso do rei: o Sistema de Avaliatividade como instrumento de análise da tradução. **Belas Infieis**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/32412/29051>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira; VIAN JUNIOR, Orlando. Estudos em avaliatividade no Brasil: panorama 2005-2017. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 273-295, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/49527/25435>. Acesso em: 13 out. 2024.
- ALVES, Adriana Célia; ROCHA, Nildicéia Aparecida. Diálogos (inter) culturais em educação e línguas: conceitos e discussões. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 4, p. 2318-2332, out./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v14i4.12193>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria Macêdo de. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de linguagem e sociedade**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 89-107, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v10i1.9278>. Acesso em: 17 out. 2024.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Compreendendo a pesquisa (de) narrativa. In: GOMES JUNIOR, Ronaldo Corrêa (org.). **Pesquisa narrativa: Histórias sobre ensinar e aprender línguas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 17-37.
- BENGEZEN, Viviane Cabral. Ética relacional, formação e autoria docente na perspectiva da inclusão. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão-GO, v. 22, n. 1, p. 159-170, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/lep.v22i1.54493>. Acesso em: 16 set. 2024.
- BENGEZEN, Viviane Cabral. **Histórias de aprendizagem de língua inglesa e de formação de professores**. 2010. 174 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15388>. Acesso em: 22 set. 2024.
- BENGEZEN, Viviane Cabral. Narrativas de aprendizes de língua inglesa. In: GOMES JUNIOR, Ronaldo Corrêa (org.). **Pesquisa narrativa: Histórias sobre ensinar e aprender línguas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 62-85.
- BÍBLIA, A. T. Juízes. In: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Contendo o Novo e o Velho Testamentos**. Tradução de Joseph Smith. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015. p. 409-451.
- BLOCK, David. **Second Language Identities**. 1th ed. London: Continuum, 2007.

BRITISH COUNCIL. **International Student Mobility Report**. Dundee: University of Dundee, 2004.

BYRAM, Michael. Foreign language teaching and intercultural citizenship. **Iranian Journal of Language Teaching Research**, *s.l.*, v. 1, n. 3, p. 53-62, 2013. Disponível em: https://ijltr.urmia.ac.ir/article_20433.html. Acesso em: 19 set. 2024.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. **Developing the intercultural dimension in language teaching: A practical introduction for teachers**. Strasbourg: Council of Europe, 2002.

CARVALHO, Márcia Monteiro. A relação da Libras com a Linguística Sistêmico Funcional (LSF): análise de imagens de sinais com base em variáveis do Contexto de situação. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 55-73, out./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.29368>. Acesso em: 10 set. 2024.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 7. ed. São Paulo: Global, 2001.

DARVIN, Ron; NORTON, Bonny. Identity and a model of investment in applied linguistics. **Annual review of applied linguistics**, *[s.l.]*, v. 35, p. 36-56, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0267190514000191>. Acesso em: 14 out. 2024.

DUTRA, Anelise Fonseca. O desenvolvimento da competência intercultural de alunos de letras por meio do contato com assistentes de ensino americanas. **Revista do GELNE**, Natal, v. 21, n. 1, p. 222-235, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2019v21n1ID15813>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DUTRA, Anelise Fonseca; PENNA, Sílvia Maria de Oliveira. O desenvolvimento da competência intercultural em professores em formação. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Goiânia, v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/lep.v22i2.57504>. Acesso em: 22 nov. 2024.

EGGINS, Suzanne; MARTIN, James Robert. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, Teun Adrianus (ed.). **Discourse as structure and process**: discourse studies – a multidisciplinary introduction. *[S.l.]*: Sage Publications, 1997. p. 230-256.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and Social Change**. Cambridge (UK): Polity, 1992.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GOHARD-RADENKOVIC, Aline; VEILLETTE, Josianne. Article introductif. Nouveaux espaces dans de nouvelles logiques migratoires? Entre mobilités et immobilités des acteurs. **Cahiers internationaux de sociolinguistique**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 21-50, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/cisl.1601.0021>. Acesso em: 23 nov. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Halliday's introduction to functional grammar**. Revised by Christian Matthias Ingemar Martin Matthiessen. 4th ed. Abingdon: Routledge, 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2th ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KRAMSCH, Claire. Cultura no ensino de língua estrangeira. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 134-152, set./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457333606>. Acesso em: 12 out. 2024.

KRAMSCH, Claire. Language and culture. **AILA review**, [s.l.], v. 27, n. 1, p. 30-55, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/aila.27.02kra>. Acesso em: 21 set. 2024.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

LANDIM, Denise Silva Paes. **O desenvolvimento de agência na formação docente em línguas: desafios e possibilidades**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [s. l.], v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LÓPEZ, Luis Enrique. La cuestión de la interculturalidad y la educación latinoamericana. In: UNESCO. **Análisis de perspectivas de la educación en la región de América Latina y el Caribe**. Santiago: UNESCO, 2001. p. 382-406.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter Robert Rupert. **The language of evaluation: Appraisal in English**. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MELLO, Dilma. Pesquisa narrativa e formação de professores. In: GOMES JUNIOR, Ronaldo Corrêa (org.). **Pesquisa narrativa: Histórias sobre ensinar e aprender línguas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 38-61.

MORAES, Maria Laura Brenner. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 167-172, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482>. Acesso em: 23 nov. 2024.

NASCIMENTO, André Marques do. Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue. **Revista Sures**, [s.l.], n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/121>. Acesso em: 24 nov. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PAVLENKO, Aneta. Autobiographic narratives as data in applied linguistics. **Applied linguistics**, [s.l.], v. 28, n. 2, p. 163-188, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/amm008>. Acesso em: 26 nov. 2024.

RAMOS, Natália. Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, [s.l.], ano 35, n. 2, p. 155-178, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/5839>. Acesso em: 28 out. 2024.

REIS, Amanda Cristina dos Santos; ROMERO, Tania Regina de Souza. Um estudo identitário de universitárias intercambistas sob uma perspectiva educacional-cultural. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 94-113, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46230/2674-8266-13-5180>. Acesso em: 18 out. 2024.

ROMERO, Tania Regina de Souza; CASAIS, Allysson Augusto Silva. Construção identitária no processo de aprendizagem de língua e cultura em autobiografia de imigrante. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [s.l.], v. 35, n. 4, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350412>. Acesso em: 20 out. 2024.

SANTOS, Luana Cristina de Oliveira. **Interculturalidade e aprendizagem de línguas: relatos de experiências de imersão**. 2021. 129 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/46474>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SILVA, Hercules Santos da; GRIFFO, Mara Regina de Almeida. “Não é hora para aventuras”: análise de um editorial sob o viés do Sistema de Avaliatividade em seus subsistemas de Atitude e Engajamento. **Palimpsesto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 23, n. 44, p. 121-143, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2024.78701>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SILVA, Wagner Rodrigues. Considerações sobre contexto de cultura na Linguística Sistemico-Funcional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL), 17., 2014, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ALFAL, 2014. p. 1991-2003. Disponível em: <https://mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0054-1.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**. Curitiba: Appris Editora, 2017.

STEMPOSKI FILHO, Marcelo; ZANETTE, Rosemary Irene Castañeda.

Internacionalização no Paraná: um olhar para a mobilidade acadêmica. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 95-114, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.46230/2674-8266-14-8373>. Acesso em: 17 nov. 2024.

UNTER DIE HAUT. Intérpretes: Tim Bendecko e Cassandra Steen. *In*: AM SEIDENEN Faden – Unter die Haut version. [S.l.]: Sony Music Columbia, 2013. 2 CD, faixa 2.

VIAN JUNIOR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/28207>. Acesso em: 16 nov. 2024.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, Transculturalidade, Interculturalidade. **Revista Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542018000100004. Acesso em: 14 nov. 2024.

WIT, Hans de; LEAL, Fernanda; UNANGST, Lisa. Internationalization aimed at global social justice: Brazilian university initiatives to integrate refugees and displaced populations. **Educação Temática Digital (ETD)**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 567-590, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v22i3.8659331>. Acesso em: 17 out. 2024.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS COM INTERCAMBISTAS

Intercambista 1 – Amanda

Pesquisador: Bom dia, tudo bem?

Intercambista 1: Bom dia! Tudo bem e você?

Pesquisador: Você me autoriza gravar?

Intercambista 1: Sim, Sim, Sim... tá autorizado!

Pesquisador: Qual é a sua nacionalidade?

Intercambista 1: Sou brasileira.

Pesquisador: Certo! Você tem ou teve algum vínculo com a Universidade Federal de Lavras?

Intercambista 1: Sim, eu sou discente. Estou no último período de graduação em Letras Português/Inglês e suas Literaturas.

Pesquisador: Hm, você teve uma experiência fora do Brasil, não teve?

Intercambista 1: Sim.

Pesquisador: Qual país você ficou?

Intercambista 1: Eu fiquei em Portugal.

Pesquisador: Qual programa de intercâmbio você participou?

Intercambista 1: Eu fui por uma parceria da UFLA, a DRI, Diretoria de Relações Internacionais da UFLA... e do programa de cooperação com o Instituto Politécnico de Bragança (IPB). Então, é uma parceria que bancou a parte dos estudos. O restante foi particular.

Pesquisador: Certo... Como você explicaria, em linhas gerais, a sua adaptação no exterior?

Intercambista 1: Bom... em linhas gerais, eu posso analisar assim... toda a parte no que diz respeito à minha vivência ou você quer mais um foco no estudo mesmo?

Pesquisador: Pode ser os dois.

Intercambista 1: Tá, então, vou começar falando sobre adaptação assim... da vida lá primeiro. É um pouco complicado por causa do clima. Primeiro lugar, eu fiquei no norte de Portugal, uma região muito fria. Então, isso para mim foi uma dificuldade e eu cheguei era fevereiro, então, tava assim no finalzinho do inverno, se não me engano, e tava muito frio. [Amex1] Então... adaptar a esse clima que é muito diferente do nosso, para mim foi muito difícil. E a questão também econômica, que não é fácil. A gente tem aí um... tudo... todos os valores são vezes 5 vezes 5. Geralmente, isso é muito puxado, ainda mais para mim que, por

exemplo, não tive um apoio, vamos dizer assim. Eu não tive bolsa, então foi muito difícil; eu tive que me preparar durante muito tempo para isso. Mas são questões superáveis, né? Em relação aos meus privilégios também, mas isso também é uma dificuldade, eu não posso negar. Em relação aos estudos, eu acho que foi entender, de um modo geral, como funciona a faculdade em si, que lá é um pouco diferente. [Amex2] O curso de Letras lá não é igual ao nosso, se chama educação básica. Então, para entender isso foi um pouco difícil, porque eu tava... achei que eu ia encontrar uma realidade muito parecida e na verdade não, a gente tinha matérias lá que no caso eu não fazia porque não iriam me servir, mas a gente tinha matéria que era, por exemplo, matemática, ciências e tudo que era de educação básica mesmo, seria o equivalente ao curso de pedagogia. Eu acho que seria Letras, né? Então, passadas essas dificuldades, foi tranquilo depois, mas até entender levou um tempo.

Pesquisador: Ok, obrigado. Hm... Bom. E quais diferenças você percebeu entre o país estrangeiro e o Brasil? E o que que foi difícil para você, é... em perceber diferença na sua pessoa a partir da experiência de morar fora?

Intercambista 1: Tá, então eu com certeza fui uma pessoa e voltei outra. Isso é inegável, tanto pela distância com a família quanto pela... pelos desafios que eu tive que enfrentar lá, que ou era eu ou era eu. Então, em relação a essa, essa... diferença entre países, eu acho que primeiro, aqui no Brasil, a gente já conhece muitos dos sistemas que a gente precisa usar, seja de saúde, seja da própria educação. Então, a gente entende esses sistemas desde muito novo. Então, é muito fácil chegar lá e ter que aprender isso... às vezes é complicado e apesar das coisas funcionarem bem, lá existe muita burocracia.

Pesquisador: Certo... Bom, como você se enxerga no mundo a partir da experiência que teve no exterior?

Intercambista 1: Tá, então, eu acho que em relação ao mundo eu me sinto mais capaz. Não que eu não me sentisse antes, mas a possibilidade de ir para lá me deu outra visão sobre o que eu posso fazer e sobre as possibilidades que eu tenho para escolher. Então, eu sei muito bem o que eu quero e o que eu não quero. Isso para mim não era claro antes. Eu acho que tem a ver com o crescimento pessoal, né?... que eu tive, mas também com o conhecimento profissional que eu adquiri estando lá. Então, mesmo as experiências que não foram boas, me serviram para eu refletir sobre o que eu não quero ser enquanto professora. E... acho que é isso.

Pesquisador: Certo, você acredita que a sua experiência de viver no Brasil foi afetada depois de retornar? Você poderia mencionar algum exemplo?

Intercambista 1: Você repete, por favor, deu uma falha na conexão...

Pesquisador: Você acredita que a sua experiência de viver no Brasil foi afetada depois de retornar? Você poderia mencionar algum exemplo?

Intercambista 1: Não, eu não acho que tenha sido afetada. É como eu falei aqui, a gente tem muita facilidade por já conhecer tudo, por ter pessoas próximas que podem ajudar. E lá é tudo muito individualizado. Então é você por você. Então, quando você volta, eu me adaptei muito bem à volta também, sabe? A gente tem a questão do fuso horário e tal, mas óbvio, isso passa com dois, três dias. E eu me adaptei muito bem e percebi coisas que seriam muito válidas lá, né? Seriam muito válidas lá, aplicar aqui. E eu acho que... um exemplo disso seria o próprio apoio que Portugal tem, por exemplo, para o estrangeiro. Como é... quando você vai tirar o visto, o processo de visto, ele é muito burocrático. E aí a gente tem que entrar em contato com consulados e tal e tudo isso. Só que eu senti que no Brasil não funcionou muito bem, quando eu precisei contatar o consulado lá, deu certo. Os brasileiros trabalham lá para ajudar estrangeiros, e eu acho que se isso fosse aplicado aqui, por exemplo, essa facilidade que eu não sei se é um sistema, se a forma de organização, isso eu não consigo te dizer. Mas se isso fosse aplicado aqui, seria muito válida essa ajuda para o estrangeiro, vamos dizer assim.

Pesquisador: Entendi... O que você aprendeu sobre si morando lá?

Intercambista 1: [Amex3] Eu aprendi que eu não conseguiria morar lá... para sempre.

Pesquisador: Por quê?

Intercambista 1: Porque... eu vou ser bem sincera. Eu detesto o sotaque do português de Portugal. É isso. Sendo bem sucinta, eu não gosto não. Nossa, não suporto. Criei uma aversão.

Pesquisador: Certo... Bom, o que que você aprendeu com os estrangeiros de lá? No caso, os portugueses, né? E qual a ideia que você tinha sobre morar fora quando chegou lá? Que foi uma mudança de paradigma para você?

Intercambista 1: Eu vou responder primeiro o que eu aprendi com os portugueses. Vou separar em duas classes. Os portugueses, professores, docentes. Eu aprendi que eu não aplicaria alguma das metodologias que eles aplicam lá. Diante de todo esse tempo de estudo e graduação que eu tenho, eu percebi algumas falhas muito grandes nas metodologias de lá. Então, eu aprendi o que eu não aplicaria, como eu te falei, experiências, mesmo que... mesmo que ruins, elas foram válidas. [Amex4] E, agora, com os portugueses que moram lá em si, eu acho que eu particularmente preciso aprender a ser um pouco mais direta. Você pode perceber como eu estou respondendo essas perguntas. Eles são muito ríspidos, muito, muito, muito diretos. E não que seja, não que soe como uma grosseria, mas eles são diretos. Eles são... Eles resolvem coisas rápido. E eu acho que isso é muito válido. E sobre qual era a outra pergunta que estava junto dessa?

Pesquisador: Era... Qual a ideia que você tinha sobre morar fora?

Intercambista 1: Eu achei que ia ser 1000 maravilhas. Foi 500 maravilhas, só que 1000, não foi. Porque a gente cria expectativa. Eu achei que eu ia chegar lá, ia ser uma coisa assim, totalmente diferente. E não meu cotidiano. Ele foi o mesmo, até porque sou eu que estava lá, né? É a minha experiência... Então tudo que eu fazia aqui eu fiz lá. Mas eu achei que ia ser assim, algo de outro planeta e não estava ali do outro lado do Atlântico. Era diferente. Mas ainda era a minha rotina, com as minhas coisas e os meus afazeres e tarefas. Então... É... eu tinha muita expectativa. Foram quebradas, algumas positivamente, outras negativamente...

Pesquisador: Certo... Quais costumes você percebeu que são diferentes do seu país de origem? E você teve alguma experiência de choque cultural que foi difícil de lidar?

Intercambista 1: Tá, é muito diferente... Aqui a gente tem... Como... Vou dizer assim, a gente tem um comércio o tempo todo, então tudo que você precisa, está à sua disposição, você consegue. Não que você não consiga lá, mas aqui, por exemplo, 8h abre uma loja e a loja fica aberta até 18h, 19h. Lá as lojas abrem 9h30, fecham 12h, voltam 15h e terminam o serviço às 18h. Então assim, eu não sei se tem a ver com a lei de trabalho de lá, mas aqui a gente tem essa disponibilidade muito maior de tempo. Então, a gente pode buscar essas coisas no tempo que a gente quiser e lá isso tem que ser adaptado. E em relação a alguma coisa que eu achei que foi um choque cultural, é que no... na cantina da universidade de lá, eles sempre serviam a sopa e o pão antes de servir o almoço em si. Então, a gente tinha no almoço bacalhau a Brás, alguma, algum legume, alguma coisa. Só que antes disso eles comem a sopa, e eu não consegui me adaptar a isso de jeito nenhum. Então eu não comia a sopa. E eu acho que soava até um pouco ofensivo para os colegas portugueses que estavam lá, porque eles falavam: “Tu não vais comer a sopa?” E eu ficava... “Não, eu não vou comer a sopa”. E eu acho que isso foi o mais difícil. Eu não consegui comer, eu não me adaptei.

Pesquisador: Mmm... sobre o português de Portugal... assim... Você poderia relatar a sua dificuldade em aprender a língua? No caso, você já falava português. Você acha que teve alguma influência do português de Portugal no seu português do Brasil? Teve alguma coisa que você adaptou, que você aprendeu a usar, que não ficou com repulsa de usar mesmo sendo português?

Intercambista 1: É, quando eu cheguei lá, eu achei muito difícil e eu percebi uma coisa que é interessante... eu tinha mais dificuldade de entender o sotaque quando uma voz mais grave que falava. Por exemplo, eu tinha um professor que ele tinha uma voz muito grave e eu não entendia quase nada, além de ele falar rápido. As professoras que eram mulheres eu entendi um pouco mais. Eu acho que por não ter essa voz grave e tal, eu conseguia captar muito mais.

E eles falam algumas coisas que eu peguei, não tem jeito, por exemplo, quando eu quero perguntar para alguém se está tudo certo, eu falo com eles: “Tipo é tudo?” tá e tudo tá certo. Seria tipo isso. E outra coisa que eles falam, mas que eu não peguei e eu tenho um pouco até de repulsa disso é que eles falam e no final eles falam assim: “tás a ver?” Então, tipo... Você tá entendendo que eu tô te falando? Eles falam “Tás a ver”... isso eu não consigo de jeito nenhum. Foi a parte que eu te falei que me irritou um pouco do sotaque de lá e não peguei. Então tem essas duas coisas: um que eu peguei e outro que eu não peguei de jeito nenhum.

Pesquisador: Uhum... Assim... Como você respondeu, a próxima pergunta era se existe algum fator sobre a língua estrangeira, por exemplo, um vocabulário que tenha marcado sua história nesse processo migratório, né? E o que tinha te ajudado a aprender a língua estrangeira. No caso, você já acabou respondendo.

Intercambista 1: É sim... aí tem algumas coisas que eu tava aprendendo. Eu tava fazendo uma disciplina que era literatura infanto-juvenil e aí eu achei muito interessante, porque a gente tava estudando sobre Chapeuzinho Vermelho, e eu não tinha entendido que era disso que a professora estava falando, porque ela falava Capuchinho Vermelho o tempo todo. E eu fiquei... gente? Será que ela tá falando Chapeuzinho Vermelho? Aí eu perguntei, ela falou... “Não, é sim!”. Aí ela passou a falar os dois. Toda vez que ela falava Capuchinho Vermelho, ela falava Chapeuzinho também, porque até então ela só tinha... Ela não tinha falado da história em si, porque senão eu ia conseguir fazer analogia, mas ela só tava falando sobre o que a gente ia estudar, sobre o que a gente ia estudar. Eu falei... Gente, o que é isso que a gente vai estudar? Até achei que fosse uma obra literária à parte, porque fosse ali muito central, muito regional, muito deles, mas não é algo universal. E aí eles mudam as palavras também. É... eu tive experiência também num café. E aí eles sempre pediam café, meia chávena... Que é meia xícara

Pesquisador: Meia o que?

Intercambista 1: Então tem algumas coisas que a gente pega, mas não é tudo.

Pesquisador: Café meio o quê?

Intercambista 1: Chávena!

Pesquisador: Meia chávena?

Intercambista 1: Que significa meia xícara. E aí eu não, não cheguei aqui falando isso, claro. Mas quando eu estava lá e eu precisava falar isso, eu dizia dessa forma.

Pesquisador: Mas você usava.

Intercambista 1: Sim.

Pesquisador: No caso, como a universidade contribuiu para o seu aprendizado, digo, a experiência aqui e a experiência lá?

Intercambista 1: Tá. Nessa pergunta, você quer que eu faça uma analogia? Diferencie, assemelhe. É tipo isso?

Pesquisador: Os pontos que você achar interessante da universidade aqui e da universidade lá. O que isso contribuiu para sua construção identitária?

Intercambista 1: Tá... Espera aí que eu vou precisar pensar um pouco, porque eu não entendi. Se você quer saber nos termos tipo de matérias que eu fiz lá ou fiz aqui, não sei, sim... Eu até tenho uma coisa interessante para dizer. Eu tive uma matéria lá. Não é uma comparação que eu tô fazendo, mas eu tive uma matéria lá que chamava Cultura e Discurso e essa é a professora que lecionava essa matéria. Ela tinha feito o doutorado dela aqui em alguma região do Nordeste que eu não sei dizer. Tanto que ela casou, ela construiu a família dela, o marido dela é brasileiro e ela foi para lá.

(Interrupção da entrevista – Barulho).

Pesquisador: Voltei aqui. Eu esqueci de avisar meu pai que ia dar entrevista. Ele bateu na porta igual um doido e perguntou se eu queria almoço. Agora que eu falei com ele, tudo bem.

Intercambista 1: Tudo bem, não tem problema.

Pesquisador: Retoma essa resposta de novo.

Intercambista 1: Então, uma coisa que foi interessante foi essa professora que eu falei. Então ela teve a vivência aqui no Brasil e ela era muito crítica em relação ao processo de colonização... colonização, né? E a gente observa essa diferença no tratamento dos alunos portugueses com os alunos estrangeiros. E aí o que é interessante foi o seguinte: aqui na universidade, aqui na UFLA, a gente teve contato com o Ailton Krenak, né, que é um cara, um pensador, um escritor e um crítico. E ele faz muitas reflexões acerca desse processo, né? E... E lá ela citou ele, ele, ela mostrou em uma das aulas aquela carta de primeiro contato que os portugueses tiveram com o que eles chamaram de índias. E aí ela mostrou em comparação um documentário do Krenak falando sobre esse processo que ele chama de invasão. Ele não chama de colonização, que de fato é o processo de invasão. E aí você observa que nesse momento ela tenta fazer exatamente o que a disciplina propõe, que era cultura e discurso e fazer uma análise desses dois tipos. E aí eu lembro claramente que ela falou que se a gente tivesse um registro escrito por parte dos povos originários, das pessoas que já viviam no Brasil sobre esse processo de invasão, seria diferente porque a gente teria um material escrito para comparar com o material escrito português da invasão. E aí isso foi muito legal, porque eu já tinha estudado ele antes na UFLA e vê isso de uma outra perspectiva lá foi muito valioso

para mim; e mais ainda, perceber a reação das pessoas. Eu entendi por que os portugueses não gostavam dela e isso é perpetuado até hoje. Até hoje, eles têm esse, esse, esse ar de superioridade, essa condição de se sentir melhor. E aí isso foi um pouco chocante. Mas ter esse contato com uma pessoa que eu já havia estudado aqui, lá, foi muito valioso, porque a gente teve essa comparação, ainda mais com uma professora tão boa e tão crítica quanto ela.

Pesquisador: Bom. Bom é... Direcionando para a nossa última pergunta, existe algo que poderia ter sido feito diferente para o seu aprendizado, para sua experiência no exterior?

Intercambista 1: Sim. Sim. Da minha parte, sim. Eu gostaria de ter buscado um estágio lá, mesmo que não fosse servir como estágio obrigatório, mesmo que eu não contabilizasse essas horas, porque eu preciso fazer na escola básica brasileira. Mas eu procuraria um estágio lá, porque eu tive a oportunidade de ir até uma escola básica lá um dia e aplicar uma aula. E foi uma experiência maravilhosa. Eu adorei e eu acho que agregaria muito para minha formação se eu tivesse tido essa oportunidade. Então, antes de ir, eu gostaria de ter firmado esse acordo com alguma escola, com algum intermédio da faculdade, né? Para eu conseguir ir até uma escola e vivenciar isso por mais vezes.

Pesquisador: Entendi, certo! Em questão de alguma memória, de toda essa experiência, o que você pode comentar brevemente como encerramento? Assim, em questão de reflexão de todo o processo que você viveu?

Intercambista 1: [Amex5] Sim. Então, no começo muita gente perguntava por que eu queria ir para Portugal, além da questão da língua, que eu não tinha muita segurança com o inglês... além da questão da língua, é porque eu acho que é um país muito rico para a gente entender várias coisas e vários processos que acontecem até hoje no nosso. Então, por isso que essa experiência com a professora de Cultura e Discurso foi tão valiosa, porque eu buscava exatamente isso do ponto de vista deles, como foi? por que foi?... E eu cheguei lá e eu percebi que era exatamente como eu pensava que era... E, eu acho que a gente tem a chance de mudar isso. A gente já muda isso há tempos... O Brasil já é um país muito elevado culturalmente. Tem muita coisa para melhorar sim, principalmente socialmente, mas nós somos um país que nunca dependeu de Portugal, pelo contrário, eles que dependeram da gente. Então, encontrar isso e vivenciar isso foi muito bacana, apesar de achar que eles precisam melhorar a mentalidade deles, porque eles ainda se acham os colonizadores e isso precisa mudar... Mas de qualquer forma, foi muito válido por isso, porque eu consegui experienciar isso... exatamente o que eu procurava.

Pesquisador: Eu agradeço a sua disponibilidade em questão de responder às perguntas e encerro a entrevista aqui... a gravação. Agradeço. Vou usar os dados para minha pesquisa e

toda a pesquisa vai ser sigilosa. No caso, quando eu mencionar algum nome de alguém ou o seu na pesquisa, vou modificar para não ter identificação por conta dessa questão de proteção. E agradeço a sua participação, tá?

Intercambista 1: Obrigada.

Intercambista 2 – Benício

Pesquisador: Bom... Boa tarde, eu sou discente da pós-graduação em Letras e, no caso, a gente vai iniciar a entrevista voltada para pesquisa de mestrado. Bom... na primeira pergunta eu gostaria que você pudesse falar sua idade e a nacionalidade.

Intercambista 2: Tenho 30 anos de idade. Embora eu vá fazer 31 anos no dia 22 do corrente mês. Ah! Sou natural da Guiné-Bissau, um país que fica situado no continente africano, na costa da África Ocidental. Ok...

Pesquisador: Ok... Obrigado. Também tenho 30 anos, a mesma idade praticamente. Bom, você tem ou teve algum vínculo com a Universidade Federal de Lavras?

Intercambista 2: Sim, sim. Eu tive. Inclusive, fiz o meu mestrado na Universidade Federal de Lavras, sob a orientação da professora Tania Romero.

Pesquisador: Você fez o mestrado em Letras também?

Intercambista 2: No caso, sim. Sim, fiz mestrado em Letras.

Pesquisador: Ai, que legal! Quando ela me falou de você, eu pensei que você era de alguma outra área, por exemplo, agronomia. Geralmente o pessoal que vem de fora não é muito da Letras. Eu fiquei surpreso sim, foi muito legal. Bom, por que que você escolheu o Brasil?

Intercambista 2: Na verdade, a questão de escolha do Brasil eu diria que não era bem estratégica. A questão da escolha não era algo premeditado, o que significa que na altura eu estava à procura da bolsa para estudar em qualquer um dos países, tanto Portugal ou Brasil, que fala a língua portuguesa, né? Então, como surgiu a oportunidade ah... de conseguir a bolsa para vir para cá... Então eu agarrei essa oportunidade e agora estou aqui.

Pesquisador: Ai, que legal! Então você escolheu vir para o Brasil mais por conta da questão da língua mesmo.

Intercambista 2: Isso, e é a oportunidade que me surgiu primeiro.

Pesquisador: Entendi. Então a questão da bolsa e a oportunidade do estudo... Bom, como você explicaria, em linhas gerais, a sua adaptação no Brasil?

Intercambista 2: A minha adaptação no Brasil foi tão fácil, eu diria, né? Porque no primeiro estado onde eu vivi, onde eu fiz a minha graduação, na Bahia, então eu tive muitos colegas

guineenses inclusive, né? E nós viemos juntos em torno de 60 pessoas ou mais, né? Ah, viemos a só uma cooperação, né? Da bolsa da Universidade. Unilab, Unilab, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Então... Ah, tinha muitos colegas guineenses e de outros países lusófonos, entre aspas, né? E então nós criamos afeição tão rápida. Então, isso fez com que a minha adaptação não, não fosse difícil. [Benex1] Embora algumas questões que são um pouquinho diferentes em relação ao nosso país e a realidade, a cultura, né? E isso fez com que às vezes eu me sentia e até agora sinto um pouquinho distante da minha realidade local, né? Mesmo que eu tivesse os meus colegas ali de perto, né? De qualquer forma, eu sentia um pouquinho de saudades, né? Dos colegas, amigos e conhecidos que eu lá deixei em Guiné-Bissau. Então a minha, a minha adaptação aqui foi tão fácil. Fácil demais.

Pesquisador: Obrigado. Bom, você falou dessa questão da adaptação. Você poderia mencionar algo que foi difícil de se adaptar? Algum exemplo que você lembre assim que seja mais marcante para você?

Intercambista 2: [Benex2] Bem, eu diria a questão das festas da cultura baiana, o barulho, essas questões de foguete. Porque não é tão... Não, na verdade não é que não é. Não existe no meu país essa cultura de foguete. Toda hora as pessoas lançavam um foguete e isso me causava um pouquinho de... de susto no início. E também a questão de vestuário, né? E é muito diferente em relação ao meu país. Me parece que aqui, entre aspas, né? A cultura é mais liberal no sentido das pessoas, são mais autônomas no sentido de vestir as roupas, acabam expondo as partes íntimas, entre aspas, do... do corpo. Isso é uma coisa que eu levei um pouquinho tempo para me adaptar, né? É... umas coisas um pouquinho diferentes também. A questão da comida, embora tenhamos algumas coisas em comum, né? Mas só que a comida também... de certa forma, a gastronomia é um pouquinho diferente.

Pesquisador: A comida é um pouco diferente por conta de aspectos de tempero. E as roupas, você diz,... seriam voltadas para o gênero feminino ou para o gênero masculino?

Intercambista 2: Gênero feminino... masculino também às vezes, né? Mas o mais comum é gênero feminino sim.

Pesquisador: Entendi. Bom, você falou dessa questão de diferença das roupas, né? Da alimentação, que seria no caso a próxima pergunta, quais seriam as diferenças que você percebeu entre o seu país de origem e o Brasil de forma geral? Não só da comida e da vestimenta, coisas comuns do seu país de origem e do Brasil. O que que você consegue traçar como característica dos dois, assim que realmente não são iguais? Pode ser no aspecto familiar ou no aspecto de comportamento de vivência.

Intercambista 2: Bem, de modo geral, no continente africano, a família não se circunscreve apenas a pai, mãe e filho, como ocorre aqui no Brasil. Eu acho que o Brasil adotou um modelo europeu nesse sentido. Lá no continente africano, em especial no meu país, que é a Guiné-Bissau, a questão da família é mais densa, é mais alargada. A família não se limita, como eu havia dito, apenas ao pai, filho e mãe. A família é, de modo geral, seu primo, sua prima, seu tio, enfim, até os amigos mais próximos, né? A depender do trato, a depender do vínculo afetivo que você cria com a pessoa. Então de certa forma isso se considera família. E eu vejo também que uma coisa bem diferente, bem, bem diferente, é a questão da de... de... de acolhimento, de consideração, embora na Bahia, né? Ah, fomos bem acolhidos, né? Não tenho nada a reclamar, mas eu estou... eu estou a retratar no máximo a questão de consigo mesmo dos brasileiros para consigo mesmo, ou seja, o povo baiano, né? Não vou me generalizar pela experiência, né? Me parece que são um pouquinho distantes no sentido de que não se acolhem, não se consideram tanto assim. No meu país a gente vive no espírito de reciprocidade, no espírito de... de... acolhimento, de se considerar no espírito de partilha e, sobretudo, de coletividade, entende? Então, aqui não vejo a questão do espírito de coletividade. Aqui é cada qual por si e Deus por todos. Enquanto que lá eu tenho um pouquinho, vou ter que compartilhar com o outro assim... ah, nós vamos ter que viver naquele vínculo. Aqui essa questão é muito diferente. Você encontra uma pessoa, por exemplo, tendo uns bens, ao passo que seu irmão ou irmã vive na indigência, num estado de indigência. Então, de certa forma, essa pessoa não acolhe, não ajuda, não há o primo, a irmã a sobressair. A pessoa tem dinheiro e tem casa de cinco quartos. Só mora ele e o filho, a esposa... mesmo o primo ou o irmão do mesmo sangue não tendo lugar onde ficar, não acolhe essa pessoa... Então, essas são algumas das características bem diferenciadas em relação à nossa cultura, à nossa cultura você acolhe qualquer que seja a pessoa. Por exemplo, você pode ser o meu colega da escola. Nós vamos criar aquele vínculo afetivo, eu te conhecendo e você passa por uma situação na qual os seus pais não conseguem te manter. Eu vou à minha casa, aviso os meus pais, conheço o meu colega na escola, isso, aquilo e acolá que acontece com ele. Então, eu poderia trazê-lo aqui para ficar comigo? Os meus pais vão dizer: “Claro!. Esse menino com certeza é da família”. Então, essa pessoa acaba a se enquadrar na sua família, come lá, dorme lá e não paga sequer conta alguma. Aqui no Brasil não, você chama o colega, convida o colega. Isso é uma das coisas bem impressionantes também, né? Você convida o colega, vamos sair para tomar algo. Você convida a pessoa, mas essa pessoa convidada vai ter que pagar a sua parte. É assim... no meu país não é assim. Quando você convida a pessoa, você com certeza é que paga para ela. Então, significa que a cultura é bem diferente, né? É bem

diferente. Você vai à casa da pessoa, chega e vai embora, né? Porque eu já... já vivi aqui por muito tempo, mas não faz diferença... diferença para mim. Você está na sua casa, do nada o seu colega chega ou te liga. “Estou a caminho”. Vou chegar na sua casa agorinha. E sem avisar, às vezes nem avisa com antecedência. Chega lá e vocês partilham tudo o que há. Mas aqui não, tem que avisar antes, tem que fazer aquilo e acolá. Então, são umas mesclas sérias de regras que existem que são bem diferentes. Essas aqui são uma das características que eu lembro agora, são as quais que eu também mencionei.

Pesquisador: Entendi, a questão de receber sem avisar é bem, bem diferente para vocês e é mais natural. Então, a gente aqui realmente tem esse costume de “ah, me avisa antes que eu tenho que me organizar”. Pensar algo nesse sentido, né? Isso é diferente mesmo, certo? Bom, o que você notou de diferente na sua pessoa a partir da experiência de morar no Brasil?

Intercambista 2: [Benex5] Ah, eu diria muitas coisas, porque eu diria que a minha formação, sobretudo na graduação, durante a graduação, eu me formei não enquanto uma pessoa... profissional da área, né? Eu acho que a formação que eu recebi é uma formação para a vida toda, não enquanto uma pessoa formada em Letras, mas como uma pessoa que sabe gerenciar a sua casa, né? Ou seja, levei uma formação para a vida, porque ali eu aprendi a me conservar. Eu aprendi a ser independente, eu aprendi a ser, de modo geral, um homem melhor, um homem melhor no sentido de que a experiência que eu adquiri ao longo dos nove anos aqui no Brasil me fez crescer bastante. Claro, né? Nem todas as experiências são tão boas assim quanto eu “imaginasse”, né? Mas nem todas elas que eu vivenciei foram ruins. Nesse caso, então, hoje em dia eu sou uma pessoa, um ser mais crítico, mais pensante e não aceito qualquer coisa que eu ouvi ou que eu li, que eu escutei. E eu sempre escuto e vou analisando. Tenho as minhas dúvidas a cada vez que eu leio, a cada vez que eu escuto as pessoas. Ah, em determinadas questões eu fico mais com a dúvida ainda, motivo pelo qual sempre eu vou procurar algo para superar. Então hoje em dia eu diria que sou uma pessoa muito diferente em relação ao passado. Não porque eu sou... na época... eu não fosse melhor. Não, não é isso. É porque eu acho que cada tempo, cada época tem o seu momento, então é cada contexto que a gente vai se adaptando. Nós vamos de certa forma aprendendo com aquilo, tanto com a cultura quanto com o meio, com as pessoas as quais nos circundam. Então, hoje eu diria que eu sou uma pessoa mais madura, porque levei muito tempo, né? Vivendo aqui e adaptando com diferentes pessoas, diferentes culturas, diferentes identidades. E isso faz com que hoje o meu horizonte seja mais maduro em relação ao passado. Então, hoje eu sou uma pessoa mais compreensiva e mais crítica.

Pesquisador: Certo... Bom, partindo dessa questão da percepção da sua mudança como pessoa, como você se enxerga no mundo a partir da experiência que você teve no seu país de origem? E aqui, como que você passou a ver o mundo?

Intercambista 2: [Benex6] Bem, eu passo a ver o mundo como um espaço de tragédia e um espaço de coisas boas, né? Porque sempre há dois, dois horizontes nesse caso, né? Porque você sabe, pela experiência, nós vamos nos adaptando. Nós vamos vivenciando as situações que não são tão agradáveis e as situações que são boas, né? Então, eu encaro o mundo como se fosse um lugar no qual todos nós pertencemos, embora mesmo pertencendo a esse lugar, né? E há muitas coisas que nós precisamos mudar. Então, a minha percepção e desejo eu diria que mesmo que o mundo não “é” tanto quanto nós queremos (ou algumas pessoas, né?), é o nosso dever, já que nós estamos inseridos aqui... é o nosso dever trabalhar, lutar para superar. Para superação, né? Então essa luta deve ser luta coletiva. Mesmo sendo particular às vezes, porque eu falo particular, porque eu tenho a minha responsabilidade, os meus deveres. Então, eu vou ter que cumprir com essas particularidades, e você vai contribuir e obedecer a essas tuas particularidades. Então, a partir dessa individualidade, nós vamos trabalhar em conjunto no sentido de superar. Superar é conhecer... é... as suas limitações e tentar transcendê-las. É querer o bem para o próximo, quanto ao que você deseja que o próximo queira para ti. Então, é basicamente isso.

Pesquisador: Ok. Bom. Você acredita que sua experiência de viver no Brasil foi afetada por algum comentário sobre a cultura? Poderia mencionar algum exemplo?

Intercambista 2: Não, não entendi. Por favor, repita, por favor.

Pesquisador: Você acredita que sua experiência de viver no Brasil foi afetada por algum comentário sobre a cultura? Poderia mencionar algum exemplo? Mas teve algo que lhe incomodou aqui, no sentido que foi um choque cultural para você ou algo que você teve que contornar, por exemplo.

Intercambista 2: Há muitas coisas que me chocaram, né? E outras eu nem pretendo mencionar, né? Mas estou pensando em quais... Bem, há algumas coisas que me afetaram um pouquinho no início, né? Porque eu acho que o povo brasileiro vai depender do estado, né? Porque o Brasil é uma mescla de culturas, né? Então, no estado baiano, né? O povo lá é tão caloroso, é bem apegado. Então é bem agitado, eu diria, né? “Antes” a questão de há de se abraçar, por exemplo. É uma cultura que os brasileiros têm, sobretudo na Bahia. E essas pessoas estão tão apegadas ao ver a pessoa pela primeira vez. Vocês nem se conhecem e vão lá se abraçando, conversando e essas coisas. Então, de certa forma, isso acaba me afetando de certo modo, né? Antes era choque para mim, choque cultural... era choque cultural. E outra,

uma das outras coisas que... que me chocou um pouco, não que me choque, né? Porque até hoje eu faço. Por exemplo, no nosso país nós temos esse hábito de segurar a mão do outro colega, né? No nosso país, em Guiné-Bissau, né? E inclusive nós dormimos juntos, né? Homem com homem dormem juntos, né? Ah, no meu país, né? Isso é cultural. E quando eu cheguei aqui, eu estava com o meu colega. Nós seguramos a mão um do outro. Aí um colega brasileiro disse não, não podem segurar a mão um do outro. Eu disse que é porque eu considero meu irmão. Posso segurar? Não, você é isso, você é aquilo. Eu disse não, não tem nada a ver com a questão de orientação sexual. Nem eu entendi essa questão de orientação sexual. Mas só que o jovem disse que não, aqui as pessoas... homem, sobretudo na sua idade, na sua faixa etária, que segura a mão do companheiro é homossexual. Eu disse... Ah! Por mais que seja ou fosse homossexual, as pessoas que seguram a mão um do outro, né?... não tem problema para mim. Eu não encaro isso por essa vossa visão, né? Eu transmito a minha cultura em qualquer que seja o local onde eu me encontro. Porque nós sabemos que, de certa forma, o meio influencia o ser. Mas só que a sua cultura, a qual você veio aprendendo desde a sua tenra idade até uma certa camada juvenil, você não se desapega daquilo de um dia para o outro. A menos que você queira, por exemplo, de certa forma ser visto ou enxergar naquela sociedade como se fosse a pessoa que está imersa na própria sociedade ou cultura local. Aí você vai, por exemplo, não, já que no Brasil o homem com homem não deve pegar a mão um do outro, então eu vou ter que respeitar, vou soltar a mão do colega. Mas eu não fiz isso. Eu continuei, eu segurava a mão do meu colega, inclusive eu dormia, partilhava a mesma cama, com um colega irmão que eu considero, os colegas que vivem em outro estado quando eles queriam ir me visitar, eu tenho a cama enorme, e se eu tenho uma cama enorme aqui, eu posso receber. A gente compartilha a mesma cama, isto é, se você não for afetado pela cultura brasileira, não... eu não ligo para isso. Na Guiné a gente faz isso, aquilo, acolá. Eu vou à sua casa, nós vamos dormir. Então, essa é um dos exemplos, né? De choque e adaptação.

Pesquisador: Não, isso eu não sabia. Muito legal, muito legal mesmo. E é muito diferente mesmo pensar assim, porque não era para ser um motivo para gerar preconceito nesse ponto. Acho que é muito interessante a perspectiva... muito, muito nova mesmo. Eu não sabia mesmo. É diferente mesmo. Bom, você falou do choque cultural. Deixa ver o que aprendeu sobre si? Morando aqui, o que que você aprendeu sobre você e o que que você aprendeu com os brasileiros?

Intercambista 2: Nossa, essa pergunta é tão complexa.

Pesquisador: Sim...

Intercambista 2: O que eu aprendi sobre mim? Olha, eu acho que eu toquei um pouquinho a respeito, né? [Benex3] Eu, desde a minha chegada aqui no Brasil até hoje, né? Eu me vejo que aprendi a ser mais independente. E aprendi a desconfiar e a confiar porque eu acho que há num mundo onde nós estamos vivendo ah... os contextos, cheios de incertezas, né? Num mundo onde a desconfiança, por exemplo, já paira sobre nós. Num mundo onde as pessoas não são leais umas às outras, então, de certa forma, a confiança e desconfiança são um valor. É muito importante, porque imagina se você não desconfia e deixa tudo aberto e deixa aberto no sentido de deixar estar tudo quieto e finja que tudo está tranquilo... Então, de certa forma, você vai ser atropelado. Então você precisa, de certa forma, ir andando sempre desconfiado, porque ao desconfiar você vai ter uma percentagem de ser, entre aspas, saqueada ou de sofrer. Então, confiar, de certa forma, também é necessário, porque imagine se... se não tivéssemos confiança, o mundo seria o caos. Então, eu aprendi sobre isso, confiar e desconfiar. Eu aprendi que hoje em dia eu sou uma pessoa... Então, como eu havia dito, né? Então... crítica sobre a sociedade, eu não sou tão... eu não sou passivo. Eu não me... não me... não me filio às ideias que vão colocar em causa o tecido social, às ideias que vão deteriorar a convivência. Então, por mais que você seja uma pessoa de quem eu me aproximo tanto, o meu amigo, por aí vai. Eu sempre aprendi que sou uma pessoa que anda na verdade, na verdade. Então, isso é uma coisa que eu aprendi sobre mim. E eu aprendi também que sou uma pessoa vazia e vazia, motivo pelo qual ando sempre à procura de aprender muitas coisas, muitas coisas. Então eu aprendi que sei um pouquinho. Então, como eu me conformo com isso? Do que eu sei um pouquinho? Então eu corro atrás sempre para superar, para que futuramente eu possa ter um porvir melhor em relação ao meu presente e ao meu passado.

Pesquisador: Certo! Nossa, muito forte a resposta É muito bonita também, né? Resposta bem significativa. Nesse ponto, a gente tem vários vazios na vida da gente mesmo. A gente se sente muito raso, né? Em algumas coisas, a gente tem que buscar mesmo inovar ou só por conhecer mesmo, se permitir mudar um pouco. Acho que isso não é todo mundo que faz, mas é um ponto bastante importante assim... Bom, o que você aprendeu com os brasileiros e qual a ideia que você tinha de morar fora do seu país?

Intercambista 2: Bem, o que eu aprendi com os brasileiros, na verdade, olha... me parece que eu sou uma pessoa que não gosta de sair, por exemplo. Eu sou uma pessoa tão caseira, não gosto de ir à festa não. Não gosto de sair para ir beber, fazer essas coisas. Eu sou apenas na minha, né? [Benex4] O que eu aprendi com os brasileiros... eu diria que a minha aprendizagem com os brasileiros se circunscreve mais na questão da cientificidade, né? Entende? Dentro da universidade, há muitas coisas que eu aprendi, umas delas é se

circunscrever mais na questão de partilha das ideias e nas leituras, nas discussões e... eu aprendi também com alguns brasileiros a cultivar o amor ao próximo e a mim mesmo, né? E, de certa forma, eu diria que aprendi também a aproveitar a vida, aproveitar a vida, a viver e, sobretudo, aproveitar a vida como se fosse um instante que jamais se repete, entende? E eu comecei um pouquinho a me soltar, no sentido de não ficar mais na minha como antes, né? Porque antes eu ficava mais sozinho, né? Mas eu aprendi com algumas pessoas, né? Inclusive que nem vou mencionar... E, sobretudo, lá em Lavras eu aprendi muito a aproveitar a vida. A conversar com os colegas no sentido de zoar... o seu parceiro... Zoe, porque aquele momento é ímpar. Momentos os quais não repetem. E hoje em dia eu sinto até saudade daquilo... é, eu aprendi muitas coisas, a amar, como eu disse, né? Considerar o próximo na verdade, e umas coisas que eu havia aprendido, mas aqui, de certa forma, essas coisas não... não... não são novas, mas eu não vou deixar elas de lado, né? Eu aprendi isso com os brasileiros. Há uma outra pergunta que você me fez, me parece, que eu não lembro...

Pesquisador: E a outra pergunta era: qual a ideia que você tinha sobre morar fora do seu país?

Intercambista 2: Fora do meu país, não do Brasil.

Pesquisador: Isso.

Intercambista 2: Bem, essa pergunta é tão abrangente para dizer a morar fora do país.

Pesquisador: A bem dizer, no sentido de pensar se você idealizava alguma coisa que iria acontecer, como que seria? Por exemplo, tinha uma visão de como era o Brasil sem morar no Brasil? E depois de estar aqui agora?

Intercambista 2: Agora sim. Porque, como eu disse, essa pergunta é um pouquinho abrangente. Se for restrita para o Brasil, aí sim eu teria como responder de forma mais precisa. Ah, antes de vir para cá, eu conhecia um lado do Brasil, um lado que era apenas apresentado nas novelas, entende? Para mim, antes de chegar aqui no Brasil, não sabia que metade da população, ou melhor, mais da metade da população do Brasil é população negra. Não sabia disso. Só conhecia o Brasil. Ah... de novela Brasil dos Brancos, onde, por exemplo, os negros apenas desempenham a função de porteiro, de empregada doméstica, de criminosos e por aí vai. Embora isso... Embora isso é uma reflexão do que o Brasil é... A novela apenas expõe o que é, mas só que a novela, por outro lado, acaba escondendo outra realidade da miséria e de outras coisas belas que existem no Brasil. Então, logo que eu cheguei aqui, eu acabei tendo outras ideias, ou melhor, outras visões bem diferentes. Na verdade, antes eu tive a visão deturpada sobre o Brasil. Por quê? Porque, como eu disse e vou repetir de novo, é a mídia que propaga essas ideias, digamos assim, pejorativa do Brasil, por exemplo. O que as pessoas de

fora do Brasil acreditam que o Brasil seja e não o que o Brasil é... Por exemplo, Brasil é um país aonde você encontra as meninas e pega as meninas facilmente. Um país, entre aspas, de prostituição, porque é um país de futebol. Essas duas teses não são tão... Não são verídicas, eu diria, né? Porque eu vivenciei aqui, eu vi o que a mídia propagava, não... E ainda propaga, né? Não é tão verdadeiro, né? Não é tão verdadeiro. Logo que eu cheguei aqui, levei susto... via muitos negros, via a pobreza extrema em certos lugares, mas na novela eu não, eu não, não... não... não via isso, não assistia isso. E essas coisas, de certa forma, me acabaram a suprimindo as ideias precedentes que eu tinha do Brasil, e outras coisas que eu aprendi aqui acabam adicionando a outras ideias que eu não tive conhecimento sobre o Brasil. Então eu diria que é isso. O Brasil que eu não conhecia é o Brasil que eu acabo conhecendo agora, que é bem diferente do que é apresentado nas mídias para o mundo afora.

Pesquisador: Certo... Bom, o choque cultural você já mencionou... Hm... No caso, você não teve que aprender português antes, você já falava português. Mas em relação à língua, mesmo sendo português, o português brasileiro é diferente do português do seu país de origem. Teve algum choque vocabular, alguma má comunicação que você tenha sentido?

Intercambista 2: Sim, até hoje eu passo isso... Na verdade... como sabe, né? O Brasil, com os estados que têm, cada estado tem as suas variações e variedades, então o povo brasileiro não se entende na verdade, e isso de certa forma acaba causando o preconceito linguístico em relação a diferentes estados, sobretudo nos estados nordestinos. E além disso, eu diria que o meu português, o meu português é bem diferente em relação ao português brasileiro, como você está percebendo. Só que muitas vezes eu vou a um lugar, eu falo umas coisas que as pessoas não entendem e de lá essas pessoas ficam sabendo que eu não sou daqui e eu sou uma pessoa. Não que eu me monitore, né? Mas só que eu me apego à minha forma de falar, embora eu tenha um pouquinho de influência do português brasileiro, porque eu uso algumas partículas, né? Mas a questão de palatalização nunca usei, não uso, a menos que eu esteja brincando. E mesmo estando em um contexto no qual há apenas de brasileiros, eu não falo de forma a imitá-los para aquela... para que eles possam entender. Eu falo talvez de forma bem devagar, usando os vocabulários mais corriqueiros para que essas pessoas entendam, porque eu já conheci algumas diferenças vocabulares que são pejorativas para o povo brasileiro e para o meu não é. Por exemplo, uma vez, quando eu cheguei em 2014, o meu colega teve contato com uma menina brasileira, chamou essa menina e disse... Não, chamou a menina e disse: “Rapariga, você poderia fazer isso?”. Aquilo? A menina caiu às lágrimas, começou a chorar. Aí o menino levou um susto... Aí a menina chamada rapariga foi se queixar na direção da universidade. A diretora teve que explicar: “Olha, ‘rapariga’, no português de tal país, é

feminino de rapaz e menina, entende?”. Por exemplo, uma vez eu estava na fila da universidade, no nosso novo português, que nós falamos português da Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Portugal. A fila é igual a bicha. Nós falávamos bicha, eu tava, eu tô na bicha. Aí a menina virou: “bicha?”.

Intercambista 2: Eu disse não, Bicha é.

Intercambista 2: Outra coisa, tem outro significado. Veja, aí nós vamos aprendendo com os choques culturais, entende? E como você sabe, aqui no Brasil, no México, há diferentes nomenclaturas que vocês utilizam para designar um certo objeto ou substantivo. Então, utilizando essa nomenclatura nesse estado, no outro estado, vai ter outro substantivo ou outro nome nesse caso. Então, essas coisas nós vamos nos amoldando ao contexto e nos readaptando. Para que esse choque, esse choque seja menor, né? Entende? Então, essas questões são uma das que eu vivenciei e entre outras.

Pesquisador: Certo! Nessa questão de se adaptar, a gente respondeu a próxima pergunta que seria: o que que ajudou no processo de aprendizado no caso da língua? Mas que essa questão de adaptação... Bom, hm... As três últimas perguntas, já direcionando para um quase final. Como a universidade contribuiu para o seu aprendizado? Digo, especificamente, a UFLA.

Intercambista 2: A UFLA? Olha. Essa pergunta é complexa, mas é muito importante, extremamente importante. Eu aprendi muito na graduação, muito na graduação, mas o pouco tempo que eu tive de mestrado na UFLA, eu diria que é o tempo que eu mais aprendi na vida, sobretudo no que diz respeito à academia, porque é o tempo no qual eu me dediquei bastante. Eu li bastante, eu aprendi muito e superei muito. E então eu diria que a UFLA contribuiu significativamente em alavancar em mim um espírito de investigador, um espírito de quem procura aprender mais. Então, eu... a UFLA participou e contribuiu bastante nesse quesito de me tornar uma pessoa mais, mais procuradora, ou uma pessoa que vá atrás das questões que eu não conhece. E a UFLA me deu a oportunidade também de dar as palestras, aprendendo e compartilhando as experiências com os alunos de graduação e a professora Raquel, por exemplo, e tive oportunidade de dar a palestra mais de três vezes na sala dela. E isso é uma das memórias tão ímpares. A professora Tania também, que nos deu a oportunidade de compartilhar as nossas experiências, sobretudo ligadas ao ensino e aprendizagem das línguas ou da língua portuguesa no nosso contexto e à formação dos docentes no nosso, no nosso país. Então é uma... é uma experiência bem importante para nós.

Pesquisador: Ok... Bom... existe algo que poderia ter sido feito diferente para o seu aprendizado? E no caso, aqui, o aprendizado pode englobar qualquer coisa que você considera aprendizado da vivência aqui. Existe algo que poderia ter sido feito diferente?

Intercambista 2: Ah, eu diria que existe... Há, por exemplo, sobretudo, a grade curricular na UFLA, né? Eu diria que, de certa forma, nós sabemos que isso é bem óbvio numa universidade onde tem professores de X linha de pesquisa de investigação. Com certeza, as disciplinas que serão ofertadas ali seriam exatamente disciplinas ligadas a essa área de formação de X professores. É o que nós sabemos, né? Muitos professores, sobretudo da área de Letras são os professores alinhados à linha de pesquisa de análise de discurso e à área de pesquisa, por exemplo, a Linguística Aplicada. Acredito eu que apenas tem esses professores no Departamento de Letras, na UFLA. Então, eu acho que, como a pesquisa ou o ensino, tanto a aprendizagem, sobretudo a pesquisa, deve se circunscrever a interdisciplinar, disciplinar, né? Claro, né? A Linguística Aplicada é exatamente isso. Mas acredito que deveriam implantar outras, né? A outra... Outra grade curricular, no sentido que vá trazer outra dimensão de ensino, bem diferente daquilo, porque senão a me parece que fica bem concentrado, bem limitada a pesquisa do aluno ou a aprendizagem do aluno relativamente ao que essa pessoa vai encontrar ali. Então eu acho que há essas coisas que devem ser implementadas. Claro, eu entendo porque a UFLA, sobretudo o mestrado na área de Letras, né? É bem novo, né? Nós fomos os primeiros mestrados lá no departamento. Então, acredito eu que daqui a alguns tempos essa questão vá melhorar. Mas do resto, tudo certinho...

Pesquisador: Certo. Bom, a última pergunta, Benício Assim ela fica aberta para você comentar o que você quiser, mas eu só iria pedir para você descrever aspectos culturais que você se lembra daqui do Brasil que foram marcantes para você. Ah, isso aí você pode falar de qualquer área que você quiser, da universidade, da convivência, da comunidade que você está acostumado a circular mais ou dessa mudança, por exemplo, da Bahia, depois para Minas... A ideia é você mencionar mesmo aspectos culturais que você se lembra que são muito característicos do Brasil... assim...

Intercambista 2: Bem... Eu acho que quanto a isso não tenho muito a dizer, mas a questão cultural, que é o que é, o que eu descreveria... eu acho que mais a questão gastronômica. Por exemplo, na Bahia, muitas, muitas particularidades lá são, me parece, são oriundas do continente africano. Então, há muitas. Há mais proximidade da gastronomia da Bahia. Há a África e alguns países africanos em relação a outros também em Minas Gerais, inclusive, né? E eu diria que a questão cultural aqui é muito diversificada e é muito importante, embora haja muito preconceito, sobretudo entre os brasileiros mesmo. Ah, há determinadas culturas, né? Sobretudo afrodescendentes. Aqui, são culturas muito importantes porque nós sabemos que essa cultura é uma manutenção e preservação da identidade a qual as pessoas escravizadas estão mantendo aqui, porque isso é a base delas. Como? Como disse o um... Um estudioso

disse que a identidade não é a coisa com a qual nós nascemos. Nós vamos aprendendo a identidade no meio da nossa convivência. Então, essas pessoas é assim, essas pessoas é uma coisa herdada, os pais delas, os escravizados, nesse caso, aprenderam isso no meio de sua cultura. Então, trazendo para cá. E essas pessoas acabam de certa forma usufruindo disso e... mas mesmo assim essas pessoas acabam sofrendo. Eu vejo que há... Eu acho que eu estou criticando mais do que mencionar. E a questão cultural nesse caso, como eu disse, é muito diversificada. É muito importante porque é a base da nossa convivência. Eu não... não existe uma... um povo sem cultura. A cultura nos molda. Eu acho que a nossa relação com a cultura é inerente e é intrínseco, intrínseca. E nós somos seres culturais, embora nós vamos aculturando algumas práticas que nós achamos que sejam importantes para nós. Isso é muito óbvio, né? É muito óbvio porque é uma necessidade a questão de aculturação. Claro, né? Nem toda a aculturação seja boa, né? Como nós não imaginamos, né? Mas a... Por exemplo, vocês têm a cultura de samba, pagode, forró e por aí vai. E são umas coisas muito impressionantes, porque essa diversidade, de certa forma, faz com que o país seja torne mais rica ainda. Por exemplo, a como vocês chamam de aquelas pessoas que esqueci o nome do dono daquela prática cultural que veio de Angola para cá. As pessoas usam para gingar aquelas coisas.

Pesquisador: Capoeira?

Intercambista 2: É isso, capoeira, uma manifestação cultural muito impressionante, muito impressionante. Embora eu não, eu não, eu não... não seja boa nessas coisas, né? Mas eu gosto de observar, porque ali você vê a pessoa se dedica, a pessoa demonstra a sua vida, a sua alma enquanto pratica certa cultura, porque aquilo é uma cultura, é uma identidade cultural. Então é uma das coisas que... que eu posso mencionar agora a respeito. Acho muito importante isso.

Pesquisador: Certo. Bom, então tá encerrada a entrevista. Eu só vou terminar a gravação aqui. Só um minutinho. Só clicar aqui, certo?

Intercambista 3 – Aurora

Pesquisador: Bom, vamos dar início à nossa entrevista. Essa pesquisa vai ser direcionada sobre a cultura e interculturalidade entre países e experiências de vida, ok?

Qual que é a sua idade e a nacionalidade?

Intercambista 3: Então, eu tenho 28 anos, eu sou francesa.

Pesquisador: Hmm... Você tem ou teve algum vínculo com a Universidade Federal de Lavras?

Intercambista 3: É... eu tenho.

Pesquisador: E... Por que você escolheu o Brasil? Ou não foi você quem escolheu?

Intercambista 3: Foi! (Risos).

Intercambista 3: Fui eu que escolhi. Foi um programa, na verdade, uma parceria com a Embaixada da França, com a UFLA, com a DRI. E esse programa de assistente de língua me permitiu de vim no Brasil dar aula de Francês. E o primeiro foi a UFLA que me escolheu. E depois aceitei.

Pesquisador: Entendi... Obrigado. Ah... Bom, escolhendo o Brasil e vindo para cá... Como você explicaria, em linhas gerais, a sua adaptação no Brasil?

Intercambista 3: [Aurex1] No início, foi um pouco difícil, porque não é a minha língua materna, então tem medo de errar. Mas acho que foi positivo, uma adaptação progressiva. E com as expressões. E... as pessoas bem... batalhadoras.

Pesquisador: Certo! A sua dificuldade foi com a língua, de início?

Intercambista 3: Foi.

Pesquisador: Você já falava português antes de vir para cá?

Intercambista 3: Já.

Pesquisador: Hm... Já estudava português antes... Ok. Hm... O que que foi difícil de se adaptar? Algum ponto assim... que te marcou mais... O que você teve mais dificuldade?

Intercambista 3: Oh... mas acho que é a compreensão.

Pesquisador: A compreensão da língua, você diz?

Intercambista 3: [Aurex2] Sim, porque no Minas Gerais acho que a gente fala bem rápido.

Pesquisador: Eu vou falar mais devagar, ok? Certo... Você ficou só em Minas Gerais ou você ficou em outros estados também?

Intercambista 3: Foi em São Paulo. Porque eu cheguei em São Paulo e voltei lá... É só...

Pesquisador: Sim... ok. Bom... quais diferenças você percebeu entre o seu país de origem e o Brasil?

Intercambista 3: Ah... De lado geral? Da cultura?

Pesquisador: Pode ser da cultura. Pode ser, por exemplo, sobre a alimentação, sobre horários...

Intercambista 3: Os horários são bem diferentes, porque tudo é fechado. Na França, tudo é fechado no horário bem cedo e aqui tudo é aberto. Não só em Lavras, mas no Brasil em geral.

Pesquisador: Fala do mercado, né?

Intercambista 3: Isto...

Pesquisador: Sim...

Intercambista 3: As farmácias também... Eu nunca vi isso... As pessoas são umas abertas dos loja, mas do... no lado positivo, uma curiosidade boa e... que gosta de falar com as pessoas, se interessar realmente as pessoas... ah... que mais... universidade também, porque não temos essa particularidade de horas de manhã ou horas da noite é... só o dia inteiro. É diferente...

Pesquisador: Entendi... É... Bom, o que você notou, percebeu de diferente na sua pessoa a partir da experiência de morar no Brasil?

Intercambista 3: Estou mais confiante, aberta e acho que já... É... Eu sou uma outra pessoa, realmente. Eu sou mais carinhosa... Gosta de conversar com as pessoas. É bom de viver no Brasil bastante. E em Lavras com certeza, mas no Brasil acho que é...

Pesquisador: Certo... E como você enxerga... Como você se enxerga no mundo a partir da experiência que você teve no seu país de origem? E aqui? Você disse que mudou. Você é uma outra pessoa, mas o que você vê de prático assim? Você poderia dar algum exemplo?

Intercambista 3: Por exemplo, eu vou conversar com as pessoas no corredor. Ah, eu vou conversar com as pessoas que eu não conheço na rua, nas lojas... nos falar... Na França não, não tem esse, esse sentido de... possibilidade de conversar.

Pesquisador: Então lá são mais fechados. Então, às vezes nem...

Intercambista 3: São mais fechados.

Pesquisador: Ok... Você acredita que a sua experiência de viver no Brasil foi afetada por algum comentário sobre a cultura? Você poderia mencionar algum exemplo?

Intercambista 3: Porque eu... eu trabalhei sobre a cultura brasileira, que não é só uma cultura, mas várias culturas. É essa diversidade que tem... Que se concentra... No Brasil é muito e muito boa, acho que sim... e... na verdade, ficar no Brasil é um sonho para mim. E consegui realizar esse sonho de ver as comunidades, as culturas, cada... não é... realmente cada estado, mas é cada cidade tem uma cultura um pouco diferente. E acho que é isso que faz a força do Brasil.

Pesquisador: No caso, o que você aprendeu sobre você morando aqui?

Intercambista3: [Aurex3] Eu posso morar em qualquer lugar.

Pesquisador: Qualquer lugar? Perdeu o medo? Às vezes a gente sente medo, né? De ir para outro lugar, ficar sozinho, né? Igual a outro país. Mais essa questão de aprender sobre a gente mesmo, né? Tem alguma coisa, por exemplo, que lá na França... você... acha que não faria e aqui... você teve de fazer e de aprender e que foi uma coisa que você percebeu que você aprendeu?

Intercambista 3: Por exemplo, eu aprendi a fazer crochê.

Pesquisador: Ah!... Crochê. Você aprendeu a fazer crochê aqui?

Intercambista 3: Sim, eu aprendi em português mesmo, os pontos, tudo. E foi uma vontade, na verdade quase dez anos, mas eu nunca tive oportunidade. E aqui já... nossa, se eu não vou aprender hoje, quando eu vou aprender?

Pesquisador: O que você aprendeu com os brasileiros?

Intercambista 3: As expressões...

Pesquisador: Mas é... e em questão prática, assim de significado, de expressão de vivência... a questão do agir. O que você poderia mencionar sobre isso?

Intercambista 3: As expressões do cotidiano. Primeiro, porque Minas Gerais tem várias expressões específicas, como: “Uai”, “Pertinho”, “Cafezinho”... Muitas palavras... “Trem” que não faz sentido pra mim.

Pesquisador: A palavra “trem” não faz sentido por quê? Por que você acha que não faz sentido?

Intercambista 3: Porque “trem”, pra nós, não é “trem” aqui... é uma coisa... mas “trem” é numa estação...

Pesquisador: O maquinário de transporte. E aqui o “trem” pode ser qualquer objeto.

Intercambista 3: É isso...

Pesquisador: Certo. Muito bom, muito bom. Bom... Qual ideia que você tinha sobre morar fora do seu país?

Intercambista 3: É uma experiência, uma aventura.

Pesquisador: Uma aventura.

Intercambista 3: De porque já morei em Portugal cinco meses. E a adaptação foi mais difícil em Portugal que no Brasil.

Pesquisador: Por que você diz isso?

Intercambista 3: Porque eu não quis ficar em Portugal, eu confesso (risos). Os primeiros meses foram difíceis, mas... eu consegui me adaptar com a língua, porque o português de Portugal é bem diferente. O sotaque diferente, tudo, tudo é diferente. Então, tem que se adaptar o mais rápido possível. E é uma outra cultura, uma outra mentalidade. São bem diferentes...

Pesquisador: E você prefere o Brasil?

Intercambista 3: Prefiro.

Pesquisador: Quais costumes você percebeu que são diferentes de seu país de origem? O que nós brasileiros temos de diferente, de costumes, de hábitos, de rotina?

Intercambista 3: [Aurex 5] Se cumprimentar na rua. Ah... as pessoas são... não têm dificuldade para se expressar, para falar das coisas ruins. Acho que é mais fácil de ser honesto

no Brasil que na França. E tem que fingir tudo às vezes; tudo é bom. Eu não estou bem, mas eu estou bem na França. Então, aqui não... a gente não reprime os sentimentos.

Pesquisador: Hum... aqui se sente mais confortável para lidar com as dificuldades, para expressar o que sente... Você teve alguma experiência de choque cultural que foi difícil de lidar?

Intercambista 3: Não.

Pesquisador: Nenhum choque cultural. Até agora, nenhum. Então, tá bom. Tá indo bem. Geralmente as pessoas falam da questão do abraçar, do brasileiro ser muito carismático. Tem gente que não gosta muito, né? Fica mais retraído um pouco. Mas é mais a questão do choque cultural. Acho que depende também, por exemplo, é o horário de dormir, o almoço, por exemplo, né? Às vezes é diferente.

Intercambista 3: Hmm... não é realmente diferente pra mim, porque eu nasci na Guiana Francesa, então tem muitas coisas parecidas. Tipo de comida... Não, não...

Pesquisador: Não mudaram tantos aspectos assim. Tem uma característica mais parecida. Bom... ah... Sobre a língua. Sobre a questão da dificuldade que você falou, um pouquinho de compreensão, você poderia relatar a sua dificuldade em aprender a língua portuguesa?

E existe algum fator sobre a língua, por exemplo, um vocabulário, uma expressão que tenha marcado sua história nesse processo de imigrar?

Intercambista 3: Acho que... o que mais me marcou... Ah! É “tudo joia” que me marcou, realmente.

Pesquisador: Joia? Tudo joia? E você gostou dessa expressão, por quê?

Intercambista 3: Não, é diferente! É porque joia é como... um anel... como uma coisa relativamente positiva... que dá um jeito que valoriza as pessoas. Então, acho que toda joia é legal...

Pesquisador: Ok... Muito bom. Hm... deixa eu ver... O que que você acha que te ajudou no processo de aprendizado da língua estrangeira? No caso do português, para você, o que te ajudou? O que você acha que te ajudou?

Intercambista 3: As “compreensões” das pessoas.

Pesquisador: O quê?

Intercambista 3: A compreensão das pessoas... Como você é estrangeiro, é mais fácil dizer: “Ops... Pode falar um pouco mais devagar, por favor?”. Porque a situação, a pessoa sabe que você é fora daqui. Então, acho que da compreensão é muito importante na verdade. E... também acho que discutir com as pessoas... porque é um treinamento cotidiano de ouvir as

peessoas, de ler em português, de dar aula ah... de francês, porque tem que falar e responder, entender as perguntas dos alunos.

Pesquisador: Entendi... Sobre a sua prática como professora. Você quer relatar algo que você percebeu sobre a língua portuguesa, sobre você, sobre a cultura de forma geral, assim, dando aula? O que você conseguiu perceber?

Intercambista 3: Primeiro, os alunos estão mais “atentivos”. Pra mim é um fato, eu gostei de ver que as pessoas são dedicadas e têm vontade de aprender. Quando as pessoas não entendem uma palavra... Isso vai me forçar a me expressar, a explicar o que... o que eu desejo, o que eu quero, o que eu quero que eles fazem... eles me ajuda também a obter uma tradução... às vezes é mais complicado. Essa relação que eles tinham do lado cultural também, o do lado da gramática... da gramática portuguesa é difícil. É... tem esse lado e... a segunda pergunta esqueci.

Pesquisador: E o que tinha ajudado nesse processo, né? Na questão do ensinar ali... O que você percebia como algo cultural nessa parte de dar aula?

Intercambista 3: A parte cultural... Não sei se é cultural o atraso das pessoas.

Pesquisador: O atraso? É... a gente atrasa um pouco mesmo...

Intercambista 3: (Risos).

Pesquisador: É comum... no Brasil é muito comum um atraso, dez minutos, cinco. Sempre acontece alguma coisa e a pessoa chega atrasada.

Intercambista3: Às vezes...

Pesquisador: Aqui, o transporte é um pouco diferente, né, gente? Não tem trens, por exemplo, metrô. Então acho que essa questão acaba que gera esse atraso um pouco, sabe? Muita gente depende de carro, depende de ônibus e isso acaba atrasando um pouco.

Intercambista 3: Eu também... eu também dependo do ônibus da minha cidade na França... mas tem mais, mais variações, mais ônibus, mais frequência, frequências... e acho que ajudo também as pessoas, porque o ônibus já é atrasado.

Pesquisador: Obrigado... Sobre a... Bom... já caminhando para o final, as três últimas perguntas. A primeira é: como que a universidade contribuiu para o seu aprendizado?

Intercambista 3: Acho que seria meu cargo. O cargo e a carga... Porque o cargo é tudo o que eu deveria fazer, por exemplo, eu fiz minhas primeiras experiências de palestra. Eu não... Eu nunca fiz nenhuma palestra na minha vida. Só no Brasil. O apresenta... abre um clube do debate. Também me ajudou a ser uma pessoa mais dedicada com as minhas tarefas. Na verdade... às vezes também trabalha sozinha. Resolver as coisas sozinho, sozinho é difícil, mas ajuda também. Essa percepção de ser autônomo.

Pesquisador: Tá certo. Autonomia, né? Ok. Bom, a segunda pergunta... Existe algo que você poderia ter feito diferente para o seu aprendizado? A sua vivência. Existe algo que você acha que poderia ter sido feito diferente?

Intercambista 3: Tudo poderia ser diferente, fazer você fazer tudo, mas acho que eu não mudaria nada.

Pesquisador: Entendi... Ok... Bom. Por fim, vou pedir para você descrever alguns aspectos culturais que você lembra assim do Brasil, que são marcantes para você, que você acha que você nunca vai esquecer assim ou que realmente teve mais afinidade.

Intercambista 3: Acho que seria o Romeu e Julieta.

Pesquisador: Ah, o doce, você fala? O queijo e goiabada?

Intercambista 3: Isso. Foi goiabada com queijo... Eu nunca vou esquecer.

Pesquisador: É muito bom, né?

Intercambista 3: Já experimentei. Foi bom. Ah... Essa... essa felicidade acho que é só. Felicidade essa parte de felicidade que ajuda também. A samba... a samba legal na rua.

Essa facilidade de estar... num lugar deitado, na verdade, sentado. Não é deitado, sentado. Falar com as pessoas... essa comunicação verbal mesmo, e quando você fica bem perto de uma pessoa que você gosta, essa amizade...

Pesquisador: Amizade... só isso mesmo?

Intercambista 3: Bom...

Pesquisador: Bom, de forma geral, né? Eu não consigo pronunciar seu nome certo. Mas eu falo Aurora. Eu não sei Auro...

Intercambista 3: Aurora, isso.

Pesquisador: Tá certo. Bem, as perguntas eram só essas mesmas e é mais uma questão da sua vivência aqui. O que você guardou ou guarda como recordação. Coisas que foram difíceis. Pelo que eu vi, esse choque cultural você não teve tanto, você falou que quase não presenciou um choque cultural assim de tanta dificuldade. A comida não é tão diferente para você. Acho que o processo foi bem mais gostoso aqui do que em Portugal, pelo que você falou. A escolha do Brasil foi mais assertiva, né? De trabalhar como professora de francês e tal. Bom, fico muito feliz de você ter participado da entrevista. Vai me ajudar na pesquisa, né?... Questão da história de vida, as experiências aqui. Essas questões culturais. E eu devo entrar em contato de novo, mas por conta mesmo do Termo lá... Ok, eu vou parar de gravar aqui... só um minutinho.

Intercambista 4 – Nadiene

Pesquisador: Bom... Boa tarde.

Intercambista 4: Boa tarde!

Pesquisador: A gente dá início a essa entrevista breve para a coleta de dados da pesquisa de mestrado. No caso, essa pesquisa ela não tem custo, ela é totalmente voluntária. Essa entrevista também tem caráter voluntário e espero que você aproveite os momentos aqui que a gente vai conversar, partilhar algumas coisas e agradeço a sua presença.

Intercambista 4: Eu que agradeço o convite.

Pesquisador: Bom, a primeira pergunta é: qual que é a sua idade e a nacionalidade?

Intercambista 4: Eu tenho 31 anos e eu tenho duas nacionalidades: a brasileira e a italiana.

Pesquisador: Okay. Você poderia comentar algo sobre essa questão da nacionalidade?

Intercambista 4: Sim, a cidadania... a nacionalidade italiana eu adquiri depois de 26 anos, na verdade. Eu tenho parentes na Itália, nascidos na Itália, que no final do século vin... dezo... dezenove migraram pra, para o sul do Brasil. E sempre houve um contato da minha cidade natal e da população das famílias de lá com os parentes na Itália. Então, os meus antepassados deram entrada nessa dupla cidadania. Eu não nasci com ela. Meu pai adquiriu depois de mais velho, e eu adquiri após período de pós-graduação. E a brasileira, porque eu sou nascida no Brasil.

Pesquisador: Ok... Bom, você tem ou teve algum vínculo com a Universidade Federal de Lavras?

Intercambista 4: Sim, fui estudante de graduação durante seis anos na Universidade Federal de Lavras.

Pesquisador: Qual curso você fez?

Intercambista 4: Fiz Medicina Veterinária.

Pesquisador: Ok. Bom... a partir do contato com a UFLA, você teve alguma experiência com algum outro país? Qual país você ficou ou esteve por algum tempo?

Intercambista 4: Durante o meu período na UFLA, eu pude participar de um intercâmbio ah... a partir do meu quarto semestre na faculdade com ah... Eu fiz um intercâmbio na Alemanha onde eu recebi algo... Posso falar assim normal? Tipo já explicando como é que é e tal... Eu recebi a bolsa de... uma bolsa sanduíche que chama... para poder fazer uma parte da graduação na Alemanha. E essa bolsa, ela me oportunizou permanecer três meses, três semestres... na Alemanha: um estudando só a língua alemã em Berlim e dois semestres na Universidade de Hannover. É... cursando então matérias do curso de Medicina Veterinária. E

após o currículo, a matriz curricular, eu fiz o meu estágio obrigatório que é o décimo período na UFLA... o estágio. O estágio como um estágio curricular na Universidade de La Plata, na Argentina, que também foi um vínculo da UFLA, tinha um vínculo da UFLA com a Universidade de La Plata e lá no Hospital de Grandes Animais eu pude ficar três meses desenvolvendo as atividades que eram pré-requisitadas no estágio obrigatório.

Pesquisador: Certinho... Obrigado. Bom... Em se tratando dos dois países estrangeiros, o que você mais gostou em cada um deles?

Intercambista 4: Na Alemanha... eu... foi meu primeiro... foi minha primeira experiência no exterior, então foi extremamente impactante, né? Eu morei em Berlim, uma cidade extremamente multicultural, que me possibilitou ver as diferentes formas de como se pode viver. Então eu acho que me impactou de uma maneira, mas... para a formação da minha pessoa assim, para a formação da minha compreensão ou admiração pelo mundo, abrir um pouco as minhas visões. E também, eu reparei no modo como a profissionalização do trabalho é feita na Alemanha, né? E pude comparar um pouco assim com as... com os regimentos ou as ementas que são técnicas estipuladas no Brasil. E então achei a profissionalização técnica assim, o investimento, a arguição, a esquematização e a hierarquização do profissionalismo deles foi uma das coisas que mais me impactou. Ao contrário, por exemplo, da Argentina, eu tive um impacto muito mais... latino. Consegui entender outra cultura... outro contexto mundial assim é... quando eu fui para a Argentina... realmente somos a América do Sul, talvez somos muito mais semelhantes na questão da profissionalização de como a gente leva o trabalho no dia a dia, muito mais parecido com o Brasil. Mas eu gostei muito na Argentina porque eu tive muita troca interpessoal. Eu conheci muitos argentinos, eu consegui fazer muitos amigos, eu entendi como a América Latina... ela caminha muito mais vertical do que horizontal. Tipo assim, tem muito mais troca dos países latinos e hispanohablantes do que com o Brasil, por exemplo. O Brasil está bem mais isolado que Argentina, você vê gente do Chile, da América Central, da Colômbia, do Peru, todos vão para estudar. Então tem muito mais movimento entre esses países do que Brasil. Países hispanohablantes... Então essa foi um pouco da geopolítica assim que eu vi. Então, essas foram duas, duas experiências bem antagônicas, na verdade. Assim, bem diferentes...

Pesquisador: Tá bom... Como você explicaria, em linhas gerais, a sua adaptação no exterior?

Intercambista 4: Migrar não é fácil. Migrar não é fácil. Em nenhum dos países. Nenhum lugar é perfeito. Existem lugares que são mais fáceis de se viver do que outros, mas em nenhum lugar é perfeito. A minha adaptação, ela pode ser talvez definida por entender que é uma atividade, uma posição ativa da pessoa... Você precisa querer se adaptar àquilo, se

integrar, buscar ah... tentar conseguir se integrar na língua, né? Entender como funciona o dia a dia é... querer e estar e buscar ativamente para poder se adaptar. Se você só sentar e esperar que às vezes alguém, oh... “ah, você, estrangeiro, vamos lhe ajudar e tal”. Isso não, não... é um pouco talvez ingênuo e... é ingênuo... (risos).

Pesquisador: Falando ainda sobre a questão da adaptação no exterior, o que você sentiu de dificuldade? O que foi difícil de se adaptar? No caso, você mencionou dois países diferentes. O que você sentiu dificuldade em se adaptar em um e no outro?

Intercambista 4: [Nadiex1] No primeiro, na Alemanha, basicamente o primeiro grande impacto foi a língua. Assim, não dominar muito bem o alemão... Eu esbarrei em várias outras. Outros problemas burocráticos. Eu acho que isso eu demorei muito até entender como isso funcionava e os documentos que precisavam e você tinha que fazer. Então, no caso da Alemanha, foi o idioma até eu conseguir me sentir segura com ele. O que demorou um ano... né? Eu sempre digo assim, um ano para entender, para falar ou sentar num bar e perguntar... poder falar de mim, falar um pouco sobre questões sociais e do mundo. Demorei um ano para conseguir carregar assim... carregar comigo. No alemão. E segundo ponto na Alemanha foi o clima, a falta de luminosidade durante o inverno. Eu achei que era só, né? Ah... as pessoas falavam assim, né, que os índices de alcoolismo são muito grandes, os índices de depressão são muito grandes. Eu achei que isso era tudo “história para boi dormir”, mas realmente você sente que a falta de luminosidade ela afeta muito a sua estima, a sua autoestima, a sua vontade, né? O sono... Então, eu acho que foram coisas bem novas para mim que foram as mais difíceis. [Nadiex2] Na Argentina, por ser um país latino, nós temos muitas similaridades de conduta social, somos pessoas mais abertas. Então a questão da integração do idioma foi muito rápida, mas eu senti dificuldade do que eu gostava na Alemanha, que era assim... um pouco... a organização, as coisas estarem bem claras, quais os passos, o comprometimento, né? Um pouco da infraestrutura, tanto a infraestrutura logística, as de locomoção, a de saúde, né? Então, isso foi uma das grandes dificuldades assim que eu tive.

Pesquisador: Sim... Bom, quais as diferenças que você percebeu entre o país estrangeiro, no caso, os países estrangeiros e o Brasil?

Intercambista 4: Todos... todos os dois têm diferenças e similaridades, né? Como eu venho de uma região do sul do Brasil, alguns hábitos culturais já estão, já eram muito familiares. Por exemplo, a comida. Já para mim já era muito tranquilo na Alemanha, por exemplo, porque no sul se come batata sempre, não se come arroz, feijão, se come batata, massa, essas coisas... Então, por exemplo, isso eu achei uma similaridade grande assim... As diferenças e similaridades com o Brasil... Na Alemanha, as diferenças, há a questão do... assim bem, sendo

bem pragmática... a pontualidade e pontualidade dos compromissos é uma das primeiras coisas que choca, né? Você diz que vai, você vai. Então você vai que horas, né? Porque na língua alemã não existe gerúndio, então já exemplifica um pouco como o alemão é... Então isso. E essa é uma diferença assim que eu reparei. Similaridade... É similaridade e diferença que você perguntou? Não... só similaridades?

Pesquisador: Perguntei sobre o que você notou de diferente e o que você percebeu de similaridade...

Intercambista 4: Diferença... sim. E similaridade para você comparar. Não tem problema, não pode ser que você... eu não quero transformar a tua transcrição em uma coisa muito difícil e cabulosa aqui que eu tô falando.

Pesquisador: Sem problema...

Intercambista 4: Similaridades... diferenças a questão da pontualidade, do comprometimento e simplesmente você não tem. Há algumas superinterpretações ou não se usa conotações que não se queiram dizer assim... Você quer dizer isso, você fala isso e pronto, não é? Não é? Você fala A querendo dizer B que nem no Brasil, por exemplo. Então isso foi meio impactante assim, porque se não dá, não dá. Eles vão te dizer na hora de perguntar o que você perguntou e não a mais, entendeu também? E é similaridade a comida assim... Eu achei muito parecido assim. Sim, não tive problemas. Os alemães gostam muito de futebol que o brasileiro também gosta, né? Assim, sendo pragmática nessa questão de diferença. E na questão do ser muito reto e direto, esse foi o primeiro impacto, mas que também depois, com o tempo, você vê que é muito bom. Ajuda muito! Faz o dia ser muito mais fácil... E na Argentina, as diferenças. A Argentina é muito... é muito mais assim... a população, não sei como é que tá hoje, isso já faz uns oito anos, né? É muito mais culturalizada, né? Eles falam muito sobre a ditadura, eles falam muito sobre programas sociais, eles falam muito sobre a política. Assim, né? Você consegue falar muito sobre isso com os argentinos. Eles conhecem muitos países da América Latina, quase todos foram para Cuba... Então, eu achei que é um pessoal que, como vêm muitas pessoas de fora estudar na Argentina, também tem muito contato com outras culturas, coisa que no Brasil ainda não tem. E a gente ainda é um país muito grande. Por ser o único falante de português na América do Sul também tem essa barreira. A barreira biológica também, porque praticamente toda a fronteira terrestre que o Brasil faz com os países hispanohablantes, eles têm muito mais bioma de vegetação ou é cultura agrícola, né? Você não tem grandes núcleos de cidade nessas regiões de fronteiras assim... Grandes capitais, vamos dizer! Então, essa foi uma das diferenças também que eu... que eu senti na Argentina com o Brasil.

Pesquisador: Bom... Você falou sobre os países, né? Falou sobre um pouco da cultura, o que gostou, o que não, mas olhando para você, o que você notou de diferente na sua pessoa a partir da experiência de morar fora do Brasil?

Intercambista 4: Nossa! Foi fundamental para a construção de uma Nadiene muito mais... Olha eu falando meu nome na hora... É... uma pessoa muito preconceituosa. [Nadiex5] Eu tinha muitos preconceitos e eu só consegui ver isso quando eu fui me expondo a situações que não me eram confortáveis, vendo pessoas diferentes, religiões caminhando no mesmo... convivendo harmoniosamente. Pessoas de todo tipo tendo seu espaço, assim... Eu acho que desconstruir foi fundamental para mudar o rumo da minha vida... Na verdade, assim, não só na capacitação profissional, na questão dos contatos profissionais que se desdobraram hoje na minha carreira, mas também numa NADIENE que consegue entender que o mundo é diverso e que a gente precisa estar mais aberto, ter mais respeito, né, que o estudo... você ter a oportunidade dessas experiências... transformam realmente modos de ver, de viver, de atuar no mundo. Eu acho que... e muito... foi muito importante para mim, assim, a primeira experiência na Alemanha, com certeza mudou, abriu o meu horizonte demais e tive experiências que eu nunca imaginei que eu poderia ter. E na Argentina, eu consolidei passos e desejos de quem eu sou. E toda vez que eu lembro, quando eu pousei lá em Buenos Aires, eu olhei a cidade assim... eu lembrei: “cara, eu amo muito viajar. Isso faz meu coração bater”. Conhecer pessoas diferentes, histórias diferentes. Li muito sobre a ditadura da Argentina, a história, a posição no Mercosul, coisas que são relacionadas ao Brasil também que eu não fazia ideia. Então eu acho que... foi... foi o divisor de águas, né, na minha vida...

Pesquisador: No caso, é como você se enxerga no mundo a partir dessa experiência que você teve no exterior. Mas, por exemplo, você poderia mencionar alguma situação, algo que você lembra que foi marcante? Assim: aconteceu uma situação assim... Isso me fez perceber que eu me enxergava diferente...

Intercambista 4: Com certeza, mas tenho que dar um minuto para eu relembrar assim especificamente.

Pesquisador: Todo tempo do mundo, sem pressa.

Intercambista 4: Tem uma assim que ela foi meio impactante em relação a essa... é... essa rispidez ou essa... alemão direto, né? Que não tem a ver muito com os preconceitos que eu tinha na cabeça porque com certeza encarei situações que eu pensei: “nossa, mas eu sou muito preconceituosa por dentro... e eu só vou deixar de ser se eu realmente vivenciar mais coisas assim”. Mas essa situação eu lembro, por exemplo, um dia que eu fui... Eu entrei no bloco da universidade e estava o moço lá... organizando algumas coisas no bloco. E aí eu perguntei

assim: “ah, tem banheiro nesse prédio?”. E aí ele me olhou, ele falou “não”. E voltou a fazer as coisas dele. E aí eu fiquei assim, indignada. “Como assim? Nossa!”. Aí eu... “Onde tem banheiro?”. Aí ele falou: “ah, no prédio da frente”. E aí eu fiquei assim, meio chocada, do tipo porque eu estou brava? Porque ele realmente me respondeu só o que eu perguntei, entendeu? E não mais... E tá certo, se você for ver e se fosse em outra situação, talvez eu teria ficado brava ou ter chamado ele de grosso ou uma pessoa assim, né? Mal-humorada, mal-educada, mas na verdade não. Ele respondeu exatamente o que eu queria, né? O que eu tinha perguntado e não além... E quando eu perguntei o que eu realmente queria saber, aí ele me respondeu. Então, foi assim... foi uma das coisas que eu pensei: “nossa, talvez o modo com o qual eu indago algumas coisas... possa ser diferente”, entendeu? Não precisa ser sempre da mesma... da mesma maneira assim...

Pesquisador: Coisas assim. Interessante, né? Essas vivências assim? Um choque, né? A gente espera falar mais e acaba que você vai direto na pergunta que você fez...

Intercambista 4: E por muitas vezes a gente interpreta o outro mal porque ele só se conteve ao que você perguntou. Ele foi literal e não além disso. Ele respondeu A e não o B que estava dentro da minha cabeça esperando, sabe? E não, eu perguntei A. Então, ele respondeu A, tá certo, tipo. Então, eu falei: “talvez eu tenha que mudar, porque eu sou estrangeira aqui”, entendeu?

Pesquisador: Certo. Bom... Assim, você foi nos dois países e voltou. E no caso dessa experiência de retornar, você acredita que a sua experiência de viver no Brasil foi afetada depois de retornar? Poderia mencionar algum exemplo?

Intercambista 4: Como assim? Se ah... eu mudei, como eu vivo? Quando eu retornei?

Pesquisador: Sobre a sua experiência, quando você retornou, você percebeu? Você mudou? Algumas coisas em relação à cultura do Brasil?. Vou complementar essa pergunta com a próxima pergunta... O que você aprendeu sobre si morando no exterior? E quando você voltou, você voltou para sua cultura? O que você percebe de mudança? Voltando a viver aqui, né? E também é... o que você aprendeu disso?

Intercambista 4: [Nadiex6] Com certeza... Com certeza eu mudei. Mudei... em relação... principalmente a ver que eu não conhecia muito bem o meu país... né... que ele é muito heterogêneo. Trouxe alguns hábitos do exterior que permaneceram na minha vida que não eram comuns na época, nos ambientes que eu convivia. Por exemplo, separar o lixo. Eu implementei a separação de lixo na minha casa porque era uma coisa que não tinha mais como viver sem. Eu comecei a usar a bicicleta como meio de transporte, coisa que foi um hábito que eu adquirir também fora... Assim, e também eu me dei um pouco mais de... nossa...

tipo, de tempo de tranquilidade para ver que os países são diferentes e que o meu Brasil talvez eu tenha que entender da forma como ele é e não com uma visão europeia centralizada, né? Tipo, entender que ele é e tem muito mais personalidade do que a gente acha que tem.

Pesquisador: Bom... O que você aprendeu com os estrangeiros? Ou aprende ainda, né? Digamos assim.

Intercambista 4: [Nadiex3] Putz! Muita coisa. Assim, eu li... sim, eu li recentemente um ensaio sobre imigrar. E aí você tem dois grupos de pessoas, né? Assim... meio definidos: aqueles que imigram porque anseiam, querem, tentam, né, buscar coisas novas em outros lugares; e tem os que imigram porque não podem mais retornar ao seu país local, por guerras, por asilo, por ditaduras e afins. Então, para mim, essas duas pessoas são bem diferentes no meu dia a dia, porque eu consigo conviver, como consegui, conviver com as duas, com refugiados de guerra, com pessoas exiladas que migraram para esses países porque não podiam mais estar nos seus. Então, é o que você aprende com essas pessoas. É diferente do que você aprende com aquelas que estão ali para desfrutar do mundo, por assim dizer. Entendeu? Eu acho que aprendi com esses estrangeiros que são obrigados a sair das suas terras natais.

Pesquisador: Você vê como?

Intercambista 4: Talvez, eles realmente quisessem retornar e existe uma certa negação da cultura de onde eles estão, assim, tentando se aglomerar com os seus semelhantes. E aqueles que vêm buscando coisas diferentes e inter-relações, né? Assim... Relações interculturais... [Nadiex4] E você aprende a primeira coisa a se simpatizar, né? Porque a pessoa vai ter um sotaque na língua, você vai ter também, então aí já cria um elo, um vínculo de simpatia do tipo: “estamos na mesma situação, né?”. Então, nós temos a tendência de ser menos exigentes do que uma pessoa que é natal, entendeu? Com um estrangeiro... Eu tenho essa sensação e... aprendi que as pessoas migram por diversas, diversas coisas assim: umas porque precisam, e outras só viver e experienciar. A maioria vem ou vai pela busca de uma melhora financeira. Assim, pra grande maioria, a experiência de vida, experiência cultural de idioma... eu acho que isso, para a maioria dos estrangeiros, é secundário, entendeu? Principalmente para os exilados. Também acho que os exilados já têm uma abordagem bem tipo... Refugiados e exilados Aí é bem, bem diferente. Eles tendem a viver nas suas comunidades e permanecer com a sua cultura forte e tem até uma tendência de não querer muito se aproximar dos outros estrangeiros assim... Então, estou te dando uma entrevista fácil, né?

Pesquisador: Estou gostando demais. As respostas também, estou bem feliz, assim... Qual ideia que você tinha sobre morar fora?

Intercambista 4: Ai, eu achava que era só alegria, que era Disneylândia. Nunca fui pra Disney, mas eu tinha talvez essa ideia, essa expectativa ingênua da hollywoodiana, assim, de que vai ser um American Pie e tal. Sei lá, uma coisa meio que só alegria. Porque quando a gente vê um estrangeiro no Brasil, a gente acha que é popstar, a gente... brasileiro gosta de reverenciar estrangeiro. Então, eu esperava que fora eu também fosse reverenciada. Mas não é assim... Você é só mais um dos que estão querendo migrar, entendeu? Então... foi bem diferente, assim, no começo foi um choque... uma maneira até negativa e que agravou meu amor, meu marido... uma maneira até negativa, do tipo: “o que eu estou fazendo aqui se eles não me querem aqui?”. Mas depois você vai entendendo que isso se chama cultura, né? E você só entende diferenças culturais quando você se coloca num outro contexto cultural e sofre ali... no dia a dia. O que é que é essa diferença? Senão, você não vai entender. Lendo o livro... infelizmente.

Pesquisador: É bom. Essa questão da cultura, da ideia de morar fora me traz a próxima pergunta: quais costumes você percebeu que são diferentes do seu país de origem?

Intercambista 4: Vários. Sendo pragmática. Vou listar, né?

Pesquisador: Tem algum principal que você quer listar? Aliás, vou deixar você listar quantos você quiser...

Intercambista 4: Não... tem sim...! Por exemplo, diferença Brasil e Alemanha. Questão do hábito. Tipo de horário de alimentação, por exemplo, né? É parecido? Sim, ora... hábitos de higiene são diferentes, né? Hábitos ah... assim sociais, tipo ver quantas pessoas são fumantes, né? Ainda é meio impactante. Não tinha lembrado porque como no Brasil houve uma campanha muito grande anti-tabaco nos anos 90, a gente quase não vê pessoas que fumam, e isso é meio chocante... fora isso, assim, é um hábito bem diferente, né? Aí, tem de entrar com hábitos de higiene... Eu percebo que alguns hábitos, assim, as pessoas são muito mais ativas... na Alemanha, assim, a terceira idade ela... você é muito ativo, as pessoas fazem muitas coisas de bicicleta e a pé e caminham e saem de casa e sabe, tentam, cuidam muito mais do movimento, se movimentam muito, assim, né? E já com a Argentina... tem realmente os horários das alimentações muito diferenciados, assim... muito... Isso impactou muito no meu dia a dia... Eles jantam muito tarde, por exemplo (risos). Parece pouca coisa, mas quando você está todo dia e janta muito tarde, você vai reparando. Nossa, talvez bem diferente. Então, eles tomam muito mate também, né? Muita cafeína, muda muito é... e são pessoas que se reúnem com os outros, assim, com os similares, né? Na Argentina, são mais parecidos com o Brasil do que com a Alemanha. Eles se reúnem muito entre eles para não fazer nada... juntos, por exemplo.

Pesquisador: Você teve alguma experiência de choque cultural que foi muito difícil de lidar? Ou você causou algum choque cultural alguma vez?

Intercambista 4: Não... Acho que eu nunca causei. É porque eu tive duas experiências ocidentais, né? Eu acho que isso tem muito a ver, querendo ou não. A Alemanha e a Argentina são países ocidentais? São... foram imperialistas, colonizados e colonizadores. Então, a gente tem muitas coisas em comum do tipo. Temos coisas... Democracia, né? Liberdade, igual... Teoricamente você tem igualdade. Homem e mulher, né? Essas coisas de educação... Estado laico. Então, isso tudo é muito parecido. Eu acho que o meu choque cultural talvez tenha sido como a liberdade do corpo, né? Na Alemanha, a liberdade do corpo é muito respeitada. Você pode, né, fazer o que você quiser com seu corpo. E até algumas próprias leis podem favorecer... que você decida o que você quer fazer com seu corpo também... Entendeu? É... choque cultural. Não é costume deixar um tempo... Vou lembrar, mas agora esse é um ponto assim na questão da liberdade do corpo. É a liberdade do seu bem. Assim, na Alemanha do seu bem entender. Assim, se você quisesse, não tem problema você não querer seguir o sistema. Talvez o sistema vai te excluir um pouco, vai fazer sua vida um pouco mais difícil, mas se você não quer fazer parte do sistema também... pode não fazer. Foi meio chocante.

Pesquisador: Bom, você poderia relatar suas dificuldades em aprender a língua? Existe algum fator sobre a língua estrangeira, por exemplo, um vocabulário que tem marcado a sua história nesse processo imigratório?

Intercambista 4: Com certeza. Eu... fazia curso de alemão, de alemão para alemão. Tive uma língua escada ali que era o inglês, né? Que no início foi muito útil para eu me virar. Então, não foi direto do zero, mas eu fazia. Então, eu fazia... não era o suficiente só fazer as aulas. Eu lembro que eu usufruí de uma ferramenta chamada Tandem Partner, né, na qual eu me encontrava com pessoas nativas para falar em alemão, eles me ajudaram a desenvolver meu alemão, e eu ensinava um pouco de português. E ali não tinha muita regra... Eles não eram pessoas da academia ou professores, mas foi fundamental para eu conseguir desenvolver um pouco de ritmo para falar e também vocabulário do dia a dia que eles falavam. Estava no café, então eles anotavam, eu sempre ia com um negocinho, eu anotava e tal... E então me trouxe muito vocabulário do dia a dia, assim, de coisas, expressões que eu queria falar e na hora eu não sabia... aí isso também me ajudava e depois na aula consegui implementar... então me deu muito ritmo. Foi ótimo! E na Argentina tive uma experiência bem interessante... Porque até quando eu retornei para o Brasil, que eu dava aula de alemão... Mas aí o que você já sabe... Aí eu... para a Argentina, eu tinha uma aluna de alemão e eu dava do espanhol para o alemão.

Então foi muito interessante porque no espanhol você não tem alguns fonemas. Tipo o /v/ e o /p/, né? Então eu tinha que entender como que eu ia ensinar esse fonema para essa pessoa, que no português existia. Então, era muito fácil falar isso para os meus alunos, mas para essa falante de espanhol, eu dei um nó na minha cabeça, assim, para entender um pouco como que eu passava do espanhol para alemão e do português para o alemão, entendeu? Então, foi bem interessante. E eu sempre... quando estava na Argentina também, eu retomei algumas aulas de espanhol do livro, mas foi muito mais fácil... Até porque os meus... eu morava, tive uma interação só com argentinos, então o vocabulário veio muito rápido. Então, eu anotava coisas diferentes, sempre tinha um caderninho. E nos dois países eu sempre tinha até ali um caderninho de vocabulário, então sempre anotava as palavras que eu não sabia e perguntava assim: “Ai, como é que tu falou isso aí? Como se fala isso? Onde é que eu uso e tal?”. Então foi... foi o que me ajudou a me desenvolver um pouco.

Intercambista 4: O que ajudou no seu processo de aprendizado da língua estrangeira? Você mencionou o caderno, mas existe algum outro recurso, alguma coisa que era muito sua? Da sua maneira de estudar? Algo ou alguma metodologia que alguém tenha te ensinado que te ajudou nesse processo de aprendizado da língua estrangeira?

Intercambista 4: Com o alemão, no começo. Bem... no começo, eu não conseguia formular muitas coisas, assim, só falando... Eu lia, eu falava e eu me gravava e eu me escutava para entender os erros de entonação e de pronúncia de como eu escutava um alemão e como eu pronunciava as coisas. Porque na nossa cabeça a gente acha que está falando certo, mas quem tá escutando sabe que não... Então, eu usava esse recurso áudio, do áudio... gravar... livro... O Tandem Partner... Isso eu fazia muito, levava muito a sério. Assim, eu ia todo... três vezes na semana encontrar três pessoas diferentes para poder ter uma troca substancial, no mais era isso. Filme não era muito... No espanhol eu tinha livros... e eu tinha muitos amigos. E o caderninho sempre, sempre caderninho no bolso para caso venha uma palavra que eu nunca ouvi ou uma expressão, assim, que se usava em certa situação... eu anotava...

Pesquisador: Bom, agora num mundo totalmente diferente. Como a universidade contribuiu para o seu aprendizado, no caso, a Universidade Federal de Lavras? Acho... Você percebe que a UFLA te deu não só a formação como veterinária, mas também te ajudou a construir seu aprendizado em relação a essa questão de imigrar, de estudar?

Intercambista 4: Dois pontos, talvez, né? Um... Admito que a República me ajudou muito. Então, eu fui para a universidade e acabei morando na República. Então ali eu consegui entender muito melhor como se vive em grupo. E... na universidade também, eu participei de um grupo do programa de educação tutorial, e eu acho que... que participar desse grupo

também foi... me possibilitou ter muito aprendizado, além do técnico da Medicina Veterinária, que respaldou toda a minha construção moral como veterinária. E posso dizer que tem um efeito muito grande em como eu atuo hoje, porque tive um feedback da minha chefe esses dias falando que de alguma forma até... assim, ela falou que eu precisava refinar alguns conhecimentos técnicos, mas que eu tinha uma ótima visão do grupo. E eu sabia entender como as coisas funcionavam. E saber o que era importante ou não em cada momento. E que isso ela não iria esquecer tão cedo. E eu tenho certeza que foi por causa da minha vivência dentro da universidade e dentro desses grupos que eu fui trabalhando, desenvolvendo habilidades não só técnicas ligadas à Medicina Veterinária, mas de Recursos Humanos e administração de trabalhar em grupo, de ceder... de como organizar, de moral, de fazer o certo pelo certo, sabe? Então, acho que com certeza contribuiu para quem eu sou hoje! É uma grande, grande parte da minha vida, muito importante.

Pesquisador: De todo esse processo, né? Eu tenho só mais duas perguntas. A penúltima pergunta seria se existe algo que poderia ter sido feito diferente para o seu aprendizado.

Intercambista 4: Em relação à faculdade, dentro da UFLA, ou em relação ao aprendizado de língua?

Pesquisador: Pode englobar os dois. Vamos escolher um, você que sabe.

Intercambista 4: Eu acho que o aprendizado da faculdade sim, da questão técnica mesmo, poderia ter sido algumas coisas diferentes. Algumas coisas em relação à grade. A grade, a matriz curricular do curso, alguns tipos de aprendizado? Sim... talvez colocar mais disciplinas interdisciplinares, práticas antes do final do curso, né? Umas coisas assim que eu senti que faltou, que eu sinto um pouco de defasagem hoje na minha vida profissional, por exemplo, né? Eu vejo que é realmente pelo fato dessas falhas durante a graduação. Hoje, eu tenho mais dificuldade que alguns colegas... mas... em relação ao aprendizado da língua. O que poderia mudar? Assim... talvez iniciar mais cedo, né? Assim, iniciar mais cedo de ensino fundamental, de jardim inicial, mesmo... Não duas horas na semana, sabe? Talvez uma... Mudança de hábito na matriz ou pelo menos 1h por dia, todas as crianças. Sabe, eu acho que faria muito, teria sido mais fácil. Tipo, eu acho que possibilita não só a língua como uma ferramenta para você ter uma oportunidade no mercado de trabalho, mas como a linguagem consegue mudar algumas perspectivas culturais que fazem talvez uma criança entender que a linguagem é diferente: “então, aquele outro serzinho é diferente e mesmo assim a gente se comunica, a gente se dá bem e eu posso respeitá-lo. E não tem problema, né?”. Então, talvez a linguagem como uma forma de benfeitoria do ser. Sei lá, se for falar assim.

Pesquisador: Bom, a próxima pergunta tenta praticamente agrupar tudo que você comentou aqui. Mas ela enfoca mais uma questão. Você pode descrever aspectos culturais que você se lembra dos países que você ficou de forma mais pontual?

Intercambista 4: Tá. Espera aí um minutinho para eu racionalizar bem, porque eu acho que eu falei várias coisas meio que emboladas umas com as outras. Aspectos culturais... tá... bom, deixa eu só fazer uma... Vou anotar aqui umas palavrinhas, pode ser?

Pesquisador: Só um minutinho, acho que caiu um pouquinho.

Intercambista 4: Ôh, menino, me dá um minutinho só para eu anotar aqui.

Pesquisador: Tranquilo... Vou repetir a pergunta para você. Descreva aspectos culturais que você se lembra do país que você ficou.

Intercambista 4: Espera aí. Tá... Dos aspectos culturais alemães... Assim, da Alemanha, eu percebi que consegui tirar um pouco o foco desse alemão que bebe cerveja e vê Oktoberfest, come salsicha e para, talvez, outros pontos, assim, que as pessoas consigam ver, né? Não só do turismo. Eu sinto que são pessoas extremamente retilíneas, apesar de existir diferenças entre sul e norte. Pessoas constantes, assim, pessoas são... Eu sinto que a população é muito silenciosa, tudo é silencioso, tudo. E as conversas no trem são silenciosas. O ônibus é silencioso, os cachorros não latem, as pessoas não gritam nos restaurantes, então... é o silêncio. Acho que para mim é uma característica cultural bem interessante daqui. Elas tendem ser uma tendência um pouco niilista, niilistas, né? Negacionistas, assim, negacionistas... Não, mas não. Não veem esperança em muitas coisas pelo fato histórico, né? Também, assim, da história do país... Eu sinto que quase todos os setores são muito profissionalizados, independente se é a pessoa que corta o jardim ou é o cara que faz uma cirurgia no coração, as peças vão ser tudo muito bem feito, entendeu? Eles sabem o que eles estão fazendo... E são pessoas que gostam muito de natureza. Da Argentina. Claro, eu estava num outro contexto, num contexto universitário jovem, então também tenho a minha parcela ali de tendência, né? Eu acho que eles têm... é um povo que gosta muito de discussão política, de falar... música. As Penhas Argentinas, mais do que os tangos argentinos. A dança também, né? Ao contrário de quase todas as danças na América do Sul, o tango, ele é extremamente rígido e geométrico. E as outras danças são muito mais... requebrado envolvente, sabe? Eu senti isso... e são pessoas que têm horários bem diferentes, assim, de hábitos comuns ocidentais: café, almoço, janta, banho. São coisas diferentes, têm horários diferentes.

Pesquisador: Eu agradeço a sua participação e todas as contribuições que você trouxe aqui da sua vivência de formação e de vida pessoal. Prometo manter sigilo sobre essas informações,

transcrevê-las e analisar o que for preciso. Agradeço muito de coração a sua contribuição neste trabalho, nesta etapa da minha vida, da formação do mestrado.

Intercambista 4: Eu que agradeço. Poderia falar horas aqui de diferenças, mas acho que daí vai ficar muito grande e não vai trazer nada de sustância, assim, para o trabalho.

Pesquisador: Gostei bastante.

Intercambista 5 – Luara

Pesquisador: Bom, boa noite.

Intercambista 5: Boa noite.

Pesquisador: Você me autoriza a gravar esta entrevista para minha pesquisa de mestrado?

Intercambista 5: Sim. Autorizo sim.

Pesquisador: Muito obrigado. Eu vou enfatizar que todos os dados aqui coletados eles serão, né, analisados. Não vou expor, só eu terei acesso. E assim que eu terminar de transcrever, eu vou deletar todas as gravações que eu tenho em minha posse, para a questão de manter o sigilo da pesquisa em si. Ok?

Intercambista 5: Ok.

Pesquisador: Então, vamos lá. Vamos começar? Primeira pergunta. Ah! É qual a sua idade e nacionalidade?

Intercambista 5: Ok. Bom, eu sou LUARA e eu tenho 30 anos e sou brasileira.

Pesquisador: E bom, você tem ou teve algum vínculo com a Universidade Federal de Lavras?

Intercambista 5: Sim, eu tive vínculo com a Universidade Federal de Lavras, a UFLA. Eu fui, eu fiz a minha graduação em Letras de 2012 a 2016 e fiz o meu mestrado também na UFLA, mestrado em Letras de 2018... 2019 a 2021.

Pesquisador: Obrigado. Bom, qual o país você ficou? Esteve por algum tempo.

Intercambista 5: Lá em 2000 e 2015. Aliás, 2014, eu passei por um processo seletivo na UFLA pelo programa BRACOL Brasil-Colômbia. Essa parceria, e eu fui contemplada, né? E com intercâmbio para a Colômbia no ano de 2015. Então, eu fui pra Colômbia, morei em Bogotá, na capital.

Pesquisador: E é isso. A terra da Shakira? Bogotá?

Intercambista 5: Na verdade, a Colômbia, porque Bogotá não é a terra da Shakira. Shakira é de Barranquilla.

Pesquisador: É verdade, verdade. Ela é de Barranquilla.

Intercambista 5: Que fica na costa, que fica na costa da Colômbia, né? Que é muito quente, lá tem praia. Enfim, eu morei na capital, que é Bogotá.

Pesquisador: Ah sim, Bogotá...

Intercambista 5: Que faz as quatro estações em um dia.

Pesquisador: São Paulo... Quase igual São Paulo.

Intercambista: Tipo São Paulo... isso!

Pesquisador: Bom... O que que você mais gostou do país estrangeiro?

Intercambista: Do país que eu... do país que eu...

Pesquisador: Que você ficou, você ficou em mais de um país, né?

Intercambista: Não... foi na Colômbia só que eu fiz o intercâmbio, né? É... bom. A Colômbia se tornou o meu país de coração, claro! Eu, eu vi muitas semelhanças também, diferenças. Mas é um país que eu achei um país muito acolhedor, né? Principalmente, em relação a estrangeiros, muito bonito em relação à cultura... e tem certa forma, né, semelhanças com o Brasil por ser, né, parte da América Latina. Mas foi um país que me surpreendeu, né, positivamente falando, porque a mídia em si fala muito mal da Colômbia, né? Principalmente, na época que eu fui, né? Que era 2015, né? Tinha muito essa questão de ainda falar sobre o narcotráfico, né? Tinha tudo isso e... não é assim e a gente não vê isso, né? Na capital, em lugares assim, com muitas pessoas, enfim... Então, sempre associou, sempre associaram muito a Colômbia à violência, às drogas e não é isso... Isso tem qualquer lugar, né? A Colômbia é muito mais do que isso, assim como o Brasil também é muito mais do que os nossos problemas que nós temos. Então, assim, achei um povo muito acolhedor. É um país, assim, colorido, sabe? Diversificado. E onde eu fiquei, né, em Bogotá, eu gostava do clima. Era, sabe? Era... Isso é uma coisa que é importante para mim... Então, foi muito bom. Aliás, é um país incrível, a beleza em si. Viajei bastante, então pude ver muitas coisas. É um país lindo.

Pesquisador: Quando você fala de cores, se refere a quê?

Intercambista: Eu falo na questão de... da questão cultural mesmo. Falo de vestimentas, artes, comidas, assim, tudo muito, muito bonito, sabe? Então, por exemplo, a gente tem lá as bolsas de povos indígenas, né, que eu esqueci o nome agora. E elas são lindas, todas coloridas, né? É uma forma que eles têm para ganhar dinheiro. Então, ela tem muita característica da Colômbia. Assim, quando você olha, você pensa nesse país colorido, né, diverso.

Pesquisador: Bom, então você me falou, né, da sua experiência dentro da universidade e me disse essa questão das cores, né, que foi uma das coisas que você gostou bastante. Mas um

pouquinho antes dessa vivência lá, como que você poderia explicar, em linhas gerais, a sua adaptação ao exterior?

Intercambista 5: Bom... Eu sou uma garota do interior de Minas Gerais, então eu vim de uma cidade de mais ou menos 19.000 habitantes e foi a primeira vez que eu saí de casa para morar sozinha. Foi a primeira vez que eu saí para morar só, né? E foi minha primeira viagem internacional. Então, assim, naturalmente, havia medos dentro de mim, né? Claro. E a minha adaptação, eu acho que é um processo, né? Foi, foi tranquilo. Eu falo que teve, você fala da adaptação do dia a dia, não é isso?

Pesquisador: É... do dia a dia. Coisas que você sentiu dificuldade, da comida ou da língua.

Intercambista 5: Sim. Então, é claro que tem essas divergências, né? Mas nada que a gente não se adapte, né? E a questão, por exemplo, de horário, né? Tinha, acho que se não me engano, eram duas horas a menos. E a comida, por exemplo, foi um choque que eu tive. E eu lembro que eu morei em casa de família, né? [Luarex1] E a minha mãe, colombiana, que era como eu chamava ela, né, “Mi mama”, servia duas refeições ao dia. Então eu lembro uma vez que eu estava sentada na mesa e fui tomar o café e quando eu me deparei com o café, tinha fígado. E eu falei: “Como assim, né? Eu vou comer fígado no café da manhã?”. E o café da manhã é algo muito importante para os colombianos, né? E é uma das refeições mais importantes que eles fazem. O café da manhã e o almoço. Então, assim, eu lembro também que eles tomavam um suco de água de panela, água de panela e um suco de rapadura. E, assim, foi muito difícil eu gostar daquilo. A verdade é que eu passei a gostar quando eu já estava indo embora, né? É... a questão de... Eu lembro de quando eu comi a primeira comida típica, assim, deles. Foi Ajiaco, uma sopa. Eu lembro que eu estava no centro, né, de Bogotá, que é na Candelária. E quando me serviram o Ajiaco, que é uma sopa de milho com milho dentro enorme, ao lado arroz e um abacate. E aquilo para mim não fez sentido nenhum. Só que ao mesmo tempo eu gosto muito de conhecer as coisas. Então, talvez essa questão da adaptação para mim não é tão difícil, porque eu tenho muita curiosidade, né? E eu entendo. Eu tento olhar tudo com bons olhos porque eu entendo que faz parte. Faz parte do conhecimento, da experiência, dessa questão de ser diverso, ser diferente. E, além disso, a língua, né? Eu percebi muito essa, essa questão cognitiva, o fato de eu também, de ouvir. Eu lembro que eu sempre gostei de espanhol e eu achava que sabia algo de espanhol. E quando eu cheguei lá e eu escutei as pessoas falarem, eu não entendi absolutamente nada do que elas falavam, porque falavam muito rápido. Então, eu percebi que ao longo do tempo, à medida que eu ia interagindo, que eu ia escutando as pessoas que estavam fazendo aula, aula na universidade, né? Não fiz aula de espanhol em si, e eu percebi que o meu ouvido começou a

adaptar. Até chegar um ponto que eu também comecei a aprender a língua. E eu lembro que eu sempre pensava antes para falar, sabe? Então, eu pensava em português, para falar em espanhol. E chegou um momento da... que eu me adaptei a ponto de falar. Fluía naturalmente, fluía sem ter que ficar usando o recurso da minha língua para falar uma outra. Outra coisa de adaptação, como eu disse, eu vim de uma cidade muito pequena e fui morar numa capital de outro país, então eu era uma pessoa muito tímida. Então, eu tive que é... como que eu posso dizer?... Eu tive que deixar essa timidez um pouco de lado para aprender a se virar. Então, eu precisava pegar um ônibus sozinha. Eu precisava perguntar as coisas. Eu era tímida, eu tinha que perguntar as coisas para falar, e falar em outra língua, tentar falar uma outra língua. Então, tudo isso foi uma questão da adaptação em si, sabe? Mas eu acho que o fato também das pessoas serem muito acolhedoras, muito amáveis, como eu disse, né? Assim como os brasileiros, nós somos. A gente tem essa, não somos ah... e nós temos muito afeto, os colombianos também. Então, isso facilitou, sabe? Não, não tinha esse... não tinha um preconceito, um olhar assim distante para mim, sabe? Pelo contrário. Na universidade, as pessoas queriam se achar, queriam me conhecer, queriam aprender português, queriam saber quem eu sou. Eu acho que isso é muito também, por exemplo, Brasil tem muito isso, a gente quer também se aproximar daquele que é de uma outra nacionalidade, uma outra pessoa, a gente quer conhecer, e eles tinham muito também.

Pesquisador: Isso também é uma linguagem de amor, né?

Intercambista 5: Exato. Então, assim, eu acabei virando uma atração, assim. Eu e outros, né? Claro, na universidade, porque eles tinham essa curiosidade também, né? Eu acho que isso vai muito desse nosso calor, assim, sei lá...

Pesquisador: Apesar dessa questão de você dizer, né, de gostar de sentir a questão da cultura, da proximidade, do interesse, é... Tem algo que você acha que foi difícil de se adaptar, algo que te marcou? Por exemplo: “Isso aqui realmente foi difícil para mim...”.

Intercambista 5: É... difícil lembrar assim, sabe? É agora. Mas eu acho que... é uma coisa que me chama muito atenção, assim, algumas questões da língua, por exemplo, eram muito difíceis para mim. Ah... deixa... eu pensar, tem tempo pra pensar...

Pesquisador: Tranquilo. Sem pressa, no seu tempo.

Intercambista 5: Eu gosto... é isso da fala... Olha, alguma coisa que me marcou de dificuldade?

Pesquisador: É, algo que você falou assim: “Ah, isso realmente foi difícil”. Sim, foi uma palavra, foi um costume deles lá que não era da gente aqui do Brasil, algo que realmente eu tenho que adaptar a isso daqui.

Intercambista 5: Ai... eu acho que eu não tive. Acho que a minha maior dificuldade foi coisas pessoais mesmo, sabe? Não em relação a eles, a cultura em si, né? Acho que foi a saudade da família, né? Eu lembro que... eu tive períodos difíceis, né? Por exemplo, fim de relacionamento, eu estava longe. Então, isso, isso foi bem doloroso. Agora, quanto à questão da língua, por exemplo, eu falo sempre dessa palavra porque é uma palavra que sempre me chamou a atenção, que é a palavra *chevere*.

Pesquisador: Como é a palavra?

Intercambista 5: Porque é a minha palavra favorita, Chevere. Chevere. C-H-E-V-E-R-E, Chevere.

Pesquisador: Hmm... O que significa?

Intercambista 5: *C-H-E-V-E-R-E*. Significa, vamos traduzir aí... “Legal”, significa “legal”. “Legal”. “Bacana”. E é, PESQUISADOR, na linguagem... a linguagem jovem tudo era Chevere, sabe? Eles falavam muito isso, e eu lembro que no início eu conseguia entender o que que era, mas eu não conseguia falar de jeito nenhum a palavra. Porque eu lembro que eu escutava todo mundo falar, mas parecia que todo mundo falava de uma forma. E aí eu lembro que eu pedia uns amigos para escrever a palavra e eu falava “Chebever”, “Chérever”, e não... não era assim. Eu lembro que quando eu conseguia falar, quando eu consegui falar, aí eu nunca mais deixei totalmente de usar a palavra. Da mesma forma, da mesma forma que eles falam, né? Tudo para eles era Chevere, eu passei a usar. Então, eu, eu, eu conheci uma pessoa aí, essa *persona* “és” *Chevere*. Eu... Eu vi uma pessoa, não sei, eu comi algo aí... eu vivi uma situação legal, “ai que Chevere”, sabe? Então, eu passei a usar tudo também depois que eu aprendi. Essa foi uma dificuldade que eu tive. É... eu vou tentar pensar e qualquer coisa eu volto, mas foi essa questão mais pessoal mesmo, né? De dar saudade, né? De estar só... De ter que ter que se virar, me se virar... Ter que me virar, né? Em uma cidade grande. Então, isso tinha muito, dava muitos medos, né? Como eu falei, pegar um ônibus sozinho, às vezes ir para algum lugar, ter que falar a língua ali sem não ter, não saber muito, enfim, foi bem isso.

Pesquisador: Aí... Bom, vamos pensar agora em dois pontos assim. Quais diferenças você percebeu entre o país estrangeiro, no caso, da Colômbia, que você ficou, e o Brasil? Tem alguma diferença entre os dois?

Intercambista 5: A diferença sempre... sempre tem, né? Olha, eu vou falar mais, por exemplo, de um lugar que eu fiquei mais que Bogotá, tá? Então, questões assim... por exemplo, de cidade mesmo, assim, eu via, por exemplo, em Bogotá um trânsito muito caótico, por exemplo, que me chamava muito a atenção porque eles buzina muito. Eu não vejo dessa forma aqui, né? E lá era assim... Vamos supor que tem uma rua, né? E há muitos carros

parados, né? Esperando o sinal abrir. Então, se abrisse uma brecha, um carro entrava e ficava, assim, meio torto e era uma confusão, assim, sabe? E outra coisa que me chamou a atenção é os carros também, sabe? E eu falo os modelos, assim, me parecia muito mais antigos, um aspecto mais antigo do que do Brasil. Parece que a gente tem carros mais modernos. Mas eu tô falando de uma realidade de 2015, né? Eu não sei hoje como que é, mas me parecia isso, sabe? Os táxis eram bem diferentes. E essa questão de eles buzinar muito, meu Deus, era uma confusão. Eu lembro uma vez que eu tava com uma professora no centro, na Candelária, e ela tava me ajudando a procurar a casa e ela buzinaava horrores, não podia nada passar na frente que ela buzinaava. Hm... outras diferenças... deixa eu pensar. A universidade, eu achei que, por exemplo, lá eles não fazem tantas disciplinas quanto nós, né? Na graduação geralmente eles fazem de três a quatro. E as aulas, elas eram muito longas, não era como... parecia aulas de mestrado, assim, em questão de horário, sabe? É muito tempo, como se fosse 4 horas de aula, né? Eram bem longas mesmo. Então, isso é um diferencial daqui, né? Porque eu lembro que na graduação eu cheguei a fazer oito, dez disciplinas em um semestre, né? Lá não era assim. Inclusive, lá eu acho que, por estar muito adaptada a fazer muitas disciplinas, lá eu fiz cinco. Fiz mais do que os alunos mesmo fazem, mas também era para aproveitar, né?

Pesquisador: Nossa, diferente...

Intercambista 5: Tem diferenças, né? É para falar diferenças, né?

Pesquisador: Tipo assim, você respondeu bem...

Intercambista 5: Me ajuda aí, tenta... que aí eu posso lembrar mais.

Pesquisador: Bom, pensando em questão de diferença, mas usamos ainda a questão da diferença.

Intercambista 5: Estou me lembrando do meu TCC, como é difícil lembrar e fazer...

Pesquisador: O que que você notou de diferente na sua pessoa a partir da experiência de morar fora do Brasil?

Intercambista 5: Nossa...

Pesquisador: Nossa, essa é pesada, né?

Intercambista 5: Essa pergunta ela é essencial. Eu acredito. Eu falo que a mobilidade, né? O intercâmbio, ele ainda é muito... Ele ainda não é inclusivo, assim, no sentido de que ele não é uma oportunidade para todos. Infelizmente, sabe? Mas é algo que deveria ser. Eu falo que foi a melhor experiência da minha vida e principalmente nessa questão pessoal. Eu aprendi muito, assim... como eu comentei na questão da timidez, o quanto que eu me desenvolvi. Eu falo que [Luex6] eu realmente voltei, uma outra, outra LUARA, assim... É... o fato de ter que fazer as coisas por mim mesma, sabe? Para mim, né? Eu não tinha ninguém para depender,

por exemplo. Então, isso me ajudou a crescer como pessoa, sabe, a me desenvolver. E, além disso, eu estava realizando um sonho, sabe? E sempre foi um sonho para mim, ir para fora e poder aprender uma língua e passar um tempo. Então, eu percebi que, assim... que é possível, sabe? Eu posso fazer isso. Além disso, eu acho que mais essa questão de me desenvolver, né? Pessoalmente, da minha timidez, eu acho, eu tô aqui... pegando o que... tem tanto... o que eu falei sobre mim...

Pesquisador: Mas você falou da oportunidade. Você falou de ser capaz de ir para fora, de realizar o sonho.

Intercambista 5: Realizar meus sonhos. Deixa eu ver o que mais...

Pesquisador: Pensando nessa questão do sonho, né? Você vê, por exemplo, se a pessoa mudou. Você falou que você conseguiu ficar, né, com mais autonomia, se desenvolver.

Intercambista 5: Mais autonomia. Eu tive mais autonomia. Exato.

Pesquisador: Certo. E pensando nessa questão, como que você passou a enxergar o mundo a partir dessa experiência que você teve no exterior?

Intercambista 5: Aí, PESQUISADOR, tá vendo? Eu preciso de você para me guiar... Já ia esquecendo essa parte. Isso também diz muito sobre... Isso é uma outra pergunta? Essa pergunta ela tá relacionada à anterior, tá? Então, como eu disse, eu cresci muito pessoalmente e isso me ajudou a ver o mundo de uma maneira diferente porque, assim, eu sempre tive curiosidade em aprender línguas, aprender culturas. Eu sempre soube que o mundo estava para além do lugar que eu vim. Sabia que tinha muito mais coisas além daquele lugarzinho que eu sempre morei toda a minha vida. E eu sempre tive curiosidade de conhecer. E aí, nessa experiência, eu acho que eu pude entender um pouco dessa questão, sabe? De que as pessoas, elas são diferentes e nós nos complementamos, sabe? Isso é muito bonito. Além disso, eu... uma coisa que eu aprendi é o fato de respeitar a cultura do outro, respeitar coisas que são deles, sabe? Assim como é necessário respeitar coisas que são nossas. Eu tive uma visão diferente em relação ao estudante internacional, e hoje eu tenho a oportunidade de trabalhar, estar relacionada com isso na universidade que eu estou atualmente. E isso me motivou muito a querer sempre ajudá-los. Porque estando ali, né, eu vivi na pele o que é a realidade de você sair da sua zona de conforto e ir para um país diferente, onde você vai aprender uma língua, onde você vai conhecer culturas diferentes. Porque a gente não fala só de cultura, é de “culturas” no plural. Porque não é uma só... são várias e... Então, eu... eu tive pessoas que me ajudaram, sabe? Então, eu acho que eu olho para eles com um olhar diferente, sabe? Então, você... para você ter ideia, aqui na universidade que eu estou, eu vivo cercada de estudantes internacionais. Então, eu almoço com eles, eu ajudo. Se precisam, eu os ajudo, mas eu tenho

relacionamento bom com eles, conheço eles, sabe? E isso para mim é bacana, porque eu falo que enquanto eu não estou indo, né, para o mundo, o mundo, o mundo está vindo até mim. Então, eu aproveito e é muito legal. E então, eu aprendi a olhar para eles com mais empatia, sabe? Com mais empatia. De entender que as pessoas, elas, a gente pode ajudar o outro, né? Assim como eu fui muito ajudada na Colômbia. Meu Deus! Então, eu acho que é isso! A minha visão mudou muito nessa questão do respeito à cultura, ao outro, a importância de ser mais empático, em ajudar talvez um estudante internacional, não só estudante, né? Mas porque é difícil mesmo você ir para um lugar desconhecido e começar as coisas... E a questão da, como eu disse, na questão da timidez. Eu... eu me desenvolvi muito, né? Isso para mim me ajudou a crescer, né? E a tornar quem eu sou hoje, isso me compõe, sabe? E essa experiência do intercâmbio me compõe hoje porque faz muito... olha para você ver... uma experiência que me trouxe noções e sonhos, né? De... de, por exemplo, de continuar estudando nessa questão da internacionalização, por exemplo. Sabe, isso faz parte, faz parte do que eu sou, do que eu gosto. E hoje, eu também estou realizando isso estando aqui, né? Porque, atualmente, eu me voluntário, né, no Escritório de Cooperação Internacional aqui da universidade.

Pesquisador: Você é voluntária no quê?

Intercambista 5: No Escritório de Cooperação Internacional. No ano de 2023, eu fui bolsista e eu era secretária executiva lá. E esse ano aí minha bolsa acabou. Esse ano, eu gosto tanto que eu me tornei voluntária e eu faço. E eu continuo, né? Atualmente eu tô com português para estrangeiros. Tenho ajudado a minha orientadora nessas questões, né? O Celpe Bras, que é o exame de proficiência de português. Então, assim, eu sempre tô voltada para alguma coisa assim relacionada às pessoas, né? Que são de outros países, enfim. E é isso...

Pesquisador: Ok. Obrigado.

Intercambista 5: Falei demais...

Pesquisador: Calma aí, porque tem mais perguntas ainda. Calma aí, a gente tem outra pergunta ainda.

Intercambista 5: Nossa! Bom, eu estou com dificuldade de lembrar um pouco.

Pesquisador: Às vezes, é o nervosismo de ser gravado, mas aos poucos vai passando. Bom... você acredita que a sua experiência de viver no Brasil foi afetada depois de retornar? Você poderia mencionar algum exemplo?

Intercambista 5: A minha experiência de viver no Brasil ou na Colômbia.

Pesquisador: Não, no Brasil. Você acredita que sua experiência de viver no Brasil foi afetada depois de retornar?

Intercambista 5: Quando eu voltei, se eu fui, se a minha experiência foi afetada?

Pesquisador: É...

Intercambista 5: Eu acredito que sim, né? Mas você fala de maneira pessoal em relação ao país?

Pesquisador: Você quem sabe!

Intercambista 5: E eu acredito que sim, né? Como eu disse, eu voltei... eu voltei, assim, sendo uma outra pessoa. Então, eu acho que a minha vivência aqui também passou a ser mais madura, mais autônoma também, né? E eu tracei objetivos mais claros. E quando eu voltei...

Pesquisador: Em questão, assim, de costumes, teve alguma coisa que você falou assim: “Nossa, isso aqui é muito característico. Nossa, agora que tô voltando a fazer isso”, algo de brasileiro mesmo, assim...

Intercambista 5: Ai, meu Deus! Olha, eu acho que é... hm... Tem quantos anos que eu voltei? Hm... vai fazer quantos anos? Tá fazendo... ano que vem faz dez anos que eu voltei. Então, assim, é muito tempo, sabe? É... ah, eu acho que... eu acho que também o fato de... eu não sei se vai estar de acordo. Talvez antes, né? Acho que o valor que eu, que hoje eu dou mais à minha família também, porque a distância, né, que presenciei lá... Eu iria de novo, claro. Mas assim, acho que eu pude ver com mais importância, com mais valor, sabe? O fato de ter a família por perto. De ter família! Algumas coisas eu acho que eu não mudei e eu não tive muitos hábitos, assim. Eu lembro que, no início, quando eu voltei, foi muito difícil, por exemplo, para me adaptar questões de sono, né? Mas é uma coisa ao mesmo tempo que eu vejo a importância, né? Familiar. [Luex7] Eu criei uma independência muito grande na Colômbia e isso, para mim, quando eu voltei, foi um choque porque parecia que era como se eu fosse um passarinho, assim, dentro de uma gaiola. Não, acho que também eu era um passarinho, mas só para contextualizar, para entender. E eu voei. E aí era como se eu voltasse, tivesse que entrar de novo nessa gaiola, assim, sabe? Querendo ou não... Ah, eu sempre morei com os meus avós, né? Meus pais e eles. Família tem essa coisa de superproteção, de querer cuidar e tudo mais. E lá na Colômbia era assim: eu fazia o que eu queria. Eu sabia, né, o que era bom para mim ou não. E aí eu tive que voltar, né? Sob... sob o olhar deles novamente, né? Então, acho que eu senti muito isso em relação à minha volta. Quanto à questão do país, eu acho que não. Eu acho que tem muita semelhança. O Brasil tem diferenças? Tem, claro, mas eu acho que é mais semelhanças do que diferenças. Eu falo no sentido de tipo de povo, sabe? Disso que eu já falei sobre como, como nós somos e como eles são. Então acho que é isso...

Pesquisador: Você acha que você aprendeu algo sobre si morando no exterior? E aqui, o que você percebeu sobre si? Sobre você?

Intercambista 5: Aprendi. Aprendi, claro. Eu descobri que eu realmente amo muito aprender sobre as pessoas, aprender línguas e cultura. É realmente algo desde pequena. E eu... eu cresci num lugar tão limitado, mas tudo isso sempre foi muito curioso para mim. O mundo sempre foi muito curioso. Assim, sabe, eu sempre tive muita curiosidade. Então, eu acho que o mais legal é que depois que eu voltei da Colômbia, eu falei: “nossa, eu sempre sonhava, né? Ir para outro país, conhecer pessoas, fazer amizades. E agora eu tenho amigos de vários lugares do mundo. Meu Deus!”. Então, assim, pensar que isso é uma realidade, sabe? E eu aprendi que... eu acho que eu aprendi que eu gosto de ajudar essas pessoas, né? Igual eu falei, a empatia. Eu me ponho realmente no lugar delas...

Pesquisador: E você mencionou os amigos. O que que você aprendeu com eles? Com os estrangeiros. Alguma lembrança? “Nossa, isso aqui eu aprendi com um estrangeiro”, por exemplo.

Intercambista 5: Eu acho que eu tenho mais lembrança do que eu ensinei, esse tipo de palavras, essas coisas. Mas, ah, eu não digo que com estrangeiros, mas... Eu aprendi que aonde a gente for, a gente vai encontrar pessoas bacanas, sabe? Vamos ter pessoas que vão querer estar perto, conhecer, ajudar e isso é muito precioso. E eu sempre pensei, depois disso, eu falei eu quero ser uma pessoa assim, sabe? Então acho que isso mudou bastante nesse sentido. Mas quanto aos amigos, aí eu ensinava umas palavras muito engraçadas, por exemplo, de português para eles.

Pesquisador: Tem alguma que você lembra?

Intercambista 5: Ai, você vai colocar isso, sério? Uma amiga, minha melhor amiga colombiana, que a gente conversa até hoje, inclusive eu ensinei pra ela duas coisas. Ai, que vergonha de falar... Eu ensinei ela falar “ser cecezuda”. E a outra palavra acho que era “catarrenta”.

Pesquisador: O quê?

Intercambista 5: Catarrenta, catarrenta.

Pesquisador: A primeira palavra era qual mesmo? Fale de novo!

Intercambista 5: Cecezuda, de cecê.

Pesquisador: (risos discretos).

Intercambista 5: Isso sim... E pior e incrível que pareça, eu acho que ela não lembra nem como que fala assim: “Oi, tudo bem?”. Mas eu tenho certeza que ela lembra dessas duas palavras. Eu conheci muitas pessoas de outros países, assim, não só colombianos, né? Eu conheci o pessoal da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos e foi bem legal ver todo mundo do... México, do Chile. Conheci o pessoal do Chile. Foi muito legal ver essa questão.

Pesquisador: Assim, das pessoas que falam espanhol nos países hispanohablantes, você percebeu alguma diferença na língua, de um pro outro que fala, que você fala assim... “Nossa, é muito visível”?

Intercambista5: Claro, sim. Assim, por exemplo, vou falar, eu vou falar mais do... da Colômbia, tá?

Pesquisador: Pode falar também de outros, mesmo eu não entendendo muito não.

Intercambista 5: Vou falar não, porque você vai ter que transcrever. Mas, por exemplo, é claro que existe uma diferença, né? De acentos, né? Sotaque, que fala no português, por exemplo, de um espanhol do Chile, da Colômbia, do México. Até hoje mesmo, quando eu vou falar, alguém pergunta de onde que é o meu espanhol, né, por exemplo, porque não condiz muito com o espanhol deles. Enfim... Então é perceptível a diferença. E o mais legal é que na Colômbia, né, assim como no Brasil, né, a gente tem essa diversidade, né? E eu não falo de variedade linguística, falo da diversidade linguística, que é um termo mais usado atualmente, né? Também é... assim... como a gente, né? Por exemplo, o mineiro fala de uma forma, o gaúcho fala de outra. E... enfim, o nordestino de uma outra forma. Na Colômbia é a mesma coisa, né? Eu lembro que eu fiz uma disciplina de espanhol 1, castelhano 1, uma professora muito querida, e ela trabalhava fonética, né? Nessa aula, eu dei uma aula, eu ensinei o alfabeto, né, em português, para eles aprenderem um pouquinho. E nessa aula eles, os alunos né, tinham que fazer um trabalho e levar algo típico de cada estado e trabalhar a questão do acento, né? E é muito realmente visível. Eu lembro que tinha uma colega que ela era de Barranquilla, também da terra da Shakira, e ela falava muito, muito, muito rápido, mas muito rápido. Todos já falavam rápido, mas ela, além de falar rápido, ela comia as palavras, então ela não falava “yo hablo espanhol”, era yo hablo “pañol”. Era desse jeito rápido assim, e ela falava muito rápido, então assim era nítido ver a diferença até na própria Colômbia, sabe? O sotaque, então, era bem interessante, mas sim, existe, por exemplo, você vai ver um argentino falar. Ele fala: “chuvia”, “echa”. E aí o colombiano fala: É “dia de “Juvia”, por exemplo, né? Mas aí você vai para costa, da Colômbia, eles falam “lluvia”, “Ella!”. Ou você vai para a Espanha, e eles falam algo do tipo, né? Também é bem, bem, bem interessante, né? Muda algumas palavras também, bem legal.

Pesquisador: Obrigado, a próxima pergunta é: qual ideia que você tinha sobre morar fora?

Intercambista 5: Eu acho que aquela ideia comum que tudo vai dar certo, que não vai ter contratempos. Eu pensava que viveria numa excelente casa, não que eu não vivi, mas eu morava dentro de um quarto praticamente. E que eu, que eu não passaria por dificuldades, não teria medos, né? A gente sempre pensa que vai ser tudo muito, muito bonito. É... é, mas

assim... é muito legal e bonito, mas também não é um mar de rosas. Imagina, né? Seria essa questão? É tudo muito diferente. A comida é diferente...

Pesquisador: Você mencionou um pouquinho mais cedo sobre a questão do café da manhã, né? E essa pergunta é direcionada um pouco para aquilo ali que você mencionou mesmo. Quais costumes você percebeu que são diferentes do seu país de origem?

Intercambista 5: Ah, ok. Então, eu acho que alguns alimentos, como eu comentei, né? Era bem interessante. Por exemplo, o fígado, né? Tinha um fígado, um pão e tinha um chocolate quente também. Então, olha, olha que eu lembro que eu tirei foto disso. Então, olha que interessante essa composição. E, além disso, eu lembro da salada que fazia, não gosto muito de comida agridoce, né, mas colocava manga na salada e fazia uma mistura, assim, acho que era repolho e tal. Bom, eu não tenho costume disso, né? Não sei se isso é normal no Brasil, mas não era do meu costume, né? Então, por exemplo, eu lembro do abacate, a forma como eu comia, né? Então eu usava abacate como uma sobremesa às vezes. E eu lembro que eu falei: “olha, pessoal, no Brasil, a gente, o abacate, a gente come e a gente...”. Porque para nós é uma fruta, porque para eles é como se fosse uma verdura, né? Um vegetal, uma coisa assim que eles comem com comida, só comida salgada.

Pesquisador: Gente.

Intercambista 5: E aí eu falava: “olha, a gente faz também, é vitamina, né?”. E eles achavam absurdo. E aí eu falei: “eu vou fazer para vocês, vocês vão tomar”. Aí alguns tomaram. Eu lembro de um amigo da casa que ele saiu correndo, literalmente fugiu e falou... Isso vai me dar indigestão. Então, olha que legal essas diferenças, né? E eu falei não dá indigestão... E é muito gostoso. É maravilhoso, né? Mas não quis tomar, alguns provaram e não gostaram muito não. Então, tem essas diferenças que por mais que... Qual foi a pergunta mesmo? O que você perguntou?

Pesquisador: As questões que você percebeu e quais são as diferenças do seu país de origem?

Intercambista: Eh. Ai... Será que eu percebi? Só comida?

Pesquisador: Não tem problema. Só de você ter se lembrado e de ter mencionado essa questão do abacate, acho que ela está ótima. Tá ótimo! Tá tudo bem... Bom, eu vou entrar em uma pergunta agora. Ela é um pouco mais, assim, direcionada para uma parte não tão agradável, mas ela é importante também porque busca alguns momentos de vivência, assim... Você teve alguma experiência de choque cultural que foi difícil de lidar? Porque a gente fala, por exemplo, dos choques culturais que são mais positivos, né? Da comida, da cultura. A diferença, aquilo que aguça a gente, mas algo no sentido negativo. Você teve algum choque

cultural que você vivenciou? “Foi muito difícil isso aqui...”. Tipo, “realmente foi assim... Opa!”.

Intercambista 5: Sinceramente, eu acho que eu não tive, calma. Mas sério, eu tô olhando o meu TCC aqui, porque eu não, eu tô com a cabeça muito ruim e... Quando você fala choque cultural seria algo mais extremo, né?

Pesquisador: Convivência, por exemplo. Vou falar uma experiência que eu tive na Alemanha, por exemplo. Quando eu fui tomar café da manhã, um padre alemão, que meu irmão é padre, morava no mesmo convento. Visitando ele, um padre puxou um lenço, todo mundo comendo. Ele assoou o nariz na mesa. Eu quase morri, né? Aquela “gorfada”, meu irmão bateu o cotovelo no meu braço e falou: “não faz isso, é normal aqui”. Tipo, um choque cultural assim, desse tipo, dessas situações. Por exemplo, entrar num lugar que não pode perguntar algo que seria tipo assim, culturalmente, uma ofensa, coisa nesse sentido. Pensa no italiano, por exemplo, você pedir um cappuccino depois do meio dia.

Intercambista 5: Não, na verdade não. Nossa, eu não tive. Eu acho que assim, você foi para um país muito de cultura, muito, muito diferente mesmo. Eu acho isso que eu falei. Acho que a América Latina em si, né, a gente tem uma coisa que... que nos une, né? De certa forma, né? Mas como eu mencionei, né, choque cultural acho que não. Eu tive essas questões, assim, essas diferenças que eu percebia, mas que eram algo muito, muito, muito simples, sabe? Bom, é difícil dizer que não... Eu não me lembro. Eu acho. Você pode colocar assim. Ela não se lembra. Porque dizer que eu não tive é complicado.

Pesquisador: Mas você não lembra assim não foi tão negativo. Às vezes foi uma coisa assim. Foi mais uma curiosidade, né? Bom, eu poderia relatar as suas dificuldades em aprender a língua. Existe algum fator sobre a língua estrangeira, por exemplo, um vocabulário que tenha marcado sua história nesse processo imigratório?

Intercambista 5: [Luex2] Sim. Vamos lá. Olha, eu acho que a gente começa pela língua, a questão de eles falarem muito rápido, né? É porque a gente pensa: “ah, vou entender”. Mas não é assim. E o mais interessante é que eles também me falavam, achavam que eu falava rápido o português, sabe? Então, às vezes... Eu tinha uma amiga, que era da Bahia, morava na mesma casa que eu. Aí, às vezes, a gente tava na mesa, a gente falava em português e aí todo mundo falava ela é da Bahia, eu sou de Minas. Me falavam que eu falava mais rápido também que ela e eles não entendiam nada. Então, eu ficava assim: “Nossa, e eu achando que era só eu que pensava, né, que escutava eles falando muito rápido, mas eles também escutam a gente falando muito rápido”. E a língua eu tinha... eu tinha muita dificuldade, por exemplo, na questão do V e do B, né? Porque no espanhol às vezes tem o mesmo som, né? Então, por

exemplo, a palavra “vaca”, eu não digo vaca com som de V. Eu digo, escreve com V, mas falo vaca com som de B. Entendeu? Mas já a palavra “avião”, avião eu falo com V. Avião já é com som de V. E isso eu lembro que para escrever eu sempre tinha muito, muita dúvida, sabe? Para escrever. Eu lembro que às vezes eu ia fazer, eu fazia, eu tinha a minha rotina na universidade, era normal, eu participei das aulas, eu fiz prova. Quando eu fiz a minha primeira prova, eu não sabia nada de espanhol e era apenas uma pergunta numa fitinha assim e valendo nota.

Pesquisador: Você lembra o que que era? Pergunta. Mas era para escrever, era algo da disciplina?

Intercambista 5: Não lembro... Ah... era da disciplina da universidade, no caso. Da universidade, da universidade. E então eu tinha... eu tinha dificuldade nessa questão de diferenciar o V e o B. A questão da palavra “Chevere”, como eu mencionei. Eu lia bem o espanhol e eu fui aprendendo também a pronúncia, né? As letras, né? E tudo mais. Essa questão da adaptação, de perceber o seu pensamento pensando para falar e depois aquilo se tornando mais, algo mais natural. Foi muito legal isso para mim em espanhol. Deixa eu pensar mais. Por exemplo, né, quando eu falo aqui, eu falo eu e eu e você, né? Sempre coloca um sujeito, o outro antes, né? Então, era algo que sempre trocava, então eu não falava lá, eu e você, falava Tu y Yo. Ah, uma outra questão interessante da língua é a formalidade. Lá, eles usam o você para dizer “o tu”, que é o informal, ou “usted”, que é o formal. Então, eu, quando não tinha intimidade com a pessoa, eu não usava o “tu”, eu usava “usted”. E quando às vezes eu queria usar, né, o “tu”, eu perguntava, eu perguntava, me ensinaram, né? Eu perguntava se eu podia “tutear” com aquela pessoa. “Puedo tutear con usted?” Se ela liberasse, eu falaria o “tu” então, passava a usar o “tu”. Mas com meus amigos da universidade era “tu”. Agora, com a minha professora era “usted”, né? Então, tinha essa questão da formalidade. Olha que interessante, né? E uma outra coisa que era muito legal, por exemplo, os donos da minha casa, um casal era "don" e "doña. Don Manuel, né? Doña como se fosse dona, a ideia de senhor e senhora, né? E uma outra maneira que se... que se usava.

Pesquisador: Ah sim, uma forma de usar a formalidade no ambiente de casa.

Intercambista 5: Era assim... Na verdade, era informal, mas eles são senhores, né? Então todo mundo chamava assim. Na verdade, eu não usava Don, era senhor para ele, que era doña Dani, senhor Manuel. Também chamava de Don Manuel, se não me engano. Mas enfim, não põe isso não... Só fala da questão da formalidade que tinha também. Tá na língua, né? Ah, eu lembrei um fato interessante, mas não tem nada a ver com a língua. Lembrei outra.

Pesquisador: Outra coisa? Pode falar, pode falar...

Intercambista 5: Pode falar? Aí você acrescenta lá.

Pesquisador: Acrescento, vou colocando.

Intercambista 5: Eu lembrei uma coisa que me causou choque cultural. Uma vez eu estava numa disciplina da professora da área, um amor de pessoa, e eu passei muita dificuldade na disciplina dela, porque eu nem lembro muito qual era o nome da matéria, mas a gente tinha que fazer aquelas arvorezinhas da língua, sabe? Era bem complexo. E eu fazendo espanhol. Eu lembro que tinha uns colegas meus que chegavam muito alegre na sala de aula, muito alegre, e eu falava “gente”, o que que tá acontecendo, né? [Luex 3] E aí eu lembro que eu também, quando eu estava fora da sala de aula, né, que era um lugar, assim, verde, né? Assim tipo, tipo como tem na UFLA, né, esses lugares que o pessoal senta na grama e tudo mais. Essa galera também sentava na grama, eles ficavam rindo horrores, horrores, estavam sempre muito alegres. Até que eu fui entender o que tava acontecendo, né? Estavam dentro da universidade fazendo uso de drogas, que é super normal. Estavam fazendo uso, é maconha, né? E tudo mais... E aí eu lembro que eu só confirmei. Comprovei isso porque um dia eu estava indo para casa, passando em uma praça para ir para minha casa. Esses colegas estavam nessa praça também e lá eu vi eles usando droga, né? E eles estavam muito contentes também, sempre assim. Então, isso para mim, em 2015, lembrando, foi algo que me assustou. Eu falei: “poxa, como assim?”. E era de dia, de tarde, assim, sabe? E eles usando droga. E na faculdade, e é normal, é liberado. Tá tudo certo na Colômbia. Aí eu fui questionar um colega e ele comentou que se torna a questão de polícia ou tráfico quando você tem uma grande quantidade para isso. Mas, ao contrário disso, é normal, além de... Inclusive, eu lembro que eu fui no Monserrate, que é um lugar onde fica uma igreja que fica no alto de uma montanha onde você vê Bogotá inteira. E nesse lugar tem vendas. E nessa venda tinha uma vendinha que vendia tudo... pomada de marijuana. E vendia remédio, chazinho de marijuana. Tinha pomada, tudo que você pudesse de maconha, porque é medicinal para eles também.

Pesquisador: Nossa... não sabia...

Intercambista 5: Como hoje, né? Hoje eu vejo essa realidade no Brasil das pessoas usando assim, né? Mas em 2015, ainda, eu não via isso, pelo menos não na minha realidade, né? Questão social que eu vivia dizendo na minha cidade que era muito pequena. Claro que depois disso eu já passei a ver, né? Mas naquela época foi assustador para mim. Eu falei: “essa galera tá muito feliz, o que tá acontecendo?”. Até que eu pude entender, sabe? Então, isso me assustou um pouco, mas foi interessante, assim.

Pesquisador: E você falou dessa questão do choque, né? Antes disso, a gente tava falando sobre a questão da língua, questões migratórias... a dificuldade. A gente fala, a dificuldade

que você mencionou. O que que você acha que ajudou no seu processo de aprendizado da língua estrangeira? O que ajudou?

Intercambista 5: Fala a imersão?

Pesquisador: Não... Tipo assim, não só a imersão, mas, por exemplo, o que que você viu no seu processo de aprendizado que lhe auxiliou a aprender mais rápido ou acelerar alguma coisa?

Intercambista 5: [Luex4] Sim, sim, sim. Eu falo que já foi comprovação por estudos, né, de pesquisas que eu fiz. A interação você precisa, como diz, né, “meter a cara” e não se importar se você errou, se você acertou, mas realmente tentar se comunicar. Porque eu percebia muitas das vezes que eu errando e tentando melhorar aquilo, eu aprendia, como foi a questão da palavra “chevere”. Então, a interação foi um ponto muito importante para mim. Eu queria conhecer as pessoas também, né? Então, eu me permiti, né, deixar a timidez de lado e me permiti conversar com as pessoas. E eu tinha curiosidade. Eu perguntava outra coisa que eu fazia, não me importava se eu errava, se eu falava, eles poderiam me corrigir e as pessoas me corrigiam. E aí, que que eu fazia? Eu repetia. Então foram métodos assim, foram formas que... que eu criei para aprender a língua. Além disso, eu escutava músicas, isso me ajudava... mais ou menos, mas foi...

Pesquisador: Um cantor, assim, que você gosta mais em espanhol?

Intercambista 5: Eu já escutava, né? Então, eu sempre gostei muito de Jazz, Joy, Matisse. São bandas mexicanas. Banda colombiana... Eu gosto, ah, é uma banda masculina... tem duas, na verdade, que depois eu te passo. E é muito boa se você quiser ouvir também. Legal. E então eu... eu tinha essa prática, sabe? Eu lia, né? Porque a universidade exigia que eu lesse, que eu lesse textos acadêmicos, né? Inclusive, eu fiz aula de literatura colombiana que, meu Deus, eu era muito ruim. A sorte é que o professor gostava muito de mim. Uma graça! Gostava de mim e da minha colega da Bahia lá. Quando a gente foi embora, quando a gente foi embora, ele até nos presenteou com um livro de um aluno dele, mas eu não entendia nada, porque eu já não gosto muito de literatura, assim, de estudar. E eu tive que ler 100 anos de Soledad, 100 Anos de Solidão em espanhol. Já pensou? Meu Deus! Não, não, não foi fácil. Tá, era difícil querer participar da... ter participações nas aulas porque eu quase não entendia nada. Mas então foi isso. Eu acho que, principalmente, a interação foi um ponto essencial. Não ter medo de ser corrigida, de perguntar, eu perguntava. Eu não tinha... não tinha mesmo porque eu estava determinada a aprender a língua e eu repetia muito, eu ficava “chevere”, “chevere”, “chevere”. Eu lembro que uma vez eu cheguei a dormir com ela, cheguei para tentar aprender, e é isso, né? Memorização, memorização, escutar música. Eu escutava

música. Eu não assistia muita TV porque eu não tinha TV no quarto, era mais na sala de onde nós comíamos e o pessoal assistia.

Pesquisador: Você falou do aprendizado da língua agora, né? Alguma dificuldade... a questão da interação, mas pensando aqui um pouco sobre a UFLA, de que maneira que a universidade contribuiu para o seu aprendizado?

Intercambista 5: Mas qual aprendizado? Nesse sentido de que a imersão dá oportunidade ao futuro? Bolsa? Oportunidade?

Pesquisador: Sim, sim, sim.

Intercambista 5: Olha, como eu vim de uma cidade de interior pequena, né? Até então, na minha época, nem existiam cursos de outras línguas, né? Hoje já existe, mas antes não. Então, sempre foi muito interesse meu. E eu escolhi Letras também, justamente porque eu sabia que eu tinha possibilidade de aprender outra língua. E então eu já entrei na universidade pensando nisso e sabendo que a universidade talvez poderia também me dar a oportunidade de fazer intercâmbio. E não é que aconteceu? Então, é através dessa, dessa parceria que a UFLA fez, né? Entrou nesse... não sei como fala... nesse acordo aí entre Brasil e Colômbia, né? No programa que eu tive a oportunidade de ir para Colômbia. E foi assim. Foi muito bom, sabe? E eu tive toda a assistência da minha orientadora que é a professora Tânia Romero. E na época, ela ainda não era minha orientadora, mas ela que estava cuidando dessa parte e ela foi muito solícita, me ajudou em muitas coisas e, quando eu voltei, eu falei: “pode me orientar, eu quero falar sobre isso”. Eu ia falar de coisa totalmente diferente. Então a UFLA claro que ajudou por causa que a gente já pensa, a gente vê que é uma universidade internacionalizada, né, que busca oportunidade para os seus alunos. Porque se não fosse isso, não teria como eu ir, né? Porque precisa passar primeiro por esse vínculo da UFLA. Então, com certeza foi. Foi muito importante. Eu lembro que antes de irmos, né, porque foram dois alunos da Letras, dois da Administração e dois do Direito e cada um foi para um lugar na Colômbia e teve um processo seletivo para isso. E então a Tânia, né, ela juntou alguns alunos colombianos da UFLA para eles falarem com a gente. Então, isso também foi muito bom, porque eles já deixaram a gente um pouco mais tranquilo, já explicou mais ou menos algumas coisas como funcionava, né? Então isso já deu uma introdução para gente. Então foi muito legal, né? Ouvir, eles também foram bem bacanas. Inclusive tem alguns que eu tenho contato ainda até hoje.

Pesquisador: Nós chegamos aqui nas duas últimas perguntas.

Intercambista 5: Já?

Pesquisador: Já. A penúltima pergunta é a seguinte: existe algo que poderia ter sido feito diferente para o seu aprendizado... e aqui fica aberto para você entender a questão do aprendizado da língua, da vivência, da oportunidade... Existe algo que você acha que poderia ter sido feito diferente?

Intercambista 5: [Luex5] Olha, eu acredito que eu tentei usar o máximo de recursos que eu podia porque eu estava, eu estava muito interessada em aprender a língua. Então, eu acho que aquilo que estava diante de mim, eu tentei aproveitar, sabe? Com as minhas limitações, claro, né? Porque é tudo muito novo, né? Mas talvez eu teria buscado nesses seis meses um curso mais específico, por exemplo. Tentaria buscar para saber se a universidade oferecia curso de espanhol para estrangeiros. Eu fiz disciplina de castelhano 1 e 2. Isso me ajudou porque eu estudei fonética e fonologia. Era aula daquele desenho de árvore, dessas coisinhas que a gente fazia...

Pesquisador: Da sintaxe gerativa.

Intercambista 5: Ah, eu acho que o diagrama arbóreo. Continuando... eu acho que era sintaxe, eu acho, mas não era aquela coisa de estudar mesmo espanhol. Eu acho que eu aprendi mesmo no dia a dia, nos estudos, com as pessoas. Talvez eu buscaria a um curso, né? Se a universidade talvez oferecesse, daria a possibilidade de conhecer outras pessoas de outros países, mais pessoas, né? Porque eu conheci bastante, eu viajei bastante, eu mochilei, fiz aula de dança, ensinei sambar um pouquinho, ensinei o pessoal.

Pesquisador: Teve alguma dança em específico?

Intercambista 5: Teve uma aula de educação física que me convidaram, né? Aí eu falei: “ah, eu vou ensinar aí um pouquinho para vocês sambarem”. E eles me ensinaram um pouco de salsa, mas foi muito engraçado porque o professor escolheu a música para aprender sambar. E a música era “Olha a onda, olha a onda”. Não, mas dava pra sambar nessa parte, né? Não, não, não, não. Então, aí eu ensinei só o passinho, como que eles faziam com o pezinho, mas tadinhos, foi bem difícil para eles aprenderem. É, mas foi legal. Aprendi um pouquinho de salsa, mas enfim, eu acho que é isso que eu buscaria. Talvez, né? Na universidade, algum curso, alguma coisa voltada para estrangeiros, mas deve que não tinha, porque a universidade não ofereceu, porque o que podia oferecer eles ofereceram. Por exemplo, eu lembro que eu e os outros estudantes internacionais que chegaram no mesmo tempo que eu, nós fomos convidados para... a gente foi para algum outro campus da nossa universidade, onde fica as Relações Internacionais, e nós conhecemos o campus dessa outra parte, que é... que é no centro, e fomos convidados para um almoço com o pessoal das Relações Internacionais, inclusive coordenador. E foi muito chique o almoço, foi muito chique, eu não sabia nem como

colocar os garfos. Que vergonha! Eu ficava olhando e repetindo. E teve, não sei se foi salmão, foi algo bem assim, uma comida bem legal e bem chique. A mesa posta e nos deram boas-vindas, nos deram materiais da universidade. Foi bem legal. Então, acho que se tivesse o curso talvez eu me envolvesse e hoje talvez eu me envolveria mais. Buscaria aula de dança também, coisas mais culturais para me envolver mais. Acho que é isso, para aprender mais a língua, né?

Pesquisador: Bom, então vamos para última pergunta. Essa pergunta vem deslocada de todas as outras, mas eu acho que ela é mais para deixar você livre para dizer da maneira que você quiser, tá? Pedir para você descrever os aspectos culturais que você se lembra do país que você ficou. Isso pode incluir o que você quiser.

Intercambista 5: Tá. Aspectos culturais. Ai, acho que tem tanta coisa que eu me perco assim... Dê um ai... Me ajuda aí, PESQUISADOR! O que você falaria, assim...

Intercambista 5: Eu vou ler a pergunta de novo pra te ajudar a pensar um pouquinho. Descreva aspectos culturais que você se lembra do país que você ficou. Então, quando você pensa na Colômbia, você pensa em quais coisas? O que vêm na sua cabeça primeiro?

Intercambista: Quando eu penso na Colômbia, eu acho que é melhor assim para elaborar... Eu penso, como eu disse... ai, agora eu tô lembrando de outras perguntas que você fez.

Pesquisador: Pode falar... vai falando, tá?

Intercambista: Bom, eu lembro... eu lembro das pessoas, claro. Me lembro de estereótipos que eu tinha e que foram desconstruídos, né? Eu tinha uma certa imagem de como os colombianos falam... estereótipo. Falo do físico, do físico mesmo, né? E de assemelhar eles muito a povos indígenas, assim, das semelhanças... Assim como nós estamos relacionados aos indígenas, eles também, mas para mim era sempre muito essa marca, sabe? Assim, da América Latina em geral, quando você pensa em povos assim, Colômbia, Peru, você lembra de traços muito marcados, né? Traços indígenas. Só que eu cheguei lá, não era assim. Mas é como no Brasil, é um país totalmente miscigenado. Um país miscigenado como no Brasil, claro, de diferentes etnias, com muitas características, enfim. E eu penso na música, né? Claro, né, o reggaeton. Na época, eu acho que tava assim. Eu acho que não, não tinha estourado muito no Brasil. Eu acho que tava começando, sabe? Porque eu lembro que eu cheguei e vi um outdoor do Maluma, por exemplo. Eu nem sabia quem era Maluma, né? Ele chegou a aparecer mais um pouco depois.

Pesquisador: Também acho...

Intercambista 5: E eu sempre penso muito... Quando eu penso na Colômbia, eu penso no café. Por quê? Porque a Colômbia tem um dos melhores cafés do mundo, né? De exportação e

tudo. E apesar de eu não, não gostar muito de café, mas foi lá que eu aprendi a tomar café com leite, por incrível que pareça, né? Sendo algo tão normal pra gente... Mas enfim, eu penso em cores. Eu acho que cores, como eu disse antes, eu vejo a Colômbia e eu acho que isso é um aspecto muito, muito de países da América do Sul, né? Tudo muito colorido, muito vivo, sabe? Quando eu penso na Colômbia. eu penso nas frutas, por exemplo. Tinha uma fruta típica de lá, que é diferente... daqui. Ai, meu Deus, ganhei um pirulito esse ano de uns alunos colombianos... eu vou lembrar... pera aí, a fruta... que eu achei bem, bem, bem, bem assim. Foi bem, foi diferente, sabe? Assim, tem frutas, tem frutas diferentes, e essa em específico que eu tô tentando lembrar o nome... Lulo.

Pesquisador: Lulo?

Intercambista: L-U-L-O, era algo assim que tinha bala... Tinha pirulito. Eu não curti muito não. Suco... Enfim, foi algo diferente. Uma coisa que eu lembrava muito, né? Uma fruta, amora, tudo era de amora. Eles tinham bala de amora, doce de amora, chiclete de amora, tudo lá a gente chama de Mora, Mora, Mora, Mora. Então, eu lembro que eu chegava na universidade, tinham várias vendinhas de bala e tinham várias coisas de amora. Eu lembro muito das Arepuelas.

Pesquisador: Que é?

Intercambista 2: É tipo um bolinho de banana. E lembro muito de Arepas também, claro, Arepas colombianas que são famosíssimas, né? Arepas colombianas também bem gostosas. Ai, lembro de algumas questões de aí... lembro dos ônibus. Ai, eu tenho que falar sobre isso? Que vergonha! É um choque cultural, você pode colocar aí? Vamos lá abrir parênteses... Choque. Vamos lá... Choque cultural. Eu lembro que eu cheguei na Colômbia e peguei pela primeira vez um ônibus com uma professora da universidade que foi me ajudar. Aí nós estávamos lá dentro do ônibus e uma mulher foi e disse assim no telefone: “estoy llegando” “estoy em la boceta”. E eu olhei e falei... Eu já sabia, né, claro, mas eu nunca tinha escutado aquilo... Aí eu comentei com a minha professora: “você sabe o que ela disse? O que é no meu país?”. Aí ela riu e disse: “sei”. Então, foi algo assim, foi bem assim... para mim. E uma coisa que eu lembro da Colômbia... Agora fecha parênteses e volta para o último tópico. Uma coisa que eu, quando eu penso na Colômbia, eu lembro dos ônibus, por exemplo. E os ônibus são, são um pouco diferentes, sabe? E para mim, os colombianos em si, eles não têm uma estatura muito alta. Eu achava que eu era bem alta lá. Então, os ônibus são bem assim... os espaços entre os bancos não são muito espaçosos, são ônibus menores, né? As “bucetas”, que eles chamam, são ônibus menores, né? Aí tem o bus, né, que às vezes são ônibus maiores também. Eu lembro disso porque era muito... é... até os ônibus eram muito coloridos, assim. Tinha

umas cortinas, sabe? Era algo muito diferente. Assim, a gente não tem esse tipo de ônibus aqui no Brasil.

Pesquisador: Cortina, né?

Intercambista: Umas cortinas coloridas. Eu lembro que era... tinha enfeite, sabe? Tinham enfeites e tudo mais. E isso foi bem interessante, assim... Ai, tá bom... Eu acho que é isso...

Pesquisador: Certo, obrigado...

Intercambista: Ah, e eu não falei que eu fui assaltada? Eu nunca tinha sido assaltada e fui assaltada. Aí, ó, tá aí uns perrengues.

Pesquisador: Quer falar sobre?

Intercambista 5: Ai, não sei... Saí tremendo. Eu saí do ônibus assim... Cartagena, saindo de Cartagena... ainda por cima. E sabe o que acontece? Eu tenho muita dificuldade de escrever e olhar depois de muito tempo para aquilo que eu escrevi, eu não gosto. Eu tô igual o ator de novela que não gosta de ver a própria novela, que faz um tchau. É que faz muito tempo dessa experiência, sabe?

Pesquisador: Para oficializar, então agora eu encerro a entrevista. Agradeço sua participação, obrigado e reafirmo que todos os dados vão ser sigilosos. Eu não vou... Por exemplo, você mencionou meu nome ou mencionou o seu? Eu vou omitir, né, para a questão da pesquisa mesmo, que é exigido pelo Comitê de Ética. E agradeço muito, muito a sua contribuição, principalmente no que tange a falar sobre os países latinos aqui, porque já dá para relacionar com duas entrevistas que eu fiz antes da sua. Vou encerrar a entrevista aqui e a gravação, ok? Obrigado da disponibilidade.

Intercambista 5: E os dados estão liberados aí pra você, tá ok?

Pesquisador: Certinho, só fechar aqui para a gravação.